



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE HISTÓRIA

SANIEL SIMPLÍCIO PEREIRA

CONCEIÇÃO MACULADA: HISTÓRIA, MEMÓRIA E IDENTIDADE EM TRÂNSITO
NAS EXPERIÊNCIAS MIGRATÓRIAS (1980-2010)

CAJAZEIRAS-PB

2024

SANIEL SIMPLÍCIO PEREIRA

**CONCEIÇÃO MACULADA: HISTÓRIA, MEMÓRIA E IDENTIDADE EM TRÂNSITO
NAS EXPERIÊNCIAS MIGRATÓRIAS (1980-2010)**

Monografia apresentada à disciplina Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) de Graduação em Licenciatura Plena em História da Unidade Acadêmica de Ciências Sociais do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito para obtenção de nota.

Orientador: Osmar Luiz Da Silva Filho.

CAJAZEIRAS-PB

2024

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação-(CIP)

P436c	<p>Pereira, Saniel Simplicio.</p> <p>Conceição Maculada: história, memória e identidade em trânsito nas experiências migratórias (1980-2010) / Saniel Simplicio Pereira. – Cajazeiras, 2024.</p> <p>98f. : il. Color.</p> <p>Bibliografia.</p> <p>Orientador: Prof. Dr. Osmar Luiz da Silva Filho.</p> <p>Monografia (Licenciatura em História) UFCG/CFP, 2024.</p> <p>1. Migração nordestina. 2. Conceição - Município - Paraíba. 3. História oral. 4. Memória - migrantes nordestinos. 5. Migrantes – Conceição -Paraíba.</p> <p>I. Silva Filho, Osmar Luiz da. II. Título.</p> <p>UFCG/CFP/BS</p> <p>CDU – 314.15(813.3)</p>
-------	---

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Denize Santos Saraiva Lourenço CRB/15-046

SANIEL SIMPLÍCIO PEREIRA

**CONCEIÇÃO MACULADA: HISTÓRIA, MEMÓRIA E IDENTIDADE EM
TRÂNSITO NAS EXPERIÊNCIAS MIGRATÓRIAS (1980-2010)**

Aprovado em: 19/11/2024



Professor Dr. **Osmar Luiz Da Silva Filho.**

(Orientador)

Documento assinado digitalmente



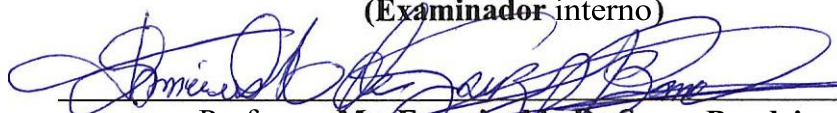
FRANCISCO FIRMINO SALES NETO

Data: 21/11/2024 10:49:25-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Professor Dr. Francisco Firmino Sales Neto

(Examinador interno)



Professor **Me. Francinaldo De Souza Bandeira**

(Examinador interno)

Professora Dr. Camila Corrêa e Silva

(Examinadora suplente)

CAJAZEIRAS-PB

2024

*Dedico a todos os emigrantes conceiçõenses, que
por pressões estruturais ou sonhos, deixarem o
município para viverem em outros.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço às diversas pessoas que ajudaram, apoiaram e incentivaram ao longo de minha jornada acadêmica até então, se torna algo mínimo dentro das particularidades e desafios do processo. Desse modo, aos citados adiante, tem meus mais singelos agradecimentos, respeito e admiração.

A nível acadêmico, especialmente tratando do corpo docente que já compuseram e compõem o Curso de História do Centro de Formação de Professores - CFP, campus da Universidade Federal de Campina Grande – UFCG, meus agradecimentos aos professores: Ana Lunara, Dmitri Bichara, Camila Corrêa, Eliana Rolim, Francinaldo Bandeira, Geraldo Venceslau, Isamarc Lôbo, Israel Sousa, Janaina Camilo, Luiz Mário, Maria Lucinete, Raimunda Coelho, Rodrigo Ceballos, Rosemere Santana, Rosilene Melo, Sérgio Rolemberg, Silvana Vieira, Silvia Massagli, Uelba Alexandre, e Walter Rodrigues.

Especialmente, agradeço a Francisco Neto, que realizou minhas primeiras orientações ao longo das disciplinas de Projeto de Pesquisa, em que me fez enxergar as possibilidades de reflexões históricas dentro da área das migrações. Como também, Osmar Luiz, orientador da presente pesquisa, que com sua amplitude intelectual e grandiosa paciência, possibilitou o desenvolvimento da mesma e contribui de forma direta para minha construção enquanto pesquisador e professor de História.

Com isso, naturalmente deixo meus agradecimentos aos meus amigos e colegas de curso que iniciaram suas jornadas junto comigo, compartilhamos das alegrias e tensões acadêmicas: Geovanni Vieira, Isadora Messias, Sabrina Gregório, Glenda Lamara, Sabrina Severo, Taywany Gomes, Maria Aparecida, Linduardo Ferreira, Luan de Souza, Caio Henrique.

De modo especial, agradeço a Katiana Vale, Mayara Leite, Rafaela Vieira, Vitória Maria, Larissa Rodrigues, Geraldo Mesquita. Que juntos, compartilhamos dos mais puros, intensos momentos e sentimentos da vida universitária e agora da vida, sobretudo nas espreitas e preparações para os concursos da vida.

De modo particular e muito especial, agradeço a José Walber, vizinho de sítio, amigo de escola, recentemente e brevemente de docência, em que iniciamos nossas jornadas acadêmicas juntos e que no caso dele, fomos até o final, literalmente, nunca soltou minha mão, deixou de apoiar e ajudar, muito obrigado! Passamos por muitas dificuldades no percurso, sobretudo no início, mas seguimos, só não sei se hoje, tão fortes e firmes como antes, pois as sequelas acadêmicas e da vida vieram com o percurso. Mas seguimos, agora especialmente, a amizade e o companheirismo seguem para a vida.

A partir das ricas e diversas experiências vividas na Residência Universitária Masculina (RUM), dedico meus agradecimentos aos primeiros colegas e, posteriormente, amigos de quarto 2 e 1: Denilson, Itamar, Gislan. Posteriormente, a Léo, Oriel, Marvin e Leandro. De modo geral: Denis, João Paulo, Oraldo, Antônio Marcos, Emanuel Lucas, David, Odoniel, Adriano, Diego, Yslan, Dany, já indo para a Residência Feminina (RUF) e, por último e não menos importante, agradeço a Leide, por todo seu cuidado com o ambiente e nos, residentes.

Bem como, deixo meus agradecimentos à Coordenação Local de Apoio Estudantil (CLAE), pois a partir do programa de Residência, de sua estadia, me possibilitou a permanência na cidade de Cajazeiras, Paraíba, e posteriormente no curso. Especialmente, a Suelli, Grazielle e Isabel, que constituíram e constituem a coordenação com maestria.

Agradeço também a Laiza de Melo, pessoa que percorre comigo desde do período do ensino fundamental, médio, graduação e agora, no mundo da docência, por sua amizade e vivências compartilhadas. Muito obrigado.

Agradeço a minha família, a todos que me incentivam de alguma forma, especialmente a meu irmão, Samoel Simplicio, meus pais, Antônia Pereira e José Simplicio, que de suas maneiras, ajudaram em minha jornada. Como também, a meu primo, Rui Vicente, que a partir de sua experiência na docência e academia, sempre me incentivou e ajudou.

Por fim, agradeço a todos os migrantes Conceiçãoenses que aceitaram partir desta pesquisa, no qual a partir das entrevistas realizadas e de suas experiências de vidas compartilhadas, foi possível o desenvolvimento do trabalho. Meus mais sinceros agradecimentos.

RESUMO

A presente monografia investiga as dinâmicas migratórias de Conceição, Paraíba, para o Sudeste do Brasil, entre os anos de 1980 e 2010. O estudo explora as motivações socioeconômicas, políticas e climáticas que impulsionaram esses deslocamentos, as redes de apoio comunitário que sustentaram os migrantes durante o processo de deslocamento e adaptação em regiões distantes, a dualidade entre a busca por melhores condições de vida e as pressões econômicas e, como as memórias e identidades dos migrantes foram preservadas ou modificadas ao longo do tempo e pela distância. Com esta premissa, traçamos as reflexões em autores como Maurice Halbwachs (2006) e José de D' Assunção Barros (2011), para entendimento dos conceitos de memória coletiva; Paul Singer (1976), para entendermos o conceito de economia solidária e Lúcia de Almeida Neves Delgado (2017) para compreensão da História Oral. Utilizando da História Oral como metodologia central, a pesquisa analisa entrevistas com os migrantes conceiçãoenses, revelando como as redes de apoio familiar e comunitária foram fundamentais para facilitar a adaptação em novos contextos. Assim, as migrações conceiçãoenses refletem uma complexa dualidade entre a busca por melhores condições de vida e a pressão econômica, evidenciando que o fenômeno migratório é, ao mesmo tempo, uma estratégia de sobrevivência e de realização pessoal. Os resultados apontam para a preservação de laços afetivos e culturais com a terra natal, mesmo após anos de afastamento, e demonstram que as migrações moldaram novas identidades, ao passo que perpetuaram memórias e pertencimentos.

Palavras-chave: Migração; Memória; Identidade; Conceição-PB; História Oral.

ABSTRACT

This monograph investigates the migratory dynamics from Conceição, Paraíba, to Southeast Brazil, between 1980 and 2010. The study explores the socioeconomic, political and climatic motivations that drove these displacements, the community support networks that sustained migrants during the process of displacement and adaptation in distant regions, the duality between the search for better living conditions and economic pressures, and how migrants' memories and identities were preserved or modified over time and distance. With this premise, we draw on the reflections of authors such as Maurice Halbwachs (2006) and José de D' Assunção Barros (2011), to understand the concepts of collective memory; Paul Singer (1976), to understand the concept of solidarity economy; and Lúcia de Almeida Neves Delgado (2017) to understand Oral History. Using Oral History as the central methodology, the research analyzes interviews with migrants from Conceição, revealing how family and community support networks were fundamental in facilitating adaptation to new contexts. Thus, migrations from Conceição reflect a complex duality between the search for better living conditions and economic pressure, showing that the migratory phenomenon is, at the same time, a strategy for survival and personal fulfillment. The results point to the preservation of affective and cultural ties with the homeland, even after years of separation, and demonstrate that migrations shaped new identities, while perpetuating memories and belongings.

Keywords: Migration; Memory; Identity; Conceição-PB; Oral History.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 - “Imagem da localização do município de conceição – PB no mapa da Paraíba”.36

LISTA DE SIGLAS

CFP - Centro de Formação de Professores

CLAE - Coordenação Local de Assistência Estudantil

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

RUF - Residência Universitária Feminina

RUM - Residência Universitária Masculina

UFCG - Universidade Federal de Campina Grande

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO I	18
CONTEXTUALIZAÇÃO DAS MIGRAÇÕES NORDESTINAS: SÉCULOS XIX, XX, DÉCADA DE 1990 E NECESSIDADES POR ABORDAGENS INTERDISCIPLINARES	18
1.1 DINÂMICAS MIGRATÓRIAS NORDESTINAS NO SÉCULO XIX: IMPACTOS ECONÔMICOS, AMBIENTAIS E O PAPEL DO ESTADO NA EXPANSÃO PARA O NORTE E SUDESTE DO BRASIL	18
1.2 TRANSFORMAÇÕES NAS DINÂMICAS MIGRATÓRIAS NORDESTINAS NO SÉCULO XX: DESAFIOS E OPORTUNIDADES EM UM CONTEXTO DE MUDANÇAS DEMOGRÁFICAS E ECONÔMICAS.....	20
1.3 MUDANÇAS NAS DINÂMICAS MIGRATÓRIAS BRASILEIRAS: O IMPACTO DAS TRANSFORMAÇÕES ECONÔMICAS E A NOVA GEOGRAFIA DO RETORNO (1980-1990).....	22
1.4 CRISE ECONÔMICA, TRANSIÇÃO POLÍTICA E A ECONOMIA SOLIDÁRIA SOB A PERSPECTIVA DE PAUL SINGER: TRANSFORMAÇÕES SOCIAIS E ECONÔMICAS NO BRASIL NA DÉCADA DE 1980	25
1.5 DESAFIOS E PERSPECTIVAS TEÓRICAS NAS MIGRAÇÕES: UMA ANÁLISE DA FRAGMENTAÇÃO E DA NECESSIDADE DE ABORDAGENS INTERDISCIPLINARES	30
1.6 MIGRAÇÕES E O DESENVOLVIMENTO CAPITALISTA NO BRASIL: UMA ABORDAGEM HISTÓRICO-ESTRUTURALISTA.....	33
CAPÍTULO II.....	36
CONCEIÇÃO-PB: DESENVOLVIMENTO, TRADIÇÃO E TRANSFORMAÇÕES LOCAIS.....	36
2.1 O DESENVOLVIMENTO DE CONCEIÇÃO-PB: ENTRE A TRADIÇÃO E A BUSCA POR SUSTENTABILIDADE	36
2.2 ENTRE A FÉ E A AGRICULTURA: AS RAÍZES HISTÓRICAS DE CONCEIÇÃO NO SERTÃO PARAIBANO	40
2.3 INTERDEPENDÊNCIA ENTRE MEMÓRIA COLETIVA E HISTÓRIA: INTERSEÇÕES E TENSÕES	42
2.4 DA PROMESSA À NECESSIDADE: O DESCOMPASSO ENTRE A POLÍTICA LOCAL E AS DEMANDAS DA POPULAÇÃO CONCEIÇÃOENSE (1980-2010).....	45
CAPÍTULO III	51
CONSTRUINDO VIDAS E MANTENDO RAÍZES: MIGRAÇÕES	

CONCEIÇÃOENSES E A IDENTIDADE EM TRÂNSITO (1980-2010)	51
3.1 ORGANIZAÇÃO MIGRATÓRIA E APOIO COMUNITÁRIO: DINÂMICAS FAMILIARES NAS MIGRAÇÕES CONCEIÇÃOENSES	51
3.2 DA PRECARIEDADE À ESTABILIDADE: HISTÓRIAS DOS MIGRANTES CONCEIÇÃOENSES EM BUSCA DAS ADAPTAÇÕES	55
3.3 ENTRE A BUSCA POR SONHOS E A PRESSÃO ECONÔMICA: A DUALIDADE MIGRATÓRIA CONCEIÇÃOENSE	58
3.4 CONCEIÇÃO NO IMAGINÁRIO: A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DOS MIGRANTES ATRAVÉS DA MEMÓRIA	61
 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	67
REFERÊNCIAS	70
APÊNDICE	74

INTRODUÇÃO

O fenômeno migratório é um dos aspectos mais constantes da história da humanidade, presente em diferentes regiões e temporalidades. Ao refletir sobre as migrações, observa-se que elas ocorrem por múltiplos e diversos fatores, variando conforme os contextos históricos, econômicos e culturais.

Tratando especificamente do caso do Brasil, as migrações internas, especialmente as que partem da região Nordeste para outras partes do país, é campo vasto para visualização das desigualdades regionais, da busca constante por melhores condições de vida e a fuga das adversidades climáticas e econômicas que historicamente assola a região. Esses movimentos são parte de um processo contínuo de reorganização social e econômica, que transforma tanto os locais de origem quanto os de destino.

As migrações nordestinas têm raízes profundas que remontam ao século XIX, especialmente as emigrações, quando os primeiros fluxos significativos começaram a se formar, principalmente em direção à região Norte. Nesse cenário, a Amazônia, com seu crescimento econômico impulsionado pela extração e comercialização do látex para a produção de borracha, atraiu um número expressivo de migrantes.

Com isso, o desenvolvimento da economia regional dependia diretamente dessa mão de obra migrante, que se tornava um recurso vital para a expansão da extração do látex e outras atividades econômicas na região (Fusco; Ojima, 2015). Esse movimento demográfico foi um dos primeiros exemplos do uso intensivo da migração como estratégia de desenvolvimento no Brasil.

No século XX, as migrações internas ganharam novas direções e significados, acompanhando as transformações econômicas e demográficas do país. Assim, a imigração internacional e o crescimento populacional impulsionaram novas ondas de deslocamento, especialmente a partir da segunda metade do século, quando o Brasil começou a experimentar mudanças profundas na sua base produtiva.

Com efeito, o Centro-Oeste e o Sudeste tornaram-se destinos atrativos para migrantes de várias regiões, em grande parte devido às políticas estatais voltadas à modernização agropecuária e à industrialização dessas áreas. Com esses movimentos em vigor, incentivos fiscais, crédito subsidiado e a criação de infraestrutura fomentaram a instalação de grandes empresas agroindustriais, gerando novas oportunidades de emprego e crescimento econômico nessas regiões (Fusco; Ojima, 2015).

Esses fluxos migratórios, ao longo dos séculos XIX e XX, foram determinantes para a

reconfiguração social e econômica do Brasil. Eles não apenas impulsionaram o crescimento de determinadas regiões, mas também contribuíram para a formação de novas identidades regionais e transformaram o tecido social do país. Com esse cenário, o processo de migração trouxe consigo a troca de culturas, experiências e expectativas entre migrantes e as populações locais, criando dinâmicas que moldaram as relações de trabalho, de pertença e as próprias perspectivas de desenvolvimento nacional. Entender essas migrações internas é, portanto, fundamental para compreender como o Brasil se consolidou enquanto nação em termos de diversidade e coesão territorial.

Diante desse contexto histórico, o presente trabalho propõe-se a investigar as especificidades das migrações conceiçãoenses no período entre 1980 e 2010, com foco nas motivações, experiências e impactos desse fenômeno tanto para os migrantes quanto para a cidade de origem. Nesse pensamento, ao entender que as migrações internas no Brasil se configuram como um processo multifacetado, diretamente influenciado por questões socioeconômicas e regionais, será construído uma reflexão aprofundada do município do sertão paraibano, cuja história migratória tem sido pouca explorada pelas ciências sociais e, sobretudo, pela História. Assim, esta pesquisa busca preencher essa lacuna, oferecendo uma contribuição relevante para os debates acerca das dinâmicas migratórias e seus desdobramentos.

Desse modo, o presente estudo direciona-se para uma análise das migrações ocorridas no município de Conceição no determinado período, período esse que testemunhou intensos fluxos migratórios da cidade para o Sudeste do Brasil. Busca-se explorar como essas movimentações influenciaram as identidades e memórias dos migrantes, bem como a construção de suas novas vidas em regiões distantes.

Para tanto, é investigado os principais fatores que impulsionaram os movimentos migratórios conceiçãoenses nesse período, analisando as redes de apoio comunitário que sustentaram os migrantes durante o processo de deslocamento e adaptação. Além disso, examinamos como as memórias e identidades dos migrantes foram preservadas ou modificadas ao longo do tempo e da distância, bem como procuramos compreender a dualidade entre a busca por melhores condições de vida e as pressões econômicas enfrentadas pelos migrantes conceiçãoenses.

A escolha de Conceição como foco da pesquisa está diretamente ligada observação das migrações desde minha infância, fato que despertou curiosidade e interesse em compreender as múltiplas dimensões envolvidas aos movimentos. Em que as migrações não se restringem a deslocamentos físicos, mas envolvem questões de memória, identidade e pertencimento, que afetam tanto os migrantes quanto os que permanecem. Assim, a relevância da pesquisa reside,

portanto, na sua capacidade de não apenas documentar a história local de Conceição, como também de contribuir para a compreensão das migrações nordestinas de forma mais ampla.

Propomos uma pesquisa histórica de natureza qualitativa, com ênfase na análise de fontes orais e pesquisas relacionadas ao tema. Para este estudo, a principal fonte histórica será composta pelos relatos dos próprios migrantes que deixaram Conceição no período, cujas histórias serão coletadas e analisadas de acordo com as necessidades do estudo. Posto isso, a metodologia central utilizará a história oral, permitindo o acesso às experiências pessoais de quem viveu o fenômeno migratório, contribuindo para a construção de fontes e documentos.

A história oral, abordada aqui como procedimento metodológico, possibilita a criação de documentos a partir de narrativas e testemunhos. Essas histórias vividas fornecem uma base sólida para a construção dos roteiros de entrevistas, usando a memória como ponto central. Dessa forma, a memória dos migrantes conceiçoenses será a chave para o desenvolvimento do estudo, uma vez que ela preserva as narrativas que comporão o corpus documental da pesquisa. Tal abordagem também envolve a interferência do historiador, que organiza e interpreta os relatos colhidos.

O processo de coleta das entrevistas foi cuidadosamente planejado, iniciando pela capacitação temática e pela preparação de roteiros, seguido da transcrição e análise dos depoimentos. Nesse seguimento, foi utilizado entrevistas temáticas, focando nas experiências específicas vividas pelos migrantes. Essas narrativas forneceram um panorama das migrações de Conceição, mesclando depoimentos de vida com detalhes relacionados ao contexto migratório, enriquecendo o estudo com histórias individuais e coletivas (Delgado, 2017).

Os relatos serão agrupados por temas, permitindo comparações e cruzamentos que apoiarão a análise do problema central da pesquisa. O grupo de entrevistados foi composto por homens e mulheres que participaram das migrações e hoje vivem no Sudeste do país. O acesso a esses depoimentos foi facilitado pelas tecnologias de comunicação à distância, permitindo a realização de entrevistas por chamadas de vídeo ou chamadas. Assim, o município de Conceição, como muitos outros do sertão nordestino, foi e é marcado por processos migratórios que configuraram não só o seu passado, mas também seu presente e futuro.

A seleção dos entrevistados para esta pesquisa seguiu critérios que envolvem, principalmente, a minha proximidade pessoal e social, o que favoreceu um acesso mais direto às histórias e experiências dos migrantes. No qual foram priorizados indivíduos que permitisse maior abertura e confiança durante as entrevistas, a partir dos elementos de proximidade e de pertencimento. Essa escolha estratégica foi essencial para garantir a profundidade e a riqueza das narrativas, considerando que as memórias compartilhadas demandam um ambiente de empatia

e compreensão. Além disso, a proximidade com os entrevistados facilitou o agendamento e a realização das entrevistas, sobretudo em casos onde as dificuldades tecnológicas poderiam ser impeditivas.

Entre os entrevistados, encontram-se parentes diretos, vizinhos de localidades próximas, e familiares de amigos, demonstrando como a rede de relações pessoais contribuiu para o mapeamento inicial dos migrantes. Essa abordagem não apenas possibilitou a obtenção de relatos diversificados, mas também assegurou que os depoimentos trouxessem perspectivas complementares sobre o fenômeno migratório. Ao estabelecer conexões com pessoas de diferentes contextos, mas unidas pela experiências migratórias, foi possível construir um corpus documental que reflete a complexidade das dinâmicas de saída e adaptação dos migrantes conceiçãoenses.

Ademais, a escolha metodológica de priorizar laços de proximidade não compromete a validade científica do estudo, mas enriquece a análise ao destacar as nuances emocionais e subjetivas que poderiam ser negligenciadas em abordagens mais distantes. A inserção do pesquisador no contexto comunitário dos entrevistados permitiu a coleta de informações que, muitas vezes, são omitidas em contextos formais de pesquisa. Esse vínculo interpessoal também promoveu a geração de dados mais espontâneos, favorecendo um entendimento mais profundo sobre os processos de migração e os significados atribuídos a essas experiências pelos próprios sujeitos.

As entrevistas foram organizadas de forma estruturada e planejada para garantir a coleta eficiente e respeitosa das narrativas dos migrantes. Inicialmente, o contato remoto foi estabelecido por meio de mensagens ou chamadas, momento em que apresentei o objetivo da pesquisa, explicando a metodologia adotada e detalhando como as entrevistas seriam conduzidas. Esse primeiro contato serviu para criar um ambiente de confiança e esclarecer eventuais dúvidas, além de permitir o alinhamento com as preferências de horário e disponibilidade dos participantes. A partir dessas interações, os agendamentos foram realizados, definindo datas e horários que atendessem tanto ao pesquisador quanto aos entrevistados.

No dia e horário combinados, as entrevistas ocorreram em salas virtuais criadas no *Google Meet*, ferramenta escolhida por sua acessibilidade e funcionalidade. O início das conversas adotou-se um tom informal, com o objetivo de deixar os participantes à vontade e fomentar um ambiente de diálogo fluido e acolhedor. Durante o processo, as perguntas foram adaptadas para facilitar a compreensão, utilizando uma linguagem simples e acessível, respeitando o nível de escolaridade e as vivências dos entrevistados. Essa estratégia não apenas

garantiu respostas mais espontâneas e detalhadas, mas também reforçou a conexão entre entrevistador e entrevistado.

Para registro, as entrevistas foram gravadas utilizando aparelhos celulares, assegurando a qualidade dos materiais coletados. Posteriormente, os áudios foram transcritos em plataforma especializada (Turbo Scribe), permitindo uma análise detalhada e criteriosa dos relatos. Esse cuidado com a organização e a execução das entrevistas foi fundamental para preservar a integridade das narrativas, garantindo que as memórias compartilhadas pelos migrantes fossem fielmente capturadas e interpretadas no contexto do estudo.

Em relação à organização deste trabalho, no primeiro capítulo, ao partir desse recorte local e temporal, buscamos apresentar um debate mais amplo sobre as dinâmicas migratórias nordestinas ao longo dos séculos XIX, XX e nas décadas recentes. Partindo do pressuposto de que os movimentos populacionais estimulados por crises econômicas e transformações políticas, é um aspecto fundamental para a compreensão das mudanças que atravessaram o Brasil ao longo dos séculos supracitados, em especial na década de 1990.

No segundo capítulo, será abordado o desenvolvimento histórico do município de Conceição, com foco nas suas transformações sociais, econômicas e culturais. Primeiramente, discute-se a trajetória da cidade entre a tradição e a busca por sustentabilidade, com destaque para as raízes históricas que ligam a agricultura e a religiosidade no sertão paraibano. Em seguida, explora-se a interdependência entre a memória coletiva e a história local, destacando as tensões e interseções entre essas esferas, assim como o impacto das migrações no contexto municipal entre 1980 e 2010. Esse panorama busca compreender como as mudanças ocorridas no município refletiram e foram moldadas pelas dinâmicas migratórias, situando Conceição como ponto de partida para as experiências vividas pelos migrantes.

No terceiro capítulo, será explorado as dinâmicas familiares e comunitárias que moldaram as migrações de Conceição, refletindo como o processo migratório não é apenas uma decisão individual, mas uma escolha frequentemente mediada por redes de apoio. Além disso, investigar como a dualidade entre sonho e necessidade nas migrações revela a complexidade das motivações que impulsionam o deslocamento de muitos indivíduos. Nessa perspectiva, embora a busca por melhores condições econômicas seja um fator predominante, ela não esgota o significado desse fenômeno, que também envolve aspirações pessoais e sonhos de estabilidade e dignidade.

Assim, a partir do contexto regional e municipal, objetivos e metodologia, refletiremos a partir da problemática: de que maneira os movimentos migratórios de Conceição-PB para o Sudeste do Brasil, entre 1980 e 2010, influenciaram a construção e a transformação das

identidades e memórias dos migrantes? Para tanto, é considerado as tensões entre o deslocamento geográfico, as redes de apoio comunitário e as pressões socioeconômicas da época, enfatizando o processo histórico das migrações e como o fenômeno migratório reflete além das dinâmicas econômicas e sociais, tornando crucial para a construção histórica de identidades e memórias.

CAPÍTULO I

CONTEXTUALIZAÇÃO DAS MIGRAÇÕES NORDESTINAS: SÉCULOS XIX, XX, DÉCADA DE 1990 E NECESSIDADES POR ABORDAGENS INTERDISCIPLINARES

1.1 DINÂMICAS MIGRATÓRIAS NORDESTINAS NO SÉCULO XIX: IMPACTOS ECONÔMICOS, AMBIENTAIS E O PAPEL DO ESTADO NA EXPANSÃO PARA O NORTE E SUDESTE DO BRASIL

As migrações nordestinas no Brasil se tornaram um fenômeno social recorrente a partir da segunda metade do século XIX. Esse movimento de saída da população nordestina se tornou uma questão central no debate público, envolvendo autoridades imperiais, oligarcas e proprietários regionais, que viam no êxodo uma ameaça à sustentação econômica e social da região.

Como isso, os números cada vez mais elevados de migrantes exigiram a elaboração de medidas emergenciais e de políticas de incentivo à migração Galdez (2010). Esse movimento migratório era visto com ambivalência: por um lado, aliviava a pressão demográfica em áreas castigadas por secas e crises agrícolas, por outro, desestruturava as bases produtivas regionais, criando tensões sociais que marcaram a história nordestina no período.

Durante o século XIX, a maior parte dos migrantes nordestinos se concentraram em duas regiões por efeito das zonas de exploração: as plantações de café no Sudeste e o seringalismo na Amazônia. Assim, de acordo com Fusco e Ojima (2010), os primeiros fluxos de emigrantes nordestinos foram direcionados de maneira expressiva para a região Norte, em virtude do crescimento econômico gerado pela exploração da borracha:

em meados do século XIX, a Amazônia experimentou crescimento econômico em função da extração da borracha, atraindo numerosos migrantes para a região como consequência do uso extensivo de mão de obra. No decorrer do período que vai de 1839 (quando da descoberta da vulcanização da borracha) a 1932 (final da grande depressão), essa região recebeu uma grande quantidade de nordestinos, procedentes, em sua maioria, das zonas do agreste e do sertão do Ceará, Paraíba, Pernambuco e Rio Grande do Norte (Fusco; Ojima, 2010, p. 85).

Esse fluxo migratório para a Amazônia, conhecido como "ciclo da borracha", representava uma válvula de escape para a população nordestina, especialmente diante das frequentes secas e da escassez de oportunidades econômicas no sertão. No entanto, essa migração, apesar de significativa, não resolvia as questões estruturais da região de origem. Em muitos casos, os migrantes enfrentaram condições de trabalho precárias e uma inserção

marginal nas atividades econômicas locais.

Nessa perspectiva, Fausto Brito (1999) também discute o papel do Nordeste como um grande "reservatório" de força de trabalho excedente ao lado de Minas Gerais, ambos sendo incapazes de absorver toda sua população em suas economias agrárias. Ademais, Brito aponta que o destino desse excedente populacional estava intimamente ligado ao desenvolvimento do complexo cafeeiro no Sudeste, especialmente em São Paulo, que se tornava, à época, o centro dinâmico da economia brasileira:

Minas e o Nordeste se formaram, desde o século XIX, como os dois grandes reservatórios de força de trabalho. Tinham um grande excedente populacional não absorvido pelas suas economias e sociedades, que, desde a segunda metade do século passado, começava a ser absorvido pelo 'complexo cafeeiro', o núcleo mais dinâmico da economia brasileira na época (Brito, 1999, p. 53).

Dessa maneira, a expansão da economia cafeeira no Sudeste transformou a região em um grande polo de atração para trabalhadores nordestinos, especialmente à medida que a demanda por mão de obra aumentava. Assim, com o fim da escravidão em 1888, a necessidade de trabalhadores assalariados para substituir os escravizados intensificou a migração nordestina para os cafezais. Além disso, a seca, recorrente no sertão nordestino, agia como elemento contribuinte na migração dos trabalhadores, enquanto o promissor desenvolvimento econômico do Sudeste funcionava como um fator de atração, consolidando os fluxos migratórios que se tornaram ainda mais intensos no século XX.

Além das migrações para o Sudeste, o Norte do Brasil também se destacou como destino, principalmente para os nordestinos que buscavam melhores condições de vida no contexto da expansão econômica da Amazônia. Dessa maneira, conforme apontado por Galdez (2010), as migrações oriundas do Nordeste, começaram no século XVII e XVIII, impulsionadas pela busca por ouro e pela produção de café. Todavia, foi no século XIX que essas migrações se consolidaram, em grande parte estimuladas pelo Estado, que buscava ocupar e explorar as vastas regiões amazônicas e promover o desenvolvimento do seringalismo.

Ainda de acordo com Galdez (2010), essas migrações foram influenciadas por fatores tanto econômicos quanto ambientais. A escassez de terras férteis no Nordeste combinada com as secas devastadoras, empurrou milhares de nordestinos para áreas mais úmidas e férteis, como os estados do Pará e Maranhão, onde a economia seringueira e outras atividades de exploração de recursos naturais começaram a florescer. A autora salienta que, além das migrações estimuladas pelo Estado, muitos fluxos migratórios ocorreram de forma "espontânea", fazendo com que famílias inteiras se deslocassem para essas áreas em busca de oportunidades

econômicas e melhores condições de vida.

A partir dessas discussões, é possível afirmar que as migrações nordestinas no século XIX representaram um processo complexo, impulsionado por fatores econômicos, sociais e ambientais. Por essa razão, as regiões de destino variavam de acordo com as oportunidades econômicas disponíveis, mas o denominador comum entre os migrantes era a busca por sobrevivência e melhores condições de vida fora do ambiente inóspito e das crises recorrentes que assolavam o Nordeste.

Dessa maneira, as migrações, embora aliviassem temporariamente a pressão demográfica nas áreas de origem, contribuíram para a formação de novos desafios sociais e econômicos nas regiões de destino, especialmente nas zonas urbanas emergentes do Sudeste e nas áreas de fronteira agrícola da Amazônia.

1.2 TRANSFORMAÇÕES NAS DINÂMICAS MIGRATÓRIAS NORDESTINAS NO SÉCULO XX: DESAFIOS E OPORTUNIDADES EM UM CONTEXTO DE MUDANÇAS DEMOGRÁFICAS E ECONÔMICAS

No século XX, o panorama das migrações nordestinas sofreu transformações significativas, refletindo as profundas mudanças demográficas e econômicas que o Brasil experimentou ao longo do período. Inicialmente, as migrações foram redirecionadas para novas regiões, em resposta ao aumento populacional resultante da imigração internacional e do crescimento natural da população brasileira.

Essa expansão demográfica gerou novas pressões sobre o mercado de trabalho e sobre os recursos disponíveis, provocando uma redistribuição da população brasileira. O impacto desse crescimento foi intensificado pela ação estatal, que, sobretudo a partir da segunda metade do século XX, implementou uma série de políticas voltadas para a modernização da agropecuária e para uma maior integração entre as diferentes regiões do país.

Com isso, a partir das décadas de 1960 e 1970, houve um aumento no investimento estatal em grandes projetos de infraestrutura, como a construção de rodovias e a criação de incentivos fiscais para a instalação de empresas agroindustriais no Centro-Oeste e em outras áreas do país. Nessa direção, essas iniciativas transformaram a dinâmica migratória, levando à "implantação de importantes empresas agroindustriais associadas a investimentos estatais em infraestrutura, incentivos fiscais, crédito subsidiado e atuação de órgãos oficiais de apoio" (Fusco; Ojima, 2015, p. 14).

Desse modo, essa nova estrutura produtiva, fomentou um intenso movimento migratório

de trabalhadores nordestinos, que se deslocaram em massa para essas novas frentes econômicas, atraídos pelas oportunidades de emprego e pelos incentivos oferecidos pelo governo.

Ao longo das décadas seguintes, esses movimentos migratórios se tornaram cada vez mais complexos. A migração rural-urbana, que caracterizou os fluxos de migração anteriores, começou a dar lugar a movimentos urbano-urbanos, passando a dominar a cena migratória a partir dos anos 1980. Nesse período, a migração não se limitava mais a busca de melhores oportunidades em áreas rurais, mas também envolvia deslocamentos entre cidades, em busca de empregos no setor industrial e de serviços.

Essa mudança foi acompanhada de uma diminuição da evasão populacional no Nordeste, ao mesmo tempo em que aumentava a imigração de volta para a região, resultando, assim, em "um possível ponto de inflexão nos volumes dos fluxos inter-regionais" (Fusco; Ojima, 2015, p. 20).

A crise econômica dos anos 1980, trouxe novos desafios para o panorama migratório brasileiro. A autora Neide Lopes Patarra (2003) destaca que a recessão econômica e o aumento do desemprego tiveram um impacto significativo nas dinâmicas migratórias, afetando tanto os fluxos de saída quanto os de retorno. Segundo a autora:

na verdade, a década de 80 inicia-se com uma das mais graves crises da História do Brasil. A recessão e a elevação do desemprego assumiram uma expressão até então desconhecida; o produto industrial caiu e no final da década todos os indicadores refletiam com nitidez os efeitos da crise e da estagnação da economia brasileira. Observou-se que os movimentos de origem rural configuram distintos 'tipos', marcados pela predominância de economia de subsistência, por modalidades não assalariadas de produção (colonato de café), do papel da unidade familiar de produção, modalidades assalariadas, entre outras (Patarra, 2003, p. 28).

Nesse contexto, o fenômeno da migração de retorno começou a ganhar relevância. Muitos trabalhadores, que haviam migrado para os grandes centros urbanos em busca de melhores condições de vida, começaram a retornar às suas regiões de origem, diante das dificuldades econômicas e da falta de oportunidades nas cidades.

À vista disso, entre 1981 e 1991, 35% dos migrantes que deixaram São Paulo voltaram para o Nordeste, enquanto 20% retornaram para Minas Gerais. (Britto, 2002) Isso reflete uma reconfiguração dos fluxos migratórios, em que o Nordeste, tradicionalmente um grande fornecedor de mão de obra para outras regiões, também passou a ser destino de retornados.

A partir da década de 1990, as migrações nordestinas tomaram novas direções. Conforme sustenta Fusco e Ojima (2015), ao contrário do que muitos previam, a emigração nordestina não diminuiu nessa década, houve um incremento significativo no número de

migrantes.

Assim, entre 1981 e 1991, o número de migrantes nordestinos aumentou de 3,6 milhões para 4,0 milhões, sendo que o Sudeste voltou a ser uma das principais regiões receptoras. Isso demonstra que, apesar das mudanças na estrutura produtiva do país e das crises econômicas, o Nordeste continuava a fornecer uma parcela expressiva de sua população para outras regiões, sobretudo para o estado de São Paulo.

Esse movimento migratório, no entanto, apresentava características distintas das décadas anteriores. Além das migrações motivadas pela busca de emprego, outras formas de migração, como a migração de retorno e os deslocamentos internos dentro da própria região Nordeste, começaram a ganhar destaque. A urbanização acelerada da região e as melhorias nas condições de vida em algumas áreas, contribuíram para essa nova dinâmica, criando um panorama migratório mais diversificado e complexo.

1.3 MUDANÇAS NAS DINÂMICAS MIGRATÓRIAS BRASILEIRAS: O IMPACTO DAS TRANSFORMAÇÕES ECONÔMICAS E A NOVA GEOGRAFIA DO RETORNO (1980-1990)

A partir da década de 1980, o Brasil experimentou uma transformação em suas dinâmicas migratórias internas, com maior complexidade e dinamismo nos deslocamentos populacionais. Essa mudança resultou no fenômeno de reestruturação econômica e social que impactou diretamente na distribuição demográfica nas regiões do país. Levando em conta esses pontos, um dos aspectos mais notáveis desse período foi a predominância dos deslocamentos do tipo urbano-urbano, que se tornaram mais frequentes à medida que o processo de urbanização avançava.

Nesse contexto, observa-se a diminuição da evasão populacional e o aumento da imigração na Região Nordeste que, em conjunto com outras alterações na dinâmica migratória, sugere um ponto de inflexão nos volumes dos fluxos inter-regionais. Nesse sentido, as transformações econômicas passaram a ter um papel central nas discussões sobre esses novos padrões migratórios. Em relação a essas mudanças econômicas, Cunha e Baeninger elucidam:

as transformações na economia – desconcentração e reestruturação produtiva – foram elencadas como fatores importantes na explicação sobre algumas mudanças observadas nos anos de 1980 e 1990, mas seu alcance não foi satisfatório, proporcionando a emergência de um novo argumento: a defasagem entre economia e dinâmica migratória, evidenciando que nem sempre o crescimento econômico resultava em uma redistribuição automática das populações internas (Cunha;

Baeninger, 2005, p. 75).

Considerando isso, o Nordeste, historicamente caracterizado pela elevada emigração, começou a vivenciar uma diminuição dos fluxos emigratórios ao mesmo tempo em que o retorno de migrantes se tornou mais frequente. Assim, tal movimento de retorno é um fenômeno novo nas dinâmicas migratórias brasileiras, especialmente no contexto nordestino, que por décadas enviou grandes contingentes populacionais para o Sudeste, em busca de melhores condições de vida e oportunidades de trabalho.

Ao mesmo tempo, o Sudeste, particularmente São Paulo, que por muito tempo foi o principal destino dos migrantes nordestinos, começou a apresentar uma redução no estoque de emigrantes em relação ao total de seus naturais. A respeito dessa redução de emigrantes no Sudeste, Ojima e Fusco (2005, p. 23) afirma que:

a proporção de naturais do Sudeste, por sua vez, reduziu-se continuamente até atingir a posição mais baixa dessa classificação, o que coloca o Sudeste como a região com menor estoque de emigrantes em relação ao total de seus naturais. Em outras palavras, enquanto o Nordeste mantinha uma alta proporção de emigrantes, o Sudeste registrava uma diminuição constante no número de seus habitantes que deixavam a região.

Além disso, o crescimento do Centro-Oeste como destino migratório é uma das mudanças mais expressivas nas últimas décadas. Essa região, impulsionada pela expansão agrícola e pelo desenvolvimento do agronegócio, passou a atrair um número crescente de migrantes, especialmente do Nordeste. Com efeito, entre as décadas de 1980 e 1990, o Distrito Federal e outros polos de desenvolvimento, como as áreas de fronteira agrícola, se consolidaram como destinos atrativos.

O aumento do fluxo de migrantes para o Centro-Oeste reflete tanto a expansão das oportunidades econômicas, quanto uma nova geografia do desenvolvimento no Brasil, em que, outras regiões, além do Sudeste, começam a assumir maior importância na recepção de migrantes.

A década de 1990 no Brasil, foi um período marcado por profundas transformações econômicas, políticas e sociais, que impactou diretamente os padrões migratórios da população nordestina. Desse modo, ao contrário do que observamos nos séculos e décadas anteriores, o período não apenas viu uma continuidade, como também um aumento significativo nos fluxos migratórios partidos do Nordeste.

Convém destacar que, este aumento de emigração não se deu de maneira homogênea, mas sim a partir de complexas dinâmicas econômicas e sociais que moldaram o país na época.

Em vista disso, no que tocante aos registros de continuidade dos processos, Fusco e Duarte (2010, p. 108) destaca o seguinte,

a década de 1990 não registrou evidências de continuidade dos processos observados nos anos anteriores: ao contrário, verificou-se um incremento importante da emigração nordestina – de 3,6 milhões entre 1981-1991 para 4,0 milhões nos anos de 1990, ao mesmo tempo em que o Sudeste voltou a registrar aumento em volume nos fluxos de imigrantes.

Posto isso, esse aumento expressivo na emigração reflete uma combinação de fatores, como a histórica persistência das desigualdades regionais, a busca contínua por melhores oportunidades de trabalho e condições de vida, e a própria profunda reestruturação econômica que começou a modificar o cenário industrial e urbano do Sudeste, especialmente em São Paulo.

Em relação a Região Metropolitana de São Paulo, que na década de 90 e inícios dos anos 2000 abrigava cerca de 18 milhões de habitantes, sendo 3,6 milhões nordestinos, demonstra a grandiosidade e complexidade do fluxo migratório específico e a significativa presença dessa população na maior metrópole do país. Por isso, essa manutenção dessa grande quantidade de nordestinos na capital paulista reforça e nos mostra o papel histórico de São Paulo como destino preferencial dos migrantes nordestinos em busca de melhores condições de vida. (Ojima *et al.*, 2012)

A reestruturação econômica ocorrida no Brasil durante a década de 1990 foi um dos fatores centrais na explicação dessas mudanças migratórias. Isso porque o processo de desconcentração industrial, que deslocou parte da produção industrial do Sudeste para outras regiões, aliada a uma reorganização produtiva impulsionada pela abertura econômica e a globalização, alterou o panorama econômico do país. No entanto, segundo as elucidações de Cunha e Baeninger (2005, p. 10):

as transformações na economia – desconcentração e reestruturação produtiva – foram elencadas como fatores importantes na explicação sobre algumas mudanças observadas nos anos de 1980 e 1990, mas seu alcance não foi satisfatório, proporcionando a emergência de um novo argumento: a defasagem entre economia e dinâmica migratória.

Assim, essa defasagem evidencia que, embora a economia tenha se reorganizado, as oportunidades não foram distribuídas de forma equitativa, resultando em uma complexidade maior e problemáticas nos padrões migratórios, fazendo com que os migrantes nordestinos, ao não encontrarem as mesmas oportunidades que impulsionaram as grandes ondas migratórias para o Sudeste nas décadas anteriores, se veem na necessidade de retornar para regiões de

origem ou buscar por novos destinos em outras regiões do país, como o Centro-Oeste, onde o agronegócio e a expansão urbana de Brasília ofereceram novas possibilidades.¹

Considerando esse cenário, durante os anos 1990, a migração de retorno tornou-se um fenômeno importante, sugerindo que muitos migrantes, ao não conseguirem se inserir de forma satisfatória nos mercados de trabalho das regiões mais dinâmicas, optaram por retornar ao Nordeste. Dessa maneira,

os dados censitários de 2000 revelam que no Brasil, 1.129.694 indivíduos decidiram regressar aos seus estados de origem entre os anos de 1995-2000. Número considerável, já que representa 21,7% do total de pessoas que fizeram algum deslocamento nesse período. Quando se observa os dados do Censo de 2010, nota-se uma pequena queda no número total e relativo de migrantes retornados no país. Entre os anos 2005-2010, o número de migrantes retornados era de 999.662 indivíduos ou 21,5% do total de deslocamentos no país (Campos *et al*, 2018, p. 11)

Além dessas questões discutidas, essa migração de retorno também pode ser interpretada como uma resposta à saturação do mercado de trabalho nas grandes metrópoles do Sudeste, em que, ao enfrentar crises econômicas e desemprego crescente, tornaram-se menos atrativas para os migrantes.

Ademais, a mudança nos destinos preferenciais dos migrantes nordestinos durante a década de 1990 é um aspecto crucial para entender as novas dinâmicas migratórias. Enquanto o Sudeste continuou a ser a principal região de destino, houve uma redução relativa da importância de São Paulo e sua Região Metropolitana, que historicamente foram os principais receptores de migrantes nordestinos.

Por outro lado, o Centro-Oeste e o Norte do país começaram a se consolidar como novos polos de atração, especialmente para migrantes oriundos de estados como Maranhão e Piauí (Ojima; Nascimento, 2012). Destarte, este fenômeno aponta para a construção de uma diversificação dos destinos migratórios e reflete a descentralização econômica do Brasil durante os anos 1990, criando novos centros de crescimento econômico fora do tradicional eixo Sudeste-Sul.

1.4 CRISE ECONÔMICA, TRANSIÇÃO POLÍTICA E A ECONOMIA SOLIDÁRIA SOB A

¹ A partir da década de 1960, o processo de expansão das fronteiras agrícolas muito contribuiu para a redistribuição da população nacional. Nesse período, foi iniciado um processo intenso de modificação da base produtiva na Região Centro-Oeste, o qual estava estreitamente vinculado à ação estatal por meio de programas de incentivo aos mercados internos e externos com vistas à modernização agropecuária e integração da região. (Ojima, Ricardo; Fusco, Wilson, p.13)

PERSPECTIVA DE PAUL SINGER: TRANSFORMAÇÕES SOCIAIS E ECONÔMICAS NO BRASIL NA DÉCADA DE 1980

O período entre o final da década de 1970 e o início dos anos 1980 representou um marco de profundas transformações econômicas e sociais no Brasil. Essa fase coincidiu com a transição do regime militar para a redemocratização, em um cenário de crise econômica, considerada por muitos analistas a mais grave desde os anos 1930.

Considerando o contexto de origem da desorganização financeira internacional, após o colapso do sistema de Bretton Woods, essa crise foi agravada no Brasil pelas suas fragilidades econômicas estruturais, provocando impactos significativos na estrutura social, padrões de ocupação, centralização de capital e relações de classe.

Nessa perspectiva, à luz das contribuições de Singer (1976), refletiremos como essas mudanças econômicas e sociais moldaram a realidade brasileira durante esse período de transição, destacando também o papel da economia solidária como uma alternativa ao modelo capitalista competitivo predominante.

No Brasil, essas mudanças globais agravaram as fragilidades estruturais da economia nacional. A recessão que se iniciou em 1981 intensificou a centralização do capital e modificou profundamente as relações de classe, tanto no campo, quanto nas áreas urbanas. Dessa forma, essa reestruturação econômica teve efeitos devastadores, refletidos em uma mudança na composição das camadas de alta renda e na proletarianização dos trabalhadores rurais, que antes predominavam como camponeses autônomos.

A análise desse período é fundamental para entender as origens da crise que afetou o Brasil ao longo das décadas subsequentes e como essa crise moldou as transformações econômicas e sociais que levariam à redemocratização e à posterior abertura econômica nos anos 1990. Para isso, consideramos a análise do autor Singer (1976, p. 258), que discorre acerca desse período

esse período final do regime militar é marcado pela crise econômica mais grave desde os anos 1930. Suas causas são de caráter internacional, decorrentes da desorganização financeira que se instalou no sistema internacional de pagamentos a partir do colapso das regras acertadas em Bretton Woods e que regularam esse sistema do fim da Segunda Guerra Mundial até 1971. Nesse ano, o governo dos Estados Unidos repudiou seu compromisso de manter determinada paridade entre o dólar e o ouro, inaugurando assim o sistema das taxas cambiais flutuantes, que vigora até o momento.

Em vista disso, esse novo regime, como argumenta Singer (2024), resultou em uma

intensa especulação encabeçada sobretudo pelas multinacionais, bancos centrais e bancos privados. Essa desorganização financeira global impactou diretamente a economia brasileira, que, a partir de 1981, entrou em uma recessão ainda mais profunda do que a enfrentada na década de 1960. E com isso, acentuando a centralização do capital no Brasil, uma consequência direta da crise econômica que devastou o país.

Além disso, houve uma transformação expressiva na composição das camadas de alta renda no Brasil, refletindo a nova realidade econômica. O capitalista-empresário, outrora dono e administrador de seu próprio negócio, cedeu lugar ao capitalista-gerente, um:

administrador do grande capital monopólico, na maioria das vezes multinacional ou estatal. Embora não haja dados diretos a respeito, é de se presumir que, dentro dessa "nova classe" de burgueses assalariados, esteja crescendo o peso dos administradores do capital financeiro, já que a intermediação financeira tem se expandido mais do que os ramos propriamente produtivos da economia brasileira (trabalhava naquele ramo 1,2% da população economicamente ativa em 1970 e 1,9% em 1980; do estrato de dez ou mais salários mínimos de renda trabalhavam em "outras atividades" - predominantemente financeiras - 9,3% dos componentes em 1980 e 10,9% em 1983) (Singer, 1976, p.226).

Esse processo de transformação social e econômica não se limitou às camadas mais altas da sociedade. Houve também mudanças estruturais nas camadas de renda mais baixas, particularmente entre os trabalhadores rurais. Assim, em 1980, por exemplo, aproximadamente 20,8% da população ocupada com rendimentos de um a dois salários mínimos estava empregada em ocupações agrícolas, um aumento em relação à década anterior.

Contudo, a natureza desse emprego havia mudado drasticamente. No início do período, grande parte desses trabalhadores agrícolas era composta por camponeses autônomos, em 1980, cerca da metade deles era formada por empregados rurais. Essa proletarianização reflete uma tendência de concentração de terras e capital no setor agrícola, acompanhada de um declínio das pequenas propriedades familiares (Singer, 1976, p. 243).

As transformações econômicas e sociais descritas anteriormente evidenciam o impacto severo da crise econômica dos anos 1980 no Brasil. As mudanças nas estruturas de renda, ocupação e propriedade agrária, bem como a centralização do capital nas mãos de grandes conglomerados e instituições financeiras, marcaram o fim do regime militar e o início de uma nova era de desafios econômicos para o país. Com isso, a recessão de 1981 não apenas marcou o final do regime militar, mas também trouxe à tona as limitações e vulnerabilidades da economia brasileira, cujos efeitos ainda ecoam nas dinâmicas sociais e econômicas atuais.

Além disso, Singer (1976) reflete sobre o desenvolvimento e competição pelas

perspectivas que abarcam a cooperação na economia solidária². Ao pontuar isso, seu debate a respeito da primazia da competição ou da cooperação como motor do desenvolvimento econômico e social é um dos temas mais recorrentes na economia contemporânea. A tensão entre esses dois modelos de comportamento revela valores e visões de mundo que remontam a distintas tradições políticas e filosóficas.

Desse modo, discutindo essas duas faces, de um lado, o modelo capitalista tradicional se baseia na competição, na crença de que a luta por recursos limitados impulsiona a inovação, a eficiência e o progresso. Em contrapartida, do outro, a economia solidária propõe um caminho diferente, baseado na cooperação entre os agentes econômicos como forma de alcançar um desenvolvimento mais inclusivo e justo. Nesse sentido, estudos da economia experimental sugerem que, apesar da prevalência da competição no sistema capitalista contemporâneo,

existem linhas de pesquisa de economia experimental que mostram que, apesar de todo o estímulo à competição interindividual no capitalismo atual, a maioria das pessoas continua a valorizar a reciprocidade e a ajuda mútua. Mas é duvidoso que essa controvérsia venha a ser resolvida através do avanço científico. Ela está no cerne das grandes lutas políticas de nossa época e resulta do confronto de valores e visões de mundo (Singer, 1976, p. 143).

Esses comportamentos indicam que a cooperação não é apenas um ideal teórico, mas uma prática enraizada nas relações sociais cotidianas. Todavia, a questão de que a cooperação pode substituir ou complementar a competição como força motriz do desenvolvimento permanece em aberto e, como argumenta o autor, é improvável que seja resolvida por meio de avanços científicos, uma vez que está no centro das disputas políticas contemporâneas.

Desse modo, a contraposição entre a lógica capitalista e a lógica solidária do desenvolvimento econômico é clara. Nessa perspectiva, no sistema capitalista, a competição é frequentemente vista como o principal mecanismo para lidar com os desafios econômicos, principalmente em tempos de crise. A redução de custos, sobretudo dos salários, é a estratégia predominante para enfrentar a concorrência.

Essa abordagem, alimenta um ciclo vicioso em que "a esperança é que a redução dos salários diminua o desemprego, até que o mercado de trabalho retorne ao equilíbrio" (Singer, 1976, p. 156). No entanto, a intensificação da competição, maiormente em relação aos produtos importados, gera pressões adicionais para novos cortes salariais, perpetuando um estado constante de desequilíbrio.

² Desenvolvimento solidário entendido como um processo de fomento de novas forças produtivas e de instauração de novas relações de produção, promovendo um processo sustentável de crescimento econômico, preservando a natureza e redistribuindo os frutos do crescimento.

A lógica solidária, por outro lado, Segundo Singer (1976) propõe uma abordagem distinta, na qual a cooperação entre patrões e empregados é vista como um meio de melhorar a produtividade sem sacrificar os direitos dos trabalhadores.

à cooperação entre patrões e empregados pode ensejar inovações que elevam a produtividade, preservando os empregos e a remuneração dos trabalhadores. A experiência dos distritos industriais confirma a veracidade desse pressuposto. Mediante estreita cooperação entre empregadores e empregados e entre as firmas, as PMEs foram capazes não só de preservar suas posições nos mercados, mas até de ampliá-las, o que teve como contrapartida a partilha dos ganhos com os trabalhadores, sob a forma de melhoria contínua das condições de trabalho e emprego (Singer, 1976, p. 151).

Essa visão se alicerça em exemplos concretos, como os distritos industriais, ³onde a colaboração entre empresas e trabalhadores não só preservou as posições no mercado, mas também levou à expansão de mercados e à melhoria contínua das condições de trabalho.

Em relação às questões dos obstáculos e os modos de desenvolvimento, a economia solidária surgiu historicamente como uma resposta às injustiças perpetradas pelo capitalismo. Desde a Primeira Revolução Industrial, houve esforços para criar sistemas econômicos alternativos que repartissem de forma mais equitativa os benefícios do progresso.

Sendo assim, o objetivo da economia solidária não é, como ressalta o autor, opor-se ao desenvolvimento capitalista, mas tornando o processo de desenvolvimento mais justo, repartindo seus benefícios e prejuízos de forma mais igualitária e menos casual (Singer, 1976). Onde as forças produtivas, em vez de servirem a interesses privados, estejam disponíveis para o bem comum.

O desafio da economia solidária, entretanto, reside na necessidade de equilibrar a cooperação com a competição, evitando a restauração das desigualdades inerentes ao sistema capitalista. Dessa maneira, ainda que em uma economia de mercado solidária, “os cidadãos participem livremente, cooperando e competindo entre si”, é responsabilidade do Estado “defendê-la contra sua divisão entre ricos e pobres, poderosos e fracos” (Singer, 1976, p. 152).

Essa defesa deve ser realizada por meio de políticas redistributivas, como a tributação progressiva e a transferência de recursos aos mais carentes, de modo que o jogo de mercado não perpetue a criação de uma classe permanente de ganhadores e perdedores. Nesse contexto, o papel do Estado é crucial para a consolidação de uma economia solidária. Consoante a Singer (1976, p. 156) argumenta que o Estado solidário tem a responsabilidade de

³ Esses distritos industriais exemplificam a viabilidade de um modelo alternativo ao capitalismo tradicional, no qual a cooperação pode ser uma ferramenta poderosa para enfrentar a concorrência sem recorrer à exploração dos trabalhadores.

para isso, o Estado já dispõe de instrumentos, dos quais os mais importantes são os impostos sobre a renda e a propriedade e a transferência de recursos públicos aos carentes. O Estado solidário tem por missão tributar os ganhadores e subvencionar os perdedores para que a desigualdade entre eles não se perpetue, e isso sem destruir os incentivos para que os produtores se esforcem por oferecer aos compradores a melhor qualidade e quantidade pelo melhor preço.

Nessa perspectiva, é importante destacar que não significa destruir os incentivos para o progresso econômico, mas sim garantir que os benefícios do desenvolvimento sejam distribuídos de maneira mais equitativa. Dessa forma, ao contrário da lógica do capitalismo desenfreado, que tende a concentrar riqueza e poder nas mãos de poucos, a economia solidária propõe um modelo em que o desenvolvimento seja inclusivo e sustentável.

Posto isso, o aprofundamento da crise econômica dos anos 1980 no Brasil que, não só revelou as fragilidades estruturais da economia nacional, como também intensificou as desigualdades sociais e a centralização do capital. Nesse pensamento, convém referir a análise de Singer (1976) que oferece uma perspectiva crítica e abrangente sobre essas transformações, destacando o papel central da especulação financeira internacional e a reconfiguração das classes sociais no Brasil.

Ademais, o autor aponta para a economia solidária como uma alternativa viável à lógica competitiva capitalista, propondo um modelo de desenvolvimento que valoriza a cooperação e a justiça social. A experiência dos distritos industriais exemplifica que a colaboração entre empresas e trabalhadores pode ser um caminho para aumentar a produtividade sem sacrificar os direitos laborais. Dessa forma, a economia solidária não só responde às injustiças do capitalismo, mas também oferece um horizonte mais inclusivo e sustentável para o desenvolvimento econômico e social do país.

1.5 DESAFIOS E PERSPECTIVAS TEÓRICAS NAS MIGRAÇÕES: UMA ANÁLISE DA FRAGMENTAÇÃO E DA NECESSIDADE DE ABORDAGENS INTERDISCIPLINARES

A área das migrações possui um expressivo quantitativo de teorias construídas, porém, com pouca comunicação entre elas. Em sua reflexão sobre a existência da fragmentação das teorias, Massey (1990) atenta para seu desenrolar nas divergências entre os especialistas do tema, pontuando quatro dimensões presentes nos desacordos. A primeira dimensão consiste na possibilidade de o tema ser refletido em uma perspectiva sincrônica ou em uma perspectiva histórica – diacrônica.

A segunda dimensão corresponderia ao lugar do ato de migrar, podendo ser compreendida doravante a uma análise estrutural ou no âmbito do indivíduo. A terceira dimensão concentra-se em relação ao seu nível de análise, podendo partir de uma perspectiva individual, domiciliar, regional ou de outra dimensão. Na quarta e última dimensão, se coloca no impasse acerca das causas ou dos efeitos da migração.

Deste modo, para o autor o resultado dessas diferentes dimensões acerca do nível teórico das migrações centra na incompletude e imprecisão do conhecimento produzido e difundido a respeito da questão. Atentando, assim, para a necessidade da elaboração de teorias sobre a temática que incorpore conjuntamente diversos pontos de reflexão dentro de uma óptica processual.

Nessa perspectiva, para Barbieri (2007), em sua análise da relação entre mobilidade populacional, uso da terra e degradação ambiental, se volta para uma discussão acerca da inópia de evidências empíricas sobre o tema das migrações na literatura. Em seu estudo, alvitra uma perspectiva multiescalar⁴, que, segundo o autor, os fluxos migratórios especialmente desenvolvidos em áreas de fronteira agrícola se manifestam e explicam:

tanto por fatores relacionados à dinâmica dos ciclos de vida pessoal e domiciliar e motivações ou aspirações pessoais quanto por uma diversidade de fatores contextuais especialmente relacionados à comunidade local, a mudanças estruturais no país, à agenda política (ou geopolítica) e à infraestrutura de transportes e comunicações (Barbieri, 2007, p. 226).

Os estudiosos Brettel & Hollifield (2000), em seus estudos, de maneira geral, o tema das migrações e suas variadas formas de reflexão presentes na literatura científica, em níveis antropológicos, sociológicos, historiográficos, demográficos, econômico, no direito e nas ciências políticas, avultam também para a necessidade de desenvolvimento de trabalhos interdisciplinares, tendo em vista a proximidade de objetos de seus âmbitos.

Esses autores alegam que, entre determinadas áreas, já existe um certo intercâmbio nas produções de seus conhecimentos, no entanto, tendo em vista a ocorrência de determinados temas serem apenas tratados por limitadas disciplinas, assinala a necessidade da implementação da interdisciplinaridade das migrações. As análises e posteriores teorias econômicas e sociológicas, especialmente acerca das migrações internas, sucederam influências diretas da teoria do desenvolvimento econômico e pela teoria da modernização social. Nesse sentido, para

⁴ O conceito refere-se à busca pela compreensão dos efeitos, no sentido de relacionar os temas: mobilidade populacional, meio ambiente e uso da terra, construindo múltiplos níveis de análise, encontrados ao longo de diversas escalas espaciais e temporais.

Fausto (2009), as teorias tratam das migrações como:

na primeira, encontra-se a concepção de que as migrações são um poderoso mecanismo de transferência da população de regiões agrícolas, densamente povoadas, e com uma produtividade do trabalho extremamente baixa, para os setores urbanos e industriais da economia capitalista, onde o progresso técnico intrínseco garante uma produtividade do trabalho muito mais elevada. Segundo a teoria da modernização, pode-se dizer que as migrações transferem o grande excedente populacional das áreas tradicionais da sociedade para as cidades, principalmente as grandes, onde predomina um arranjo social e cultural moderno, baseado nos padrões históricos da sociedade ocidental (Brito, 2009, p. 5).

Dessa maneira, as duas grandes áreas teóricas vão se referir ao mesmo grande fenômeno, o das migrações, versando apenas em sua óptica analítica, de perspectiva econômica ou sociológica, seguindo a ótica das transferências dos excedentes populacionais das regiões agrícolas e das áreas tradicionais da sociedade brasileira, para os setores urbanos industriais dinâmicos do país.

Tomando continuidade de sua reflexão, Brito (2009, p. 19) ainda aponta que: “Mesmo que ocorram obstáculos intervenientes, associados à distância ou aos custos de transportes, assim como aos problemas psicossociais inerentes ao traslado, a virtuosidade econômica e social das migrações é um pressuposto inegável dessas teorias.”

O autor ainda adiciona ao seu raciocínio a dimensão da racionalidade migratória, de caráter positivo para as migrações, abarcando as perspectivas sociais e econômicas. Nessa concepção, a decisão de emigrar parte de uma complexa relação aos custos-benefícios dos movimentos, em que emigrações direcionadas para grandes regiões urbanas, se mostra como via mais apropriada quando é objetivado a elevação das melhorias dos padrões de vida dos envolvidos. Deste modo, ainda de acordo com o autor,

o migrante é considerado como um indivíduo dotado de racionalidade econômica na decisão de migrar e, portanto, capaz de desenhar os seus caminhos pelo território de uma maneira adequada às necessidades do mercado de trabalho. Como se cada migrante fosse um “empresário de si mesmo” a procurando a localização ótima para o seu “capital humano (p.29).

Por conseguinte, dentro das complexidades e particularidades dessas teorias, as migrações são pré-dispostas de maneira positiva e necessárias para o desenvolvimento capitalista e, consecutivamente, para a sociedade. Do mesmo modo, circunscreve um parâmetro racional para a melhoria de vida dos agentes envolvidos.

1.6 MIGRAÇÕES E O DESENVOLVIMENTO CAPITALISTA NO BRASIL: UMA ABORDAGEM HISTÓRICO-ESTRUTURALISTA

As teorias histórico-estruturalistas desempenham um papel crucial na compreensão dos processos migratórios, de maneira geral, sobretudo ao considerar a complexidade e a interdependência dos elementos que compõem os sistemas sociais. A partir dessa óptica, não é possível e nem correto dissociar os fatores econômicos, sociais, culturais e subjetivos ao se analisar as migrações, pois todos estão intrinsecamente ligados e influenciam mutuamente. Assim, a discussão do tema partirá a partir das contribuições de autores clássicos como Germani (1974) e Singer (1976), de suas análises histórico-estruturalista das migrações, tratando também da relação entre migração e desenvolvimento capitalista no contexto brasileiro.

As abordagens do tipo histórico-estruturalistas, conforme discutido por Germani (1974) e Singer (1976), enfatizam que a migração não pode ser compreendida apenas como um movimento de pessoas de um lugar para outro. Nesse entendimento, Germani (1974, p. 142) argumenta que,

o modelo que for empregado para análise da migração deve levar em conta não apenas fatores expulsos e atrativos, como também as demais condições sociais, culturais e subjetivas em que tais fatores operam". "as migrações são sempre historicamente condicionadas, sendo o resultado de um processo global de mudança, do qual elas não devem ser separadas.

Desse modo, a afirmação sublinha a complexidade do fenômeno migratório, que envolve uma rede de fatores complexos e interconectados influenciando tanto a decisão de migrar quanto os resultados desse processo.

A análise de Germani (1974) se constrói relevante ao considerar os três níveis propostos para entender a migração: o nível ambiental, o nível normativo e o nível psicossocial. Em seu tripé basilar, o nível ambiental inclui os fatores econômicos e geográficos, como a disponibilidade de recursos, o acesso à terra, o mercado de trabalho e as condições de comunicação entre as áreas de origem e destino. Desse modo, esses elementos, que inicialmente parecem estar fora do controle individual, são, na verdade, moldados pelas estruturas sociais e econômicas mais amplas que determinam as oportunidades e limitações para a mobilidade.

No nível normativo, as normas sociais, os papéis e as expectativas de comportamento também desempenham um papel crucial. Tais normas são frequentemente institucionalizadas, refletindo a cultura e as tradições de uma sociedade, o que, por sua vez, influencia a percepção dos indivíduos sobre suas próprias condições de vida e as possibilidades de mudança. Com isso,

em sociedades onde a migração é vista como um caminho legítimo para melhorar a qualidade de vida, os indivíduos podem estar mais inclinados a considerar a migração como uma opção viável.

O nível psicossocial, por outro lado, centra nas atitudes e expectativas dos indivíduos concretos. Nesse nível, é importante considerar como as experiências pessoais, as relações familiares e as aspirações individuais influenciam a decisão de migrar. Sob tal ponto de vista, a internalização dos padrões normativos vigentes na sociedade também desempenha um papel central aqui, moldando as expectativas dos indivíduos em relação às suas possibilidades de sucesso no novo ambiente. As migrações no Brasil são profundamente influenciadas pelas mudanças econômicas associadas ao desenvolvimento do capitalismo. De acordo com Singer (1976, p. 217):

as migrações são sempre historicamente condicionadas, sendo o resultado de um processo global de mudança, do qual elas não devem ser separadas. A migração é, assim, um elemento integrante das transformações que ocorrem na economia e na sociedade, e deve ser compreendida como parte das dinâmicas que moldam o desenvolvimento histórico.

Essa perspectiva nos mostra que as migrações não podem ser vistas como um fenômeno isolado, mas como parte integrante das intrínsecas transformações estruturais que acompanham o crescimento econômico. No contexto do capitalismo, especialmente durante sua fase industrial, a migração reflete as desigualdades regionais intensificadas pela concentração das atividades econômicas nas áreas urbanas, criando-se, assim, áreas de prosperidade e regiões de estagnação, forçando milhões de pessoas a migrar em busca de melhores condições de vida.

Nesse cenário, o desenvolvimento capitalista, particularmente durante o processo de industrialização, atuou como um dos principais motores da migração em diversos contextos históricos. No Brasil, esse processo começou no final do século XIX e ganhou força ao longo do século XX, levando a profundas mudanças nas estruturas econômicas e sociais do país.

As regiões Sudeste e Sul, especialmente os estados de São Paulo e Rio de Janeiro, emergiram como os principais centros industriais, atraindo grandes contingentes de migrantes nacionais e internacionais. Esses centros tornaram-se novas áreas polos econômicos dinâmicos, onde a demanda por mão de obra cresceu de forma significativa, criando um fluxo constante de migrantes que deixaram suas regiões natais em busca de oportunidades nas novas indústrias urbanas (Prado Jr., 1981, p.121).

O processo de industrialização, conforme enfatizado por Singer (1976), gerou desequilíbrios regionais que atuaram como fatores de expulsão nas áreas rurais e de atração nas

cidades, sendo, majoritariamente, resultado da introdução de relações capitalistas no campo, que levaram à mecanização da agricultura e à consequente redução da demanda por mão de obra. Nessa circunstância, a modernização agrícola, ao aumentar a produtividade, também contribuiu para a marginalização dos trabalhadores rurais, muitos deles foram obrigados a migrar para as cidades em busca de emprego (Oliveira, 1981, p.101).⁵

As migrações no Brasil, são fortemente influenciadas pelas desigualdades regionais. Singer (1976) identifica e desenvolve dois tipos principais de fatores de expulsão nas áreas rurais: os fatores de mudança, associados à introdução de relações capitalistas e modernização da agricultura, e os fatores de estagnação, que resultam da incapacidade dos pequenos produtores rurais de se adaptarem às novas demandas econômicas. Essas novas dinâmicas geram uma pressão significativa sobre os trabalhadores rurais, forçando-os a migrar para as cidades, onde esperam encontrar melhores oportunidades.⁶

Nesse sentido, as teorias histórico-estruturalistas oferecem uma estrutura teórica robusta para a análise da migração, especialmente ao enfatizar a interdependência dos fatores econômicos, sociais e culturais. As contribuições de Germani (1974) e Singer (1976) são particularmente relevantes para entender os padrões migratórios no Brasil, onde as desigualdades regionais e a industrialização desempenham um papel central na dinâmica migratória. Como apontado por Singer (1976), a migração é um processo histórico e estruturalmente condicionado, que reflete as contradições do desenvolvimento capitalista e as profundas desigualdades sociais que ele gera.

⁵ Esse fenômeno, conhecido como "êxodo rural", foi impulsionado pela concentração de terras nas mãos de grandes proprietários e pela expulsão dos pequenos produtores, que não conseguiam competir com as grandes fazendas mecanizadas.

⁶ No Brasil, as regiões Norte e Nordeste, historicamente menos desenvolvidas em comparação com o Sudeste e o Sul, têm sido as principais fontes de migrantes que buscam melhorar suas condições de vida nas áreas mais industrializadas do país (Alves, 2006).

CAPÍTULO II

CONCEIÇÃO-PB: DESENVOLVIMENTO, TRADIÇÃO E TRANSFORMAÇÕES LOCAIS

2.1 O DESENVOLVIMENTO DE CONCEIÇÃO-PB: ENTRE A TRADIÇÃO E A BUSCA POR SUSTENTABILIDADE

Imagem 1 - “Imagem da localização do município de conceição – PB no mapa da Paraíba”.



Fonte: Imagens para Celular (2017).

O município de Conceição, localizado no sertão paraibano, reflete de forma emblemática os desafios e as singularidades das pequenas cidades interioranas do Nordeste brasileiro. Sua história, marcada por uma profunda conexão com a religiosidade e pela forte dependência de atividades econômicas de subsistência, como a agricultura e a pecuária, revela uma trajetória de resiliência frente às adversidades típicas da região semiárida.

Embora tenha passado por algumas melhorias infraestruturais ao longo dos anos, Conceição enfrenta limitações significativas nos setores de saúde, educação e economia, aspectos que são comuns em pequenos municípios brasileiros. A partir dessa tomada de conhecimento acerca da cidade de Conceição, nesse tópico, serão analisaremos as principais características socioeconômicas da cidade, buscando compreender como esses elementos moldam o cotidiano de seus habitantes e suas perspectivas de desenvolvimento.

Segundo dados fornecidos pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE),

⁷o município, em 2022, contava com uma população de 18.239 habitantes, o que representa uma redução de 374 pessoas em relação ao censo de 2010, evidenciando uma perda constante de habitantes ao longo dos anos. Essa população encontra-se dispersa em uma área de 579 km², rodeada por municípios como Santa Inês, Bonito de Santa Fé, Diamante, Ibiara, Santana de Mangueira e Mauriti, que faz parte do estado vizinho, Ceará.

Esse entorno geográfico, característico de regiões interioranas, favorece a manutenção de laços comunitários fortes, com um estilo de vida marcado pela proximidade, onde as tradições, costumes e valores se perpetuam de geração em geração, em uma dinâmica social e cultural que transcende as barreiras do tempo. Desse modo, localização de Conceição, não só determina seu perfil demográfico, como também influencia diretamente as formas de interação social e a organização comunitária, características marcantes dos pequenos municípios nordestinos.

Correia (2014, a) destaca que a cidade e o município de Conceição revelam uma configuração urbana e econômica que reflete os desafios e especificidades do desenvolvimento de pequenos municípios no semiárido nordestino. Assim, até o ano de 2014, o município contava com aproximadamente 4.500 domicílios, dos quais 2.952 estão integrados ao sistema de esgotamento sanitário, se destacando em termos de infraestrutura sanitária, especialmente quando comparado a outras localidades de semelhante porte na região.

Apesar desse avanço, a cobertura de abastecimento de água pela rede geral alcança apenas 2.386 residências, evidenciando uma deficiência significativa nesse serviço essencial. Tal disparidade indica uma fragilidade na infraestrutura básica do município, afetando diretamente a qualidade de vida de seus habitantes.

Outro dado relevante é a coleta de resíduos sólidos, que atinge 2.490 domicílios, demonstrando uma cobertura relativamente ampla, ainda que não total, o que reflete, em parte, um certo nível de organização no gerenciamento dos resíduos urbanos (Correia, 2014, p. 39, a). Ao tomarmos conhecimento de tal fato, essa realidade, embora não seja ideal, aponta para um processo gradual de melhorias na infraestrutura urbana, que, se continuado e ampliado, pode contribuir para uma maior sustentabilidade ambiental e qualidade de vida no município.

No tocante à saúde, até o referido período, a estrutura local é limitada, contando com dois hospitais que somam 49 leitos e sete unidades ambulatoriais, de acordo com os dados analisados por Correia (2014, a). Essa oferta reduzida de leitos e unidades hospitalares impõe

⁷ Os dados do Censo do IBGE de 2022 foram utilizados apenas a nível de comparação de aos colhidos em 2010. Para as análises voltadas especificamente para as migrações, foram utilizados os dados exclusivamente do censo de 2010 por conta do recorte da pesquisa.

sérias restrições ao atendimento da população, especialmente quando se trata de casos de maior complexidade. A escassez de infraestrutura hospitalar também sugere uma dependência crescente das cidades vizinhas, o que torna o acesso à saúde um desafio para os moradores, particularmente aqueles que necessitam de cuidados especializados.

A fragilidade do sistema de saúde é um reflexo comum em municípios de pequeno porte em todo o Brasil, onde a concentração de recursos e serviços em grandes centros urbanos agrava as desigualdades no acesso à saúde de qualidade. Dessa maneira, as consequências dessa disparidade são profundas, afetando diretamente a capacidade da população de obter atendimento adequado e oportuno, e como resultado, implicando na qualidade de vida e nas perspectivas de longevidade dos habitantes locais.

Em relação ao campo educacional, o município de Conceição abriga 81 estabelecimentos de ensino fundamental e apenas dois de ensino médio, o que, de acordo com Correia (2014, a), reflete uma ênfase na educação básica, típica de pequenas cidades. Desse modo, ao tomarmos conhecimento dessa questão, essa concentração no ensino fundamental nos revela uma lacuna significativa no acesso ao ensino médio e, conseqüentemente, à educação de nível superior.

Essa limitação impacta diretamente as oportunidades de desenvolvimento humano e profissional da juventude local, perpetuando um ciclo de baixa escolaridade e restritas possibilidades de ascensão social. A carência de opções educacionais mais avançadas também reforça a dependência da população das atividades econômicas tradicionais, como a agricultura e a pecuária, setores que, embora essenciais, não proporcionam as mesmas oportunidades de progresso econômico e social que setores mais especializados ou de serviços. Nesse contexto, a educação torna-se um fator chave para romper com esse ciclo de restrições econômicas e sociais, destacando a importância de investimentos públicos e privados na expansão e qualificação da rede de ensino, em todos os níveis.

Em se tratando do fator econômico, Conceição conta com 93 empresas registradas no Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica (CNPJ), uma cifra modesta que evidencia a falta de diversificação no ambiente de negócios local. A economia é fortemente dependente de atividades primárias, como a agricultura, a pecuária e o comércio, setores que, embora fundamentais, não são suficientes para promover um desenvolvimento econômico mais dinâmico e sustentável (Correia, 2014, a).

Essa realidade econômica restrita limita as oportunidades de emprego e renda, criando um ciclo de baixa produtividade e inovações reduzidas. Nesse cenário, a falta de investimentos em setores mais diversificados impede que o município alcance um crescimento econômico

robusto, que poderia elevar o padrão de vida de sua população e fomentar um ciclo virtuoso de desenvolvimento, não resultando em evasões de seus habitantes.

No que tange à cultura e ao lazer, Conceição possui uma estrutura modesta, composta por quatro estações repetidoras de TV, duas rádios AM, três jornais diários, um ginásio poliesportivo, uma biblioteca pública e um teatro. Esses equipamentos e espaços, ainda que importantes, são insuficientes para promover uma vida cultural vibrante e diversa, tão necessária para o enriquecimento social e cultural da população (Correia, 2014, p. 39, a).

O acesso limitado à bens culturais reflete uma situação comum em cidades do interior brasileiro, onde os investimentos nessa área são escassos, dificultando o desenvolvimento de uma esfera cultural rica e inclusiva. A oferta restrita de espaços culturais também impacta negativamente na qualidade de vida, pois limita as possibilidades de lazer, de entretenimento e de formação cultural dos habitantes, elementos essenciais para o desenvolvimento humano em sua plenitude, sobretudo, para os habitantes que moram na zona rural dos municípios.

Finalmente, no âmbito jurídico, Conceição conta com uma sede de comarca, conselho tutelar e juízes designados, o que demonstra a presença do Estado na mediação e resolução de conflitos locais. Essa estrutura, embora básica, é fundamental para assegurar o exercício da cidadania e a manutenção da ordem pública, sobretudo em uma sociedade marcada por desafios econômicos e sociais significativos (Correia, 2014, a). Nesse sentido, o funcionamento adequado do sistema judiciário local é essencial para garantir que os direitos dos cidadãos sejam respeitados e que os conflitos possam ser resolvidos de maneira justa e equitativa, contribuindo para a estabilidade social e a paz no município.

Em suma, Conceição exemplifica os desafios enfrentados por pequenos municípios brasileiros situados no semiárido, onde a escassez de recursos e as limitações infraestruturais condicionam o desenvolvimento local. Assim, a cidade, apesar de apresentar avanços pontuais em áreas como saneamento e organização urbana, ainda lida com carências profundas nos setores de saúde, educação e economia, que afetam diretamente a qualidade de vida de seus habitantes.

Considerando pontos positivos, sua história de resiliência, aliada ao potencial de melhorias em setores estratégicos, como o acesso à educação de qualidade e a diversificação econômica, oferece perspectivas para um futuro mais próspero. O fortalecimento de políticas públicas voltadas ao desenvolvimento sustentável e à inclusão social será crucial para que Conceição consiga superar seus desafios e promover uma melhoria contínua nas condições de vida de sua população.

2.2 ENTRE A FÉ E A AGRICULTURA: AS RAÍZES HISTÓRICAS DE CONCEIÇÃO NO SERTÃO PARAIBANO

A fundação do município de Conceição remonta a um processo histórico de profunda devoção religiosa e de ocupação territorial voltada à subsistência agrícola, elementos que se entrelaçam na trajetória fundacional de diversas cidades do Brasil. Como Lucena (2010) descreve, o protagonismo de João Rodrigues dos Santos, devoto fervoroso e proprietário de vastas terras, foi fundamental na criação de um povoado que, posteriormente, se transformaria no município de Conceição.

João Rodrigues adquiriu terras férteis pertencentes à antiga cidade de Pombal-PB, um ponto relevante para entender o contexto de expansão territorial e agrícola da região. Segundo Lacerda (2022), o estabelecimento de um povoado, marcado pela construção de uma capela em homenagem a Nossa Senhora da Conceição, evidenciava a estreita relação entre fé e colonização, comum no sertão nordestino (Lacerda, 2022). Essa capela não foi apenas um local de culto, mas também o embrião de uma comunidade que se consolidou ao redor de valores religiosos profundamente enraizados.

A construção da Vila de Conceição ilustra, de maneira expressiva, como a religiosidade moldava as dinâmicas territoriais e sociais na formação de cidades do interior nordestino. Não se tratava apenas de um núcleo urbano emergente, mas o estabelecimento de um vínculo com Nossa Senhora da Conceição que representava uma âncora espiritual e identitária que conduzia o cotidiano de seus habitantes. Nesse contexto, a fé não era meramente uma expressão de crenças pessoais, mas também uma força organizadora da vida social e econômica local.

As primeiras construções e o consequente crescimento demográfico foram diretamente influenciados pela presença dessa capela, cuja relevância extrapolava o âmbito religioso, tornando-se um símbolo de coesão social. Dessa forma, a cidade foi se estruturando ao longo de uma linha evolutiva onde a devoção religiosa, a posse de terras e a organização comunitária estavam interligadas, configurando uma identidade local que permanece presente até os dias atuais.

No aspecto econômico, Conceição seguiu padrões comuns às cidades interioranas do Nordeste, com a agricultura e a pecuária como atividades predominantes, ainda que com uma ênfase inicial na subsistência. Correia (2014, a) detalha que a economia agrícola local é majoritariamente voltada para o cultivo de produtos como feijão, milho, mandioca, arroz e frutas, os quais atendem tanto às necessidades internas da cidade quanto às demandas de centros urbanos maiores, através do comércio externo.

Dessa maneira, a produção agrícola local, sustenta uma economia de base primária, na qual os produtos cultivados têm papel essencial para a subsistência dos moradores e para a geração de renda através da exportação (Correia, 2014, a). Esse modelo econômico, embora eficiente em sua função de prover os recursos necessários para a manutenção e asseguramento local da comunidade, é limitado pela própria natureza da agricultura de subsistência, que, apesar de atender ao consumo local, não gera grandes excedentes que possibilitem um desenvolvimento econômico robusto.

Outro ponto crucial para a compreensão da economia de Conceição é a pecuária, que ocupa uma posição de destaque no desenvolvimento da cidade. De acordo com Correia (2014, a), os rebanhos de bovinos, caprinos, suínos e equinos, além da criação de aves, formam a base da economia rural local. Essa atividade foi, historicamente, um motor de desenvolvimento para a região, garantindo a circulação de mercadorias e fomentando o comércio regional. Produtos como a rapadura, o mel e derivados da cana-de-açúcar, além do feijão e da batata-doce, são exportados para cidades maiores, como Campina Grande e Juazeiro do Norte, contribuindo para a integração da cidade em um circuito econômico mais amplo.

No entanto, a economia de Conceição reflete uma dinâmica de relativa estagnação no que se refere à diversificação das atividades econômicas. A estrutura produtiva da cidade permanece ancorada em práticas agrícolas e pecuárias tradicionais, com pouca incorporação de tecnologias modernas ou setores industriais que possam impulsionar o desenvolvimento local de maneira mais acelerada.

Nesse sentido, as famílias tradicionais da cidade, muitas das quais estão à frente das principais atividades econômicas, mantêm uma posição de destaque no controle dos recursos locais e na condução da vida comunitária. (Lucena, 2010) Essa condição revela uma estrutura social e econômica relativamente estática, em que a autoridade política e econômica das famílias tradicionais permanece um fator central para a organização da cidade.

Além disso, o comércio local de Conceição é outro elemento que merece destaque na análise do município. Embora modesto, o comércio reflete as necessidades básicas da população e a capacidade de gerar uma economia de pequeno porte que, mesmo sendo limitada, é vital para a manutenção de sua estrutura social. Nesse entendimento, o comércio local é uma extensão das atividades agrícolas e pecuárias, com os produtos locais sendo comercializados em pequenas feiras e mercados, promovendo um ciclo econômico de curta escala, mas de grande importância para a sustentação da vida comunitária (Correia, 2014, a).

A organização social de Conceição, marcada pela influência de famílias tradicionais e pela persistência de costumes antigos, revela um panorama em que as transformações

econômicas não necessariamente se traduzem em mudanças nas relações sociais. A cidade continua a ser um exemplo de como as tradições, aliadas à devoção religiosa e às práticas agrícolas, moldam o cotidiano de seus habitantes e garantem uma estabilidade social, ainda que essa estabilidade seja permeada por desafios econômicos, estruturais e limitadas para poucos.

Portanto, Conceição é um retrato fiel das pequenas cidades do semiárido nordestino, onde a combinação de fé, agricultura de subsistência e tradição familiar sustenta a vida comunitária. Assim, embora enfrente desafios de infraestrutura e uma economia pouco diversificada, a cidade permanece resiliente, sustentando-se sobre os alicerces de sua fundação religiosa e da organização social que se perpetua através das gerações. Mesmo que não retenha mais da mesma maneira os novos grupos sociais e, que na maioria das vezes, restam migrarem para outras localidades.

2.3 INTERDEPENDÊNCIA ENTRE MEMÓRIA COLETIVA E HISTÓRIA: INTERSEÇÕES E TENSÕES

A relação dialética entre memória e história tem sido objeto de crescente interesse nas últimas décadas, impulsionada por estudos seminais como os de Halbwachs (2006) e aprofundada por pesquisadores contemporâneos, como Barros (2011). A memória coletiva, enquanto uma construção social complexa e dinâmica, desempenha um papel central na formação e manutenção das identidades comunitárias, conferindo ao passado um caráter simbólico que transcende a simples lembrança.

Ao selecionar e valorizar determinados acontecimentos, a memória coletiva não apenas constrói narrativas que conferem sentido ao passado, mas também atua como um mecanismo poderoso de orientação das ações no presente. Em essência, a memória coletiva molda a forma como os grupos sociais entendem a si mesmos, influenciando diretamente suas decisões e percepções sobre o futuro.

A história, por sua vez, em sua busca por uma reconstrução mais objetiva do passado, lança mão de metodologias rigorosas, pautadas em fontes diversas e na crítica documental. Todavia, embora as abordagens da história e da memória possam parecer, à primeira vista, distintas em suas essências e objetivos, elas não são completamente antagônicas. Ao contrário dessa ideia, essas duas perspectivas se complementam e se inter-relacionam de maneira complexa, gerando interseções e tensões que enriquecem o debate sobre o passado.

A memória coletiva oferece o substrato emocional e simbólico que frequentemente alimenta a narrativa histórica, ao passo que a história dispõe de ferramentas críticas que

permitem analisar e desconstruir as narrativas produzidas pela memória, revelando as dinâmicas sociais e políticas que as moldam.

Na obra clássica *A Memória Coletiva*, Halbwachs (2006) defende que a memória de um indivíduo é, inevitavelmente, influenciada pelo ambiente social em que ele está inserido, evidenciando que as comunidades às quais pertencemos exercem um papel crucial na maneira como lembramos e interpretamos o passado. Ao tratar dessa questão, o autor enfatiza que:

os indivíduos não lembram sozinhos; eles o fazem sempre em relação a um grupo, seja ele familiar, religioso ou nacional. [...] Não é que a sociedade imponha ao indivíduo lembranças já feitas, mas, ao contrário, são as lembranças dele que se reconstituem no quadro de memórias coletivas que o cercam, assim como sua percepção é continuamente ajustada pela percepção dos outros membros do grupo (Halbwachs, 2006, p. 47).

Essa observação sublinha a profunda interdependência entre o individual e o coletivo na construção das lembranças, sugerindo que a memória pessoal é continuamente negociada e reformulada no contexto de interações sociais.

Consequentemente, a memória coletiva emerge como um conjunto de representações compartilhadas, que conferem significado à identidade e à perpetuação do grupo. Essa visão nos mostra, sobretudo, a seletividade da memória, que está sempre em processo de reorganização conforme as necessidades e preocupações do presente. Dessa maneira, longe de ser um depósito estático de informações, a memória deve ser compreendida como uma construção flexível e dinâmica, que se reconfigura de acordo com os contextos sociais e históricos em que está inserida. Nessa perspectiva, o autor Barros (2009) aprofunda essa discussão ao observar que memória e História lidam com o passado de maneiras bastante distintas. Em suas palavras, o autor pontua que:

enquanto a memória busca perpetuar uma visão coesa e muitas vezes mitificada de eventos passados, a história, ao contrário, tende a desconstruir essas narrativas, questionando suas bases e introduzindo elementos de crítica e problematização. A história, como uma disciplina que se alicerça em documentos, precisa resistir às tentações da memória de cristalizar determinados eventos ou personagens, mas também deve reconhecer que, muitas vezes, suas próprias narrativas não estão imunes às influências de memórias sociais (Barros, 2011, p. 82).

Nesse entendimento, o autor reconhece a dificuldade inerente à prática histórica de alcançar a objetividade plena, uma vez que os historiadores, ao selecionarem e analisarem suas fontes, não estão imunes às influências do seu contexto social e da sua subjetividade. Contudo, a objetividade histórica permanece um ideal a ser buscado, ainda que seja impossível de ser

alcançado em sua totalidade, devido às limitações inerentes ao processo de construção do conhecimento.

Com isso, a história, tal como a memória, está profundamente imbricada nas relações de poder e nas disputas simbólicas que permeiam o campo social. Assim, ao tentar reconstruir o passado de forma objetiva, a história se depara com as influências da memória, que moldam as percepções sociais sobre os eventos históricos, criando um campo de tensão entre a tentativa de reconstituir o que realmente aconteceu e as narrativas que foram construídas ao longo do tempo.

No que diz respeito à formação de identidades coletivas, torna-se evidente o papel central que a seleção de eventos a serem lembrados ou esquecidos desempenha no campo da memória coletiva. Halbwachs (2006, p 56) observa que:

as lembranças são sempre moldadas pelas preocupações e os interesses atuais do grupo, o que significa que a memória coletiva está em constante processo de reconfiguração. [...] Não existem lembranças individuais isoladas das memórias coletivas; mesmo o que parece um detalhe íntimo ou pessoal se estrutura em função das grandes narrativas que o grupo valoriza e perpetua.

Tal perspectiva ressalta a natureza maleável da memória. Esse caráter flexível da memória permite que diferentes gerações revisitem o passado e, em alguns casos, o reinterpretem à luz de novas realidades, validando ou contestando os valores, as tradições e os princípios que fundamentam a coesão social.

Nesse sentido, a memória coletiva pode tanto atuar como um mecanismo de preservação da ordem social estabelecida, quanto servir como um catalisador de mudanças, ao relembrar ou reinterpretar eventos históricos sob novas perspectivas. Barros (2011) adverte, contudo, que mesmo a História, com sua postura crítica e analítica, pode ser instrumentalizada para servir a interesses específicos. Ele afirma que:

a história, ao ser narrada, frequentemente adquire um caráter monumental, sobretudo quando associada a eventos heroicos ou fundacionais que legitimam uma visão específica de nação ou identidade. É o caso das narrativas historiográficas de caráter nacionalista, que buscam na exaltação do passado glorioso um meio de fortalecer a coesão social presente, ainda que para isso certos eventos ou personagens sejam marginalizados ou silenciados" (Barros, 2009, p. 95).

Dessa forma, a fronteira entre memória e história pode ser bastante tênue, dado que ambas as formas de entendimento do passado estão sujeitas a influências externas e manipulações discursivas. Em última análise, as divergências entre memória e história

transcendem meramente as diferenças metodológicas, tocando em questões mais amplas sobre o papel de ambas na construção das identidades sociais e na formação de um sentido compartilhado de pertencimento.

Por conseguinte, a memória, enquanto construção social, oferece uma coesão narrativa que muitas vezes ignora ou minimiza os aspectos mais controversos ou traumáticos do passado. Por outro lado, a História, em sua tentativa de reconstrução objetiva, também não está imune às influências do presente, o que demonstra a complexa e intrincada interação entre memória e História na construção do conhecimento sobre o passado.

2.4 DA PROMESSA À NECESSIDADE: O DESCOMPASSO ENTRE A POLÍTICA LOCAL E AS DEMANDAS DA POPULAÇÃO CONCEIÇÃOENSE (1980-2010)

O período de 1980 a 2010 em Conceição, apresentou um descompasso significativo entre as promessas políticas e as reais necessidades da população local. Ao longo dessas três décadas, os habitantes enfrentaram desafios econômicos profundos, com uma economia concentrada na agricultura de subsistência e uma oferta escassa de empregos formais. Esse contexto, caracterizado pela falta de assistência governamental contínua, gerou descrença entre os moradores, que se encontravam em condições onde as ações dos políticos locais não atendiam às demandas essenciais da comunidade, mas sim aos interesses eleitorais.

As entrevistas coletadas reforçam essa percepção, ilustrando como os representantes políticos mantinham-se distantes da população em tempos de necessidade, mas apareciam nas comunidades em épocas de campanha, em uma dinâmica marcada pela troca de favores e pela ausência de políticas públicas efetivas. Assim, esse descompasso entre política e população impulsionou um movimento migratório expressivo, especialmente entre aqueles que buscavam melhores oportunidades e condições de vida.

A falta de iniciativas estruturadas de desenvolvimento local e de assistência social foi substituída pela dependência de soluções emergenciais, como trabalhos temporários em períodos de seca. Para muitos, deixar Conceição foi a única alternativa viável para alcançar uma estabilidade econômica, já que o município não oferecia condições para uma vida digna. Desse modo, os relatos colhidos mostram um distanciamento significativo entre a política e a população, no qual, a entrevistada 1⁸, expressa uma visão crítica sobre a falta de auxílios

⁸ Entrevistada “1”, migrou em 1980, a partir de sua madrinha, que tinha migrado anteriormente com seu marido e tio da entrevistada.

políticos em sua época:

E sobre os políticos, né, quando eu vim na minha época, os políticos nunca ajudou, nunca ajudou ninguém aí na Paraíba não, que eu saiba. Nem os meus tios, nem o meu pai, nem a mim mesmo, eu mesma nunca recebi uma ajuda de político aí da Paraíba. Nenhum, nem nada, quase a gente nem... Só via esse pessoal no dia da eleição (Entrevistada 1, 2024).

Esse depoimento reflete a ausência de políticas públicas eficazes voltadas para o bem-estar da população, o que implica na criação de sentimento de descrença generalizada em relação à atuação da política e dos políticos. A entrevistada reforça que, para sua família e sua comunidade, não havia qualquer benefício ou suporte dos representantes locais, exceto em épocas eleitorais, quando as visitas dos políticos se tornavam mais frequentes e suas posteriores promessas vagas, a partir do apoio do grupo familiar.

Essa falta de engajamento e assistência política também foi mencionada pelo entrevistado 3⁹, que relata a ausência de ofertas de trabalho ou suporte para a população, particularmente para os moradores da zona rural:

Naquela época, ninguém vinha nem falar que alguém arrumasse um emprego aí na cidade, né? Todo mundo era só na zona rural, no sítio. [...] E sobre a questão de ajuda político, ficava praticamente o tempo inteiro sem ver ninguém de político. Quando faltava um mês, dois meses para as eleições, eles começavam a aparecer nos sítios, oferecendo uma coisa e outra por um voto. E era isso. Praticamente não tinha ajuda dessas pessoas, não (Entrevistado 3, 2024).

O entrevistado descreve um cenário no qual a economia local era baseada na agricultura familiar, sem apoio governamental para o escoamento da produção ou para a melhoria das condições de vida dos agricultores. Essa dinâmica reforça a visão de que os políticos só se aproximavam da população quando havia interesse eleitoral, evidenciando uma relação pautada na troca de favores e na manipulação dos votos, em vez de políticas estruturadas de desenvolvimento.

Já o entrevistado 5¹⁰, traz uma visão crítica da economia local e das condições de trabalho na época. No qual, ele relembra um tempo de escassez de oportunidades, no qual o mercado de trabalho era limitado, principalmente a quem possuía conexões com proprietários de pequenos comércios ou com a prefeitura:

⁹ Entrevistado “3”, migrou em 2008, a partir de seu irmão, que tinha migrado antes e já tinha estabelecido em São Paulo, capital.

¹⁰ Entrevistado “5”, migrou em 1994, a partir de conterrâneos do mesmo que já estavam estabelecidos em São Paulo, capital.

A única coisa que tinha nos anos secos era a emergência. [...] A gente não conseguia trabalho, porque ali eles trabalhavam, era o dono do mercadinho, aí botava o filho, sobrinha, sobrinho, então a gente não tinha oportunidade. Na época era assim [...] Os empregos era esse, era estado e prefeitura (Entrevistado 5, 2024).

A reflexão do entrevistado 5 expõe uma dura realidade enfrentada pelos moradores de Conceição, marcada pela falta de oportunidades e pela estrutura excludente do mercado de trabalho local. O relato revela como em períodos de crise ou seca, a escassez de emprego agravava ainda mais a situação, levando muitos a dependerem de recursos emergenciais e a perderem a esperança de prosperar na própria cidade. Tendo isso em vista, a prática de favorecer parentes e conhecidos próximos reforça uma lógica de apadrinhamento, que dificultava a ascensão daqueles sem essas ligações, empurrando uma parcela significativa da população a buscar alternativas, muitas vezes na forma de migração para outras regiões.

Ademais, o entrevistado também aponta para a ausência de políticas de assistência social, como o Bolsa Família e outros programas que hoje beneficiam populações vulneráveis. Ele destaca que, nos anos anteriores, não havia qualquer auxílio governamental consistente, e a população dependia de soluções emergenciais nos períodos de seca ou crise agrícola. Com isso, a economia dinamizada pelos pequenos comerciantes e pelo emprego público limitado, restringindo ainda mais as opções para quem não tinha os caminhos de apadrinhamento político.

O contexto econômico de Conceição era, portanto, bastante precário, com uma forte dependência da agricultura de subsistência e do comércio local. A entrevistada 4¹¹, complementa essa visão ao relatar as dificuldades enfrentadas especialmente pelas mulheres para encontrar emprego na época: “Não tinha emprego nem para os homens, imagina para as mulheres. [...] A gente só via tempo de política mesmo. Nunca via outro tempo. [...] E a gente saiu em busca de uma vida melhor, mais tranquila, que pudesse viver melhor” (Entrevistado 4, 2024).

O depoimento da entrevistada 4 revela como a precariedade econômica de Conceição acentua a desigualdade de gênero e limitava, sobretudo, as oportunidades de inserção das mulheres no mercado de trabalho. Assim, em uma economia fortemente dependente da agricultura de subsistência e de pequenos comércios locais, onde as vagas já eram escassas até mesmo para os homens, as mulheres enfrentavam ainda mais barreiras para garantir seu sustento. Essa dificuldade reforça a exclusão social enfrentada por elas, que, sem alternativas

¹¹ Entrevistada “4”, migrou em 2009, a partir de seu marido (Entrevistado “3”), que já tinha se estabelecido em São Paulo, capital.

de emprego, viam-se obrigadas a migrar em busca de uma vida melhor e com mais estabilidade.

A entrevistada 2¹², reflete sobre as práticas comuns durante as campanhas eleitorais, como o uso de transporte para levar os eleitores aos comícios e, possivelmente, o oferecimento de dinheiro em troca de votos: “Eu lembro que eles davam aqueles carros para buscar o povo, pra ir pros comércios, depois pra eleição. [...] Eu acho que dava dinheiro sim, né?” (Entrevistado 2, 2024). O relato da entrevistada 2 lança luz sobre a prática de clientelismo enraizada nas campanhas eleitorais de Conceição, revelando como estratégias manipuladoras eram utilizadas para atrair eleitores em troca de favores imediatos, como transporte e, possivelmente, dinheiro.

Posto isso, percebemos como essas práticas reforçam um ciclo vicioso de dependência, onde o apoio político é conquistado por promessas vazias ou benefícios efêmeros, em vez de um compromisso autêntico com o bem-estar coletivo. Dessa maneira, esse comportamento oportunista, ao privilegiar o voto como um recurso transacionável, desvia o foco das reais necessidades da população, que permanece desassistida após o período eleitoral.

Nesse contexto, a atitude dos políticos, mais preocupados em garantir apoio imediato do que em implementar políticas públicas estruturantes, contribui para a perpetuação de uma relação frágil e desconfiança entre a população e seus representantes. Assim, a cultura do "voto de troca" limita as possibilidades de transformação social e econômica, restando para muitos, as migrações como via de mobilidade social.

No aspecto econômico, as condições de trabalho eram limitadas, e as oportunidades escassas, principalmente para aqueles que não possuíam influência ou conexões com autoridades locais. O entrevistado 5, também relembra essa realidade ao mencionar a falta de programas assistenciais e de apoio direto aos trabalhadores rurais: “Então, o que eu me lembro nessa época não tinha esse auxílio que tem hoje, auxílio Bolsa Família, Vale Gás, não tinha nada disso. [...] então a gente não tinha oportunidade” (Entrevistado 5, 2024).

O depoimento do entrevistado 5 evidencia a situação de vulnerabilidade enfrentada pelos trabalhadores rurais de Conceição, que, sem assistência ou políticas de apoio, eram deixados submissos à uma economia limitada e excludente. Dessa maneira, a ausência de programas sociais, como o Bolsa Família e o Vale Gás, reforçava a desigualdade e ampliava as dificuldades para as famílias sem conexões com a elite local ou autoridades influentes, limitando suas perspectivas de crescimento e segurança financeira.

Essa carência de apoio governamental criava uma realidade de desamparo, onde os

¹² Entrevistada “2”, migrou em 1998, a partir de sua prima (Entrevistada “1”), que já tinha se estabelecido em São Paulo, capital.

trabalhadores rurais, especialmente, tinham poucas ou nenhuma alternativa para melhorar suas condições de vida e dependiam exclusivamente do pouco que conseguiam com a agricultura de subsistência.

À vista disso, o contexto mencionado reflete uma estrutura socioeconômica que não apenas ignorava as necessidades das camadas mais desfavorecidas, mas também incentivava a dependência de favores pessoais e redes informais de ajuda, em vez de promover uma assistência contínua e institucionalizada. Tal cenário contribuiu para fortalecer o ciclo de pobreza e de migrações, já que, diante de oportunidades locais escassas, muitos buscavam, em outras regiões, o que lhes era negado em Conceição.

Desse modo, a economia de Conceição era constituída pela agricultura de subsistência, com muitos moradores dedicando-se ao plantio e colheita de produtos básicos, como milho e feijão. No entanto, a ausência de infraestrutura e apoio governamental tornava o trabalho agrícola um desafio, e a dependência de condições climáticas propensas a secas frequentes agravava ainda mais a situação.

O entrevistado 3 ilustra essa realidade ao mencionar as dificuldades enfrentadas para transportar e comercializar os produtos agrícolas: “Quando a gente tirava legumes, feijão, milho, [...] Era uma dificuldade doida pra levar pra cidade” (Entrevistado 3, 2024). Esses desafios eram constantes, e os agricultores locais sentiam a falta de programas de incentivo, como assistência técnica e subsídios para escoar sua produção, o que poderia facilitar o desenvolvimento econômico e a melhoria da qualidade de vida da população rural.

Frente a esses desafios estruturais, as migrações tornaram escolhas recorrentes entre os moradores de Conceição, que viam na busca por novas oportunidades uma saída para as dificuldades enfrentadas. Com isso, esse movimento migratório, ao longo dos anos, estabeleceu-se como uma alternativa viável para superar as limitações da economia local e garantir uma vida melhor para as famílias. A entrevistada 4, descreve o motivo que a levou a migrar: “E a gente saiu em busca de uma vida melhor, mais tranquila, que pudesse viver melhor” (Entrevistada 4, 2024).

As migrações, portanto, não se tratavam apenas de um desejo, mas de uma necessidade para aqueles que viam em outras regiões do país a possibilidade de alcançar uma estabilidade econômica e social que a cidade de Conceição não era capaz de oferecer. Assim, o contexto político e econômico de Conceição entre 1980 e 2010 revela um cenário marcado pela falta de políticas públicas eficazes e por uma economia dependente da agricultura de subsistência, sem programas governamentais que garantam suporte aos trabalhadores rurais e pequenos comerciantes.

Dessarte, a população, sobretudo a rural, vivia à margem das decisões políticas e era obrigada a se adaptar a condições de vida adversas, com as migrações se apresentando como uma alternativa para a busca de uma vida mais digna. A relação entre os políticos e a população era caracterizada pelo distanciamento e pela troca de favores unicamente durante os períodos eleitorais, como evidenciam os relatos dos entrevistados, enfatizando a fragilidade de um sistema político que pouco contribui para o desenvolvimento da comunidade e para a superação das desigualdades sociais.

CAPÍTULO III

CONSTRUINDO VIDAS E MANTENDO RAÍZES: MIGRAÇÕES CONCEIÇÃOENSES E A IDENTIDADE EM TRÂNSITO (1980-2010)

3.1 ORGANIZAÇÃO MIGRATÓRIA E APOIO COMUNITÁRIO: DINÂMICAS FAMILIARES NAS MIGRAÇÕES CONCEIÇÃOENSES

Uma particularidade central que emerge do tema das migrações, trata-se das formas como elas são organizadas, em que a decisão de partir, muitas vezes, não era apenas individual, mas envolvia um processo coletivo, no qual parentes e amigos já estabelecidos nas regiões destinatárias desempenhavam um papel crucial na facilitação do deslocamento. Santos (1993) ao tratar das migrações, especialmente da importância do espaço nas dinâmicas de mobilidade interna enfatiza que:

a migração é um fenômeno espacial e, ao mesmo tempo, social. O movimento populacional entre o campo e a cidade, e entre diferentes regiões do país, é movido pelas desigualdades regionais e pela busca de melhores condições de vida. As redes familiares e comunitárias têm um papel fundamental nesse processo, conectando os locais de origem aos destinos de migração (Santos, 1993, p. 89).

Seguindo por essa perspectiva, a entrevistada 1 relata que em sua migração para o Estado de São Paulo, foi possibilitada através da ajuda da madrinha e da avó:

Olha, eu saí de Conceição dia 3 de outubro de 1980. [...] Aí eu saí de Conceição, através da minha madrinha [...]. A minha avó também me deu o dinheiro da passagem, né? Ela me ajudou também, a minha avó. [...] Meus pais deixavam, né? Meu pai e minha mãe deixavam, né? Que era eu deixo, mas quando foi na hora, eles não queriam mais deixar. [...] A minha avó falou assim, não, deixa ela ir trabalhar, deixa ela realizar os sonhos dela lá em São Paulo (Entrevistada “1”, 2024).

Nesse relato, vemos a importância do suporte familiar, que não apenas influenciou a decisão de migrar, mas também possibilitou financeiramente o deslocamento. A escolha do destino, São Paulo, surge não como um acaso, mas como parte de um sonho pessoal, que foi concretizado através das conexões familiares.

Sobre essa questão em especial, Biagioni (2012) ao explorar a migração como um processo de mobilidade social, assinalando as redes de apoio e os laços comunitários como protagonistas na ascensão socioeconômica dos migrantes, pontua que:

as migrações internas no Brasil, particularmente dos estados do Nordeste para o Sudeste, refletem um esforço de ascensão social. O apoio familiar não apenas facilita o deslocamento, mas também ajuda os migrantes a se estabelecerem nas cidades, encontrando trabalho e melhores condições de vida (Biagioli, 2012, p. 11).

Seguindo esse prisma de que as decisões de migrar foram mediadas por familiares ou conhecidos, o Entrevistado 3 explica que sua migração foi motivada pela presença de seu irmão, que já residia em São Paulo, e que posteriormente, o ajudou a encontrar emprego: “Eu vim pra cá através de meu irmão, né? Ele já estava com uns três anos que estava aqui, morando aqui, trabalhando, aí arrumou uma vaga de emprego e me ligou perguntando se eu queria vir. Aí eu falei que vinha e vim, né? Em 2008” (Entrevistado “3”, 2024).

Assim, as migrações internas no Brasil, especialmente da região Nordeste para o Sudeste, evidenciam não apenas uma busca por melhores condições de vida, mas também a centralidade das redes familiares e comunitárias nesse processo. Conforme destacado pelos autores supracitados, essas redes atuam como pilares fundamentais na mobilidade social e espacial, facilitando tanto o deslocamento quanto a adaptação nos destinos.

Desse modo, os relatos dos entrevistados reforçam essa perspectiva, mostrando como o apoio de parentes e conhecidos foi determinante para a tomada de decisão e a concretização da migração, seja na forma de ajuda financeira, como no caso da entrevistada 1, ou na oferta de oportunidades de trabalho, como ilustrado pelo entrevistado 3.

Nesse contexto, percebemos que a migração conceiçãoense segue um padrão em cadeia, no qual os pioneiros, aqueles que partiram primeiro, facilitavam a vinda de outros membros da família ou da comunidade. Com relação a isso, ao tratar das migrações rurais-urbanas e suas influências para o crescimento das cidades brasileiras, Martins (1996, p. 142) discute acerca do protagonismo das redes de apoio e a organização das migrações em cadeia:

a migração rural-urbana, no contexto brasileiro, é amplamente caracterizada pela formação de redes migratórias. Migrantes iniciais estabelecem-se nos grandes centros urbanos e criam as bases para a vinda de outros membros da família ou da comunidade, facilitando a adaptação dos novos migrantes através de apoio na obtenção de moradia e emprego.

Nessa perspectiva esse processo é destacado também a partir das vivências rememoradas pela entrevistada 4 (2024), cuja viagem foi organizada pelo cunhado, que já estava estabelecido na cidade: “Essa segunda pergunta foi organizada pelo meu cunhado, [...]. Ele veio antes e depois surgiu uma vaga de emprego na empresa e ele perguntou para meu marido se ele queria vir. Então, o ele veio, veio na frente com 10 meses e mandou buscar a gente.”

Outro aspecto relevante que emergiu das entrevistas, foi o impacto das condições econômicas e climáticas nas decisões de migrar. O Entrevistado 5, destaca que a seca prolongada no município e as condições adversas para a agricultura foram fatores determinantes na sua decisão de migrar para São Paulo. O desejo de escapar do trabalho agrícola extenuante e incerto foi um motivador central:

Desde os 7 anos eu trabalhava na roça, né? E aí, eu via meu pai naquele sofrimento, a gente plantava, tinha ano que não dava nada, aí tinha emergência. Meu pai tinha que ir pra aquela fila lá no batalhão pra pegar um feijãozinho duro e tal, falava, não quero isso pra minha vida. [...] E eu fui me preparando, trabalhando, criando porco, comprei uma bicicleta [...] E aí eu fui. Foi assim que eu fui pra São Paulo. Mas o motivo da minha ida mesmo é por eu não querer aquele trabalho, muito trabalho e pouco resultado, por causa da chuva, né? Na época era muita seca (Entrevistado “5”, 2024).

Esse depoimento nos mostra a relação intrínseca entre a economia agrícola fragilizada pelas condições climáticas e o movimento migratório. Nesse cenário, para muitos migrantes de Conceição, a vida no campo se tornava insustentável, impulsionando o desejo de buscar novas oportunidades em centros urbanos, onde a indústria e o setor de serviços ofereciam promessas de maior estabilidade financeira.

Ainda sobre impacto das condições econômicas e climáticas nas decisões de migrar, em suas reflexões a respeito dos fatores climáticos frente a contribuição para a migração em massa de regiões rurais para áreas urbanas, o autor Rezende (2007, p. 34) salienta que:

a migração no semiárido nordestino, particularmente em períodos de seca severa, não é apenas uma questão econômica, mas também de sobrevivência. A escassez de água e a baixa produtividade agrícola forçam as famílias a buscar novas oportunidades em regiões com melhores condições climáticas e econômicas, muitas vezes através de redes familiares já estabelecidas nas regiões de destino.

A migração no semiárido nordestino, como destacado pelo autor, revela-se não apenas uma resposta às dificuldades econômicas, mas uma questão de sobrevivência frente às adversidades climáticas. A escassez de água e a baixa produtividade agrícola, intensificadas durante períodos de seca severa, forçam as famílias a buscar melhores condições em regiões urbanas com maiores oportunidades.

Esse movimento migratório é frequentemente mediado por redes familiares já estabelecidas nos destinos, que facilitam tanto o deslocamento quanto a adaptação dos novos migrantes. Assim, a migração emerge como uma estratégia resiliente diante de um ambiente incapaz de

sustentar a vida no campo, mostrando-se uma resposta a constante decadência econômica e climáticas das regiões de origem.

Outro ponto apresentado e crucial para a discussão, é o papel da dinâmica familiar na organização da migração. Muitos migrantes saíram de Conceição já com familiares ou conhecidos estabelecidos em São Paulo ou em outras cidades maiores, o que facilitou na transição. Essas redes de apoio foram essenciais não apenas na chegada, mas também no processo de encontrar moradia e emprego. A entrevistada 2 (2024) comenta como sua prima em São Paulo desempenhou um papel fundamental ao trazê-la para cuidar de seu filho: "Foi através de uma prima minha que mora aqui em São Paulo [...] a minha prima precisava trabalhar e aí não ter com quem deixar o neném, [...] Aí ela mandou me buscar pra me vir cuidar do filho dela aqui em São Paulo."

Nessa fala, percebemos como a migração não era apenas motivada por questões econômicas, mas também por necessidades familiares, como o cuidado com os filhos. Além disso, destaca o caráter cooperativo da migração, em que os laços de parentesco e amizade desempenhavam um papel crucial na integração dos migrantes.

As migrações internas no Brasil, especialmente entre as regiões Nordeste e Sudeste, refletem um fenômeno complexo e multifacetado, no qual a organização dos movimentos migratórios desempenha um papel central. Nesse entendimento, a decisão de migrar não é isolada, mas frequentemente resultado de uma rede de apoios familiares e comunitários (Santos, 1993).

Essa dinâmica se torna visível a partir dos relatos dos migrantes de Conceição entrevistados, cujas suas viagens foram organizadas por parentes que já estavam estabelecidos em cidades como São Paulo, desempenhando um papel fundamental, facilitando tanto no deslocamento quanto na adaptação ao novo contexto urbano. Essas redes funcionam como um mecanismo de suporte, ajudando a mitigar os desafios associados à migração e oferecendo oportunidades concretas para melhorar a qualidade de vida dos recém-chegados.

Outro fator relevante no processo migratório é o impacto das condições climáticas e econômicas nas regiões de origem. A seca no semiárido nordestino, combinada com a baixa produtividade agrícola, tornou insustentável a permanência de muitas famílias em áreas rurais. Como destacado por Rezende (2007), a migração não era apenas uma busca por melhores oportunidades econômicas, mas também uma questão de sobrevivência diante de um ambiente inóspito e cada vez mais precário. O testemunho dos migrantes revela que a decisão de partir estava intrinsecamente ligada ao desejo de escapar de um cenário de trabalho extenuante e incerto, reforçando o papel das migrações como uma resposta às condições adversas do campo e à esperança de uma vida melhor nos centros urbanos.

Por fim, a migração conceiçoense entre 1980 e 2010 ilustra um padrão recorrente de mobilidade em cadeia, no qual os primeiros migrantes estabelecidos nas cidades desempenhavam um papel crucial na organização da vinda de outros familiares e membros da comunidade. Essa dinâmica, apontada por Martins (1996), revela a importância das redes de apoio não apenas na chegada, mas também na inserção dos migrantes em empregos e na busca por moradia.

A migração, portanto, não é apenas um fenômeno econômico, mas também social e comunitário, em que o vínculo com os parentes contribui na adaptação e integração em novos ambientes. Esses fatores combinados mostram que o processo migratório é tanto uma estratégia de sobrevivência quanto uma busca por ascensão socioeconômica.

3.2 DA PRECARIEDADE À ESTABILIDADE: HISTÓRIAS DOS MIGRANTES CONCEIÇOENSES EM BUSCA DAS ADAPTAÇÕES

A integração dos migrantes nas regiões de destino é um processo complexo, marcado por desafios e também por formas de apoio recebidas pelas redes de contato e o esforço individual dos migrantes para se adaptarem ao novo contexto.

Em sua discussão acerca das migrações internas no Brasil, Martins (1996) observa que a transição de um ambiente rural para o urbano envolve uma série de choques culturais e desafios econômicos, com os migrantes enfrentando a precariedade habitacional e a instabilidade no mercado de trabalho. Nessa condição, o autor afirma: "A migração interna no Brasil, em grande medida, reflete o êxodo rural, em que os migrantes saem em busca de melhores condições de vida, mas acabam encontrando dificuldades, como a falta de qualificação e a inserção em empregos de baixa remuneração" (Martins, 1996, p. 45).

No caso dos entrevistados, que migraram para a cidade de São Paulo, a experiência de adaptação revelou tanto dificuldades quanto histórias de sucesso, mostrando a importância de apoio familiar e de redes sociais na facilitação desse processo. O entrevistado 1, relata como a chegada em São Paulo foi um choque cultural e logístico, partindo de uma cidade pequena para uma metrópole. De acordo com o relato dela,

Foi difícil. Pra acostumar em São Paulo foi muito difícil, porque você sai de uma cidade pequena como Conceição[...]. Morar num sítio, município de Conceição, né? Que é o mameluco, né? pra vir pra uma cidade grande que nem São Paulo, só não tinha nem noção, mas acho que eu nunca nem... não tinha nem medo, acho que eu nunca... quando a gente é jovem, você não tem medo do perigo e das coisas que você possa enfrentar, atravessar, né? Eu nem pensei nisso, hoje em dia eu falei, meu Deus do céu, eu fui corajosa... Muito. Não sabia de nada (Entrevistado "1", 2024).

Esse sentimento de desorientação inicial é comum entre migrantes, que enfrentam não apenas barreiras geográficas, como também culturais e sociais. Ela menciona o apoio de sua prima, que facilitou sua adaptação, a qual lhe forneceu moradia e a ajudando a conseguir seus primeiros documentos e trabalho, destacando o papel da família no acolhimento e suporte emocional. Além disso, a entrevistada 1 destaca o quanto foi importante manter o foco em seus objetivos e trabalhar arduamente, descrevendo como conseguiu se estabelecer ao longo do tempo:

Cheguei aqui, comecei a tirar meus documentos, o RG, CPF, né? Eleitor. O título de eleitor até que eu vim com ele, mas aí é passado o tempo, eu vim sair daí em 1980, quando em 86 eu já transferi pra São Paulo o meu tipo de eleitor, né? Aí trabalhei em várias empresas, né? Trabalhei em sete empresas aqui em São Paulo, pra poder aposentar... com 60 anos eu aposentei... Então, não foi muito fácil não, né? Porque tá aí numa cidade pequena. Pra mim, uma cidade grande dessa daqui [...] (Entrevistada “1”, 2024).

O relato da entrevistada 1 destaca a dificuldade inicial de adaptação, a sensação de desorientação e a coragem que teve ao enfrentar o desconhecido. Além disso, o papel da família foi fundamental nesse processo, como o apoio de sua prima, que a ajudou a obter documentos e se estabelecer no mercado de trabalho. Essa rede de apoio foi primordial para sua adaptação, permitindo que, apesar dos desafios, ela conseguisse trabalhar em várias empresas até sua aposentadoria.

A entrevistada 2 também relata uma adaptação difícil no início, mencionando que a chegada em São Paulo foi acompanhada por sentimentos de tristeza e decepção. No entanto, com o tempo, conseguiu emprego e construiu sua vida, graças à ajuda de familiares. Ela afirma:

De cara, não gostei, era uma tristeza, eu achei muito ruim São Paulo, mas aí tinha sonhos, e aí eu fui ficando e aí a minha prima tinha sido dispensada do emprego que ela tava, e aí recebeu o seguro, fui tentar procurar outro emprego e aí se passou um ano e ela não arrumou mais emprego e aí ela acabou arrumando um emprego pra mim e aí fiquei na casa dela durante acho que mais ou menos uns três anos aí foi aonde eu casei e aí saí da casa dela (Entrevistada “2”, 2024).

O entrevistado 3, por sua vez, descreve uma adaptação mais tranquila. Apesar das dificuldades iniciais no Nordeste, ao chegar em São Paulo, ele encontrou estabilidade e apoio.

Então, [...] sobre essa questão aí de adaptação, eu... Quando eu vim daí, você sabe que as coisas aí não é que nem a gente estando empregado, né? A gente passa uns tempos melhor, outros tempos com mais dificuldade, mas, graças a

Deus, depois que eu cheguei aqui, assim que minha esposa chegou, [...] chegou com as meninas, aí ela também já começou a trabalhar. E eu trabalhava também, nós dois. Nós moremos dez anos na casa de meus patrões, eles não me cobravam aluguel. Aí minha adaptação foi muito simples, foi muito normal” (Entrevistado “3”, 2024).

Este relato sugere que o processo de adaptação varia significativamente entre os migrantes, dependendo das condições de trabalho e apoio social encontrados no local de destino. Ao analisarmos este relato, percebemos que a estabilidade no emprego e o suporte familiar parecem ter sido fatores determinantes para a experiência positiva da família. A entrevistada 4, esposa do entrevistado 3, a respeito da estrutura preparada por seu esposo, conclui que:

Logo quando eu cheguei já tinha trabalho pra mim. Não fora de casa. Ele levava o serviço da empresa dele pra casa porque era bem na frente. A empresa que ele trabalhava era na frente de casa. E ele levava pra mim trabalhar em casa. Então, graças a Deus, nunca faltou trabalho pra mim. Durante três anos eu trabalhei em casa. mas trazendo o serviço da empresa pra casa. Aí a gente se adaptou muito bem, as meninas teve escola logo quando chegou, eu coloquei elas na escola [...]” (Entrevistada “4”, 2024).

Esse relato sublinha a importância de se ter uma rede de apoio que providencie tanto moradia quanto oportunidades de trabalho, o que agiliza o processo de adaptação. Por fim, o entrevistado 5 traz à tona uma realidade de condições iniciais muito precárias, onde morava em um alojamento improvisado e trabalhava em condições pesadas e informais. Ele afirma que, ao chegar,

Era um banheiro comunitário. Em volta do depósito, como ele trabalhava com bloco, aqueles blocos que quebravam e sobravam, ele fazia aqueles quartinhos. As kitnets. Então, era um quartinho só mesmo. Um quartinho de mais ou menos 1,50 de largura por 3 de profundidade. Então, eram quartinhos bem pequenos mesmo. Cabia um colchãozinho ali, mal. E num fogão não tinha. Mas enfim, fomos morar nesse alojamento. Daí eu comecei trabalhando pro dono do depósito. Carregando e descarregando caminhão. Inclusive eu pesava 58 quilos. Eu me lembro como hoje um saco de cimento pesava 50, né? Então eu quase carregava meu peso pra poder sobreviver ali” (Entrevistado “5”, 2024).

Considerando os acontecimentos relatados, a experiência do entrevistado 5, que ilustra as duras condições de vida enfrentadas por muitos migrantes, é um reflexo contundente das realidades que permeiam a migração interna no Brasil. Nessa realidade, as dificuldades de habitação e trabalho, como a moradia em alojamentos improvisados e a necessidade de realizar atividades laborais fisicamente exigentes, revelam a vulnerabilidade a que muitos migrantes estão submetidos em suas jornadas em busca de melhores condições de vida. Esse quadro não

apenas evidencia os desafios estruturais e socioeconômicos, mas também destaca a resiliência e a determinação desses indivíduos diante de adversidades extremas.

A integração dos migrantes nas regiões urbanas, como observado nas experiências compartilhadas pelos entrevistados, revela a complexidade desse processo, que vai além da simples mudança de localização. Os relatos demonstram a luta contínua entre desafios e conquistas, onde o apoio familiar e as redes de solidariedade se firmam como elementos fundamentais para a adaptação e sobrevivência. Desse modo, as redes funcionam como um suporte crucial, minimizando a vulnerabilidade dos migrantes e facilitando seu acesso a recursos essenciais, como moradia e emprego.

Assim, apesar das adversidades enfrentadas, as histórias de resiliência e superação ilustram não apenas a capacidade de adaptação dos migrantes, como também a importância da colaboração e do acolhimento no processo de construção de novas vidas em ambientes urbanos desafiadores. Portanto, entender a migração interna no Brasil e requer uma análise cuidadosa das interações sociais e do papel vital das redes de apoio, reforçando que, mesmo diante de dificuldades, as possibilidades de integração e sucesso existem e podem ser alcançadas com perseverança e solidariedade.

3.3 ENTRE A BUSCA POR SONHOS E A PRESSÃO ECONÔMICA: A DUALIDADE MIGRATÓRIA CONCEIÇÃOENSE

As migrações são fenômenos multifacetados que podem ser analisados a partir de diversas perspectivas, sendo uma delas a dualidade entre liberdade e a necessidade. Para além da visão simplista de que os migrantes buscam apenas melhores condições econômicas, é fundamental entender que o deslocamento é frequentemente motivado pela ausência de condições dignas de vida em suas regiões de origem.

O autor Cardoso (2011), em sua análise crítica das migrações, enfatiza que, ao contrário do que muitas vezes se supõe, a migração não é uma escolha livre, mas sim uma resposta forçada às condições insustentáveis de vida nas regiões de origem dos migrantes. Segundo o autor, a migração é frequentemente vista como um ato de liberdade, mas, na realidade, reflete uma forma de sobrevivência forçada pela deterioração das condições socioeconômicas, destacando que a liberdade defendida pela ordem capitalista trata de uma liberdade ilusória, destinada a manter o sistema de exploração. Ele observa que:

tudo bem sabemos de onde eles vêm, mas falta uma parte da interrogação, ou seja, o porquê de suas vindas? O que procuram obter? É necessário de início, deixar claro que a migração, como afirma Alves (2007), é um movimento determinado pela expulsão, isto é, os trabalhadores migram quando as condições de reprodução nos seus locais de origem encontram-se comprometidas. Portanto, as migrações em qualquer dimensão escalar são via de regra um processo sócio-territorial determinado, sobretudo pelos aspectos econômicos e políticos, essa afirmação ganha corpo quando estudamos a mobilidade humana dentro do sistema sócio-metabólico do capital (Cardoso, 2010, p. 43).

Posto isso, a "liberdade de migrar", em sua essência, é uma necessidade desesperada de sujeitos que foram expulsos de suas terras por processos diversos de expropriações e degradações das condições de vida. Ao tratar da migração, o autor ressalta que os trabalhadores não se deslocam por um desejo de explorar novos horizontes ou melhorar suas condições por vontade própria, mas sim porque suas condições de sobrevivência nas terras de origem foram comprometidas. Por isso, na maioria dos casos, migram por necessidades.

A citação de Alves (2007) utilizada por Cardoso reforça a ideia de que a migração é determinada pela expulsão de indivíduos de suas localidades natais, realidade esta que não pode ser dissociada do avanço das relações capitalistas, sobretudo nas áreas rurais. Em vista disso, estes movimentos de expropriações e desestruturações, segundo Cardoso (2010), não pode ser visto como uma forma de liberdade. Ao contrário desse pensamento, a migração aparece como um sintoma de um processo de destruição da autonomia do indivíduo, que é forçado a migrar para garantir sua sobrevivência. Nesse sentido, esse argumento denota que a liberdade de "ir e vir" dentro do sistema capitalista é, na verdade, uma "liberdade para o capital", e não uma verdadeira liberdade para os indivíduos. Portanto, consoante ao autor:

portanto, ao invés de uma decisão livre, o direito de migrar se converte em obrigação compulsória pela sobrevivência: 'ir e vir', longe de ser um ato de liberdade acaba sendo a revelação do desespero de quem se vê pressionado pela necessidade de sobreviver. [...] Assim, a pseudoliberdade aventurada pelo capital desconsidera por completo o desenvolvimento da unilateralidade humana, é uma 'liberdade para o capital' (p. 56).

A entrevistada 1, em sua entrevista, expressa uma narrativa híbrida ao mencionar tanto o sonho quanto a necessidade como motivos para sua migração: “E também vim por eu ter um sonho, queria. Trabalhar. Por necessidade também, né? Tudo que eu aprendi, tudo que eu tenho aqui em São Paulo” (Entrevistado 1, 2024). Essa fala nos remete à complexidade da migração como fenômeno que vai além das questões econômicas. Embora o aspecto da sobrevivência seja crucial, há uma dimensão de aspiração e realização pessoal envolvida.

Ao analisarmos os relatos, percebemos que a migração não pode ser entendida apenas sob a ótica da necessidade material ou da busca por melhores condições de vida. O desejo de realizar sonhos e conquistar novos horizontes também emerge como uma motivação significativa. Esse hibridismo nas narrativas migratórias demonstra que a migração, além de uma resposta às dificuldades econômicas, é também um caminho de busca por identidade, pertencimento e autossuperação. Assim, a intersecção entre sonho e necessidade aponta para o fato de que a migração envolve não apenas o corpo, mas também o imaginário, sendo, muitas vezes, uma forma de se reconectar com projetos de vida e de futuro que transcendem os limites da sobrevivência.

A narrativa de liberdade, embora presente na fala da entrevistada 1, perde força quando se analisa o discurso dos outros entrevistados. A entrevistada 2, por exemplo, foca na necessidade como o principal motivador de sua mudança, destacando que o seu sonho de vir para a cidade grande estava diretamente relacionado ao desejo de ajudar sua família: "Eu acho que não foi nem de liberdade, foi por necessidade mesmo. Necessidade, sonho de vir pra cidade grande, trabalhar e ajudar a família. Foi tudo isso que levou a saída daí." Esse relato reforça a análise de Patarra (2005), que aponta a migração como resultado de profundas disparidades regionais no Brasil, especialmente em áreas rurais, onde as condições de vida e trabalho são mais restritas.

De forma semelhante, o entrevistado 3 reafirma a centralidade da necessidade, mencionando a falta de oportunidades de emprego em sua região de origem: "Na verdade, eu não vim, não fui nem por liberdade. Era por causa da necessidade mesmo, né? Como a gente era pobre, não tinha oportunidade de trabalho aí, de emprego, principalmente na época, que não tinha mesmo." Esses relatos testemunha as carências de oportunidades nas regiões rurais como um dos fatores determinantes na decisão de migrar para os grandes centros urbanos.

Para muitos migrantes, a migração é vista como a única saída viável diante da escassez de recursos e de empregos formais em suas localidades de origem. Além disso, a entrevistada 4 reforça a ideia de que a migração não está necessariamente associada à falta de liberdade no local de origem, mas sim à busca por estabilidade econômica:

Eu não vou falar assim como forma de liberdade, porque na verdade aí a gente também era livre, né? Na verdade era mais por necessidade mesmo, porque a gente precisava, a gente tinha vontade de ter uma vida mais tranquila, mas eu sei que aí geralmente todo mundo vive tranquilo. Graças a Deus hoje é bem mais diferente do que antes, né? Era muito difícil, há 15 anos atrás, e era mais para ter uma vida mais estabilizada, como posso falar, isso mesmo, mais estabilizada [...] foi por necessidade mesmo, porque a gente precisava (Entrevistada "4", 2024).

Sua fala ilustra como o desejo por uma vida mais tranquila e estável está diretamente vinculado às condições precárias que muitos enfrentam no campo, reforçando a ideia de que a migração está fundamentada, majoritariamente, em fatores econômicos. Por fim, o entrevistado 5 destaca um aspecto mais subjetivo da migração, relacionado à dignidade e ao desejo por pequenas melhorias materiais:

A minha foi mais de necessidade. Eu queria muito chegar no final do ano, ter um dinheirinho para comprar uma roupa nova, para ir para aquelas festas de final de ano que sempre teve em Conceição. Então a gente nunca tinha dinheiro, nunca tinha dinheiro. Trabalhava o ano inteiro e nunca tinha dinheiro, porque no ano que o inverno era mais ou menos, aí dava alguma coisa, mas aí a gente guardava para poder comer e plantar no outro ano. Então a gente trabalhava meio que não tinha dinheiro, então eu achava isso muito ruim, sabe? Aí você trabalhar o ano inteiro e no final do ano não ter dinheiro pra comprar roupa, pra ir pra cidade, pras festas, sabe? Então no meu caso foi necessidade mesmo, eu queria algo melhor pra minha vida e poder ajudar meu pai, né? Foi necessidade (Entrevistado “5”, 2024).

Esse trecho evidencia que, além da sobrevivência, a migração também está associada à busca por uma vida que permita o acesso a itens básicos de consumo e experiências sociais que proporcionem um sentido de pertencimento e dignidade. Esse fator, embora muitas vezes subestimado, é uma das razões por trás do deslocamento de populações inteiras, especialmente em regiões onde o consumo de bens básicos não é acessível à maioria.

Nesse contexto, as análises das migrações sob a lente da tensão entre liberdade e necessidade revela que o deslocamento de pessoas, especialmente em regiões economicamente desfavorecidas, é impulsionado muito mais pela urgência da sobrevivência do que por uma escolha deliberada de novas oportunidades. Por isso, embora o sonho e as aspirações por uma vida melhor façam parte das narrativas migratórias, como vimos em alguns relatos, esses fatores estão frequentemente entrelaçados com a necessidade econômica e a falta de perspectivas em suas regiões de origem.

O discurso de uma liberdade ilusória promovida pelo sistema capitalista, torna-se evidente à medida que analisamos as experiências dos migrantes, cujas decisões de migração são frequentemente forçadas por condições de vida insustentáveis (Cardoso, 2011). Assim, a migração, longe de ser um ato de autonomia plena, reflete as desigualdades estruturais e as limitações impostas por um sistema que prioriza o capital em detrimento da dignidade humana.

3.4 CONCEIÇÃO NO IMAGINÁRIO: A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DOS MI-

GRANTES ATRAVÉS DA MEMÓRIA

A questão das migrações carrega em si uma complexidade que vai além dos movimentos físicos de pessoas ou grupos entre territórios. Elas estão profundamente vinculadas à memória, à identidade e à relação dos migrantes com seu lugar de origem. A partir das entrevistas coletadas e da pergunta: Você tem vontade de retornar de vez para a cidade Conceição? investigamos a possibilidade de permanência de laços culturais e afetivos com município e a cidade de origem, mesmo entre aqueles que já passaram décadas fora da cidade. Desse modo, esses laços representados pela saudade e pelas memórias de um lugar saudoso, atuam como alicerces que continuam a construir a identidade desses migrantes, mesmo que suas vidas cotidianas já estejam vinculadas em outro local.

Segundo Pinto (2012), os vínculos que as populações estabelecem com seus locais de vivência são multifacetados, envolvendo não apenas aspectos econômicos ou políticos, mas também as dinâmicas culturais e identitárias que moldam a memória coletiva dos grupos. Para o autor:

os lugares ocupados pelas populações ao longo da história possuem representações diversas para os homens. Inseridos em diversos meios e em profusas relações, os homens sociais criam vínculos em seus locais de vivência. Esses vínculos [...] catalisam as relações culturais, de memória e de identidade de grupos (Pinto, 2012, p.12).

Nessa perspectiva, a reflexão sobre os vínculos que as populações estabelecem com seus locais de vivência, conforme abordado pelo autor, revela a complexidade das relações entre espaço, cultura e identidade. Os indivíduos não apenas habitam fisicamente um lugar, mas também constroem laços simbólicos e afetivos que moldam suas identidades coletivas e individuais. Esses vínculos são fortalecidos pela memória compartilhada e pelas práticas culturais que conectam o presente ao passado, resultando em um sentimento de pertencimento e continuidade.

Dessa forma, o espaço habitado transcende o aspecto geográfico e passa a ser compreendido como um território simbólico, onde a história, as tradições e as experiências são constantemente recriadas e vivenciadas. Além disso, as dinâmicas de migração evidenciam como os laços culturais e identitários são transportados para além do local de origem, sendo recriados em novos contextos geográficos. Os migrantes, ao se deslocarem, não rompem completamente com suas raízes, mas podem ressignificarem nos novos espaços que ocupam.

Assim, a memória coletiva dos grupos migra com eles, tornando-se um fator fundamental na construção de novas identidades. Esse processo, ao mesmo tempo que reafirma a impor-

tância do local de origem na formação de quem são, permite que os indivíduos se adaptem e criem novas relações culturais e identitárias em outros territórios, sem perder de vista suas origens. Tendo isso em vista, na primeira entrevista, a entrevistada evidencia essa relação ao afirmar que, apesar de estar há muito tempo em outro Estado, jamais esqueceria suas raízes paraibanas:

Nunca vou falar pra você assim que eu tenho vontade, assim... Eu nunca vou falar assim, não, aqui eu já tenho mais de 30 anos, 30 anos acho que é quase 40. Nunca vou dizer pra você, eu gosto de São Paulo, mas se precisar, se... assim, eu voltarei pra minha terra. Né, sim? Passam os tempos, passam os seis meses, nunca vou dizer assim, não, não vou voltar pra lá, não, jamais. A minha raiz é aí, na Paraíba, eu jamais vou esquecer das minhas raízes, né? [...] Nunca vou falar pra você que eu não vou pra morar. Nunca vou falar isso. Pra você nem pra ninguém, né? Porque minha terra natal, nunca, jamais eu vou esquecer da minha terra natal, né? Passo dois meses, três meses aí, aí volto pra São Paulo (Entrevistada "1", 2024).

O que podemos verificar nessa fala é a permanência de uma identidade que, mesmo distante, continua sendo alimentada pela memória de seu lugar de origem. A cidade de Conceição aparece como um símbolo de tranquilidade e pertencimento, em oposição à vida corrida e intensa da cidade de São Paulo. Nesse cenário, a memória atua como um elemento de resistência à dissolução completa dos vínculos culturais e afetivos com a terra natal, funcionando como um contraponto à experiência urbana. Conceição, enquanto espaço de memórias, oferece ao migrante a possibilidade de um refúgio, ainda que idealizado, contra o desgaste e a pressão da vida nas grandes cidades.

A entrevistada 2, reforça essa tensão entre o desejo de retorno e a impossibilidade prática de realizá-lo. A mesma expressa a vontade de voltar à cidade de Conceição, mas condiciona essa decisão à questão econômica:

Sim, eu acho que eu falo quase todo dia, só que vai demorar um pouquinho. Porque se fosse fácil de um emprego aí, e eu conseguisse um emprego aí, eu acho que eu iria hoje. No frio que tá aqui, eu iria hoje embora pra aí. Mas como não é possível, como não tem emprego aí, eu falo sempre, quase todo dia eu falo, quando eu me aposentar, São Paulo, olha, eu venho aqui só passear, só passear, mas morar não (Entrevistada "2", 2024).

Ainda que São Paulo ofereça as condições necessárias para a sobrevivência e as sonhadas estabilidades financeiras, a memória de Conceição persiste como uma promessa de retorno futuro, neste caso da entrevistada, particularmente associada ao momento da aposentadoria. O ato de "retornar para passear", revela um desejo de reconexão com as raízes, mas ao mesmo tempo, a impossibilidade de viver permanentemente na cidade de origem sugere uma transfor-

mação na identidade do migrante, que se torna, em parte, irreversivelmente marcado pela experiência urbana.

O entrevistado 3, expõe outra dimensão dessa relação, ao demonstrar que, mesmo com a estabilização material alcançada em outro local, os laços afetivos com Conceição permanecem fortes:

Como eu já estou bem estabilizado aqui, já comprei minha casa, já construí a casa da minha filha. Aí, meus planos são assim. Não tem mais como eu me aposentar por empresa aqui. Aí, com certeza, eu vou tentar me aposentar quando chegar a idade aí [...] depois que eu me aposentar eu posso ficar uns tempos aí, uns tempos aqui, isso aí tá em meus planos, né? Se Deus quiser vai dar certo (Entrevistado “3”, 2024).

A ideia de viver "uns tempos aí, uns tempos aqui" revela a dualidade na identidade do migrante, que oscila entre dois mundos: um, onde construiu sua vida material e profissional; outro, onde reside sua memória afetiva e suas raízes culturais. Nesse sentido, a cidade de Conceição, enquanto espaço afetivo, continua a ser um ponto de referência essencial, ainda que a vida prática se desenrole em outra parte. Na Entrevista 4, a saudade da cidade natal é explicitamente mencionada como um fator central na experiência do migrante:

Então, a gente sente muita saudade daí, né? Até porque nesses 15 anos que eu tô aqui, [...] eu já fui aí cinco vezes. E... porque, na verdade, aí é o nosso lugar, né? É o lugar, a nossa terra. Mas, no momento mesmo, eu... a gente não pensa, não, em morar aí. Pra morar não, agora não. É porque aqui a gente tá... tá bem, né? Mas a gente nunca sabe, né? Mas... Nunca vou esquecer a nossa terrinha aí, né? Na verdade, é nossa terra, nosso lugar, nossas raízes (Entrevistada “4”, 2024).

Conceição continua sendo o "nosso lugar", mas a entrevistada se encontra em um estágio da vida em que a estabilidade conquistada em outro local reveste-se de maior importância, ainda que as raízes nunca sejam completamente esquecidas. A cidade de origem mantém seu papel simbólico e emocional, mas não necessariamente prático. Por fim, a entrevistado 5 oferece uma perspectiva mais complexa sobre a relação entre migração, memória e identidade:

Sim, pretendo... eu adoro minha cidade, retorno depois dos 14 anos, eu retorno todos os anos, é que eu retornei depois de 14 anos, mas hoje todos os anos e agora tem ano que eu vou 5 vezes aí [...] Mas morar, voltar pra aposentadoria aí não, porque eu acho que ainda é muito atrasado, sabe? Acostumei com a vida urbana, mais agitada, com as coisas da cidade. [...] Eu pretendo me aposentar daqui a quatro anos [...] Quero viver um pouco em São Paulo, um pouco em Fortaleza, aqui no Nordeste, aí em Conceição, visitando, e em Portugal (Entrevistado “5”, 2024).

A fala do entrevistado “5” ilustra a complexidade dos vínculos entre migração, memória e identidade, demonstrando que o pertencimento a um lugar vai além da permanência física. O retorno frequente à cidade de origem sugere uma ligação afetiva profunda, reforçada pela memória e pelas raízes culturais. No entanto, a escolha de não voltar a morar permanentemente em Conceição revela a tensão entre o afeto pela terra natal e a adaptação a novos contextos urbanos. O entrevistado valoriza as experiências e as dinâmicas culturais vividas nas grandes cidades, o que molda sua identidade de maneira a abranger tanto suas origens quanto os novos espaços nos quais vive.

Essa dualidade evidencia como os migrantes constroem suas identidades em uma interseção entre o passado e o presente, o local de origem e os novos territórios. Dessa maneira, a ideia de dividir a vida entre diferentes lugares – São Paulo, Fortaleza, Conceição e até Portugal – reflete um processo de ressignificação da identidade, onde o migrante se vê pertencente a múltiplos espaços.

Esse pluralismo cultural e geográfico destaca a capacidade de adaptação e de preservação da memória, sem a necessidade de fixação em um único local, abrindo caminho para novas formas de identidade que transcendem apenas uma localidade, transitando entre diferentes culturas e contextos sem perder o vínculo com a terra natal.

Desse modo, as migrações representam um fenômeno que vai muito além do simples deslocamento físico de indivíduos entre territórios. Ao investigar a relação entre migração, memória e identidade, observamos que os laços afetivos e culturais com o lugar de origem permanecem significativos, mesmo após anos de afastamento.

A pergunta sobre a vontade de retornar à cidade de Conceição indica que, embora muitos migrantes construam novas vidas em outras regiões, as memórias e a saudade do local de origem continuam a atuar como pilares centrais em suas identidades. A cidade de Conceição, com suas tradições e histórias, se mantém viva no imaginário desses migrantes, funcionando como um elo emocional e cultural que se perpetua, apesar de suas vidas estarem ancoradas em outros lugares.

Essa relação entre o migrante e sua terra natal é complexa, como destaca Pinto (2012), ao afirmar que os vínculos estabelecidos com o local de vivência envolvem não apenas aspectos econômicos ou políticos, mas também dinâmicas culturais e identitárias que moldam a memória coletiva. O espaço geográfico, portanto, adquire uma dimensão simbólica, onde a memória e a identidade se entrelaçam e são constantemente recriadas.

Por conseguinte, os relatos dos migrantes de Conceição mostram que, embora tenham se adaptado a outras realidades, suas raízes culturais permanecem um elemento importante em

suas vidas, moldando quem são e como se posicionam no mundo. Assim, a terra natal continua a ser um local de pertencimento, mesmo que para alguns, apenas na esfera da memória e da saudade.

Entretanto, muitos migrantes reconhecem a impossibilidade de um retorno permanente, devido a fatores práticos como oportunidades econômicas e o ritmo de vida urbano ao qual se acostumaram. A memória e a identidade, nesse contexto, fluem entre diferentes geografias, permitindo que o migrante construa uma trajetória que concilia o passado com o presente, as raízes com a vida contemporânea.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O fenômeno migratório, sempre presente ao longo da história da humanidade, reflete processos de reorganização social, econômica e cultural que afetam tanto os locais de origem quanto os de destino. As migrações nordestinas, em particular, exemplificam a busca por melhores condições de vida frente às adversidades climáticas e econômicas que há muito tempo afligem a região.

Os movimentos migratórios que partiram do Nordeste, sobretudo no período entre os séculos XIX e XX, influenciaram diretamente o desenvolvimento de outras partes do Brasil, como a Amazônia e o Sudeste, revelando a importância da migração como estratégia de crescimento e transformação econômica. Além disso, isto é, mais do que fatores econômicos, as migrações também moldaram identidades regionais, promovendo uma complexa troca de experiências culturais e de pertencimentos. Desse modo, compreender esse fenômeno é essencial para uma análise mais ampla sobre a coesão territorial e a diversidade que caracterizam o Brasil contemporâneo.

A partir disso, a pesquisa desenvolvida buscou preencher lacunas no entendimento das migrações internas, especificamente as que ocorreram a partir de Conceição, entre 1980 e 2010. Em vista disso, apoiado numa reflexão pessoal e acadêmica, este trabalho procurou não só documentar a história migratória do município, mas também oferecer um novo olhar sobre os impactos sociais e culturais que esse processo gerou para os migrantes e para a cidade de origem.

Ao tratar de questões como memória, identidade e pertencimento, a pesquisa contribuiu para uma compreensão mais abrangente das dinâmicas migratórias no Brasil, inserindo Conceição em um debate maior sobre a importância das migrações nordestinas na construção das trajetórias pessoais e na redefinição do tecido social de diferentes regiões do país.

Deste modo, observou que as migrações conceiçãoenses revelam semelhanças nos deslocamentos, fortemente baseados em redes de apoio familiar e comunitárias. Os relatos dos entrevistados demonstram que a decisão de migrar raramente foi tomada de forma isolada, sendo frequentemente mediada por parentes que já estavam estabelecidos em cidades do Sudeste, sobretudo São Paulo. Essas redes de suporte foram essenciais para minimizar os desafios iniciais da migração, como a obtenção de moradia, emprego e a adaptação a um novo contexto cultural e social.

Ademais, as condições adversas do semiárido nordestino, agravadas pelas constantes secas e a precariedade agrícola, atuaram como fatores determinantes para o movimento

migratório, evidenciando a migração não apenas como uma busca por melhores condições econômicas, mas também como uma estratégia de sobrevivência. Por fim, os desafios enfrentados pelos migrantes no processo de adaptação, embora significativos, foram superados por meio do esforço individual e do suporte familiar, resultando na construção de novas vidas e identidades em terras distantes, sem, no entanto, romper completamente os laços afetivos e culturais com a cidade de origem.

Outro ponto relevante a ser mencionado, diz respeito à dualidade migratória conceiçãoense entre a busca por sonhos e a pressão econômica, que, por sua vez, é intrinsecamente complexa e multifacetada. Ao longo dos relatos, ficou claro que as migrações, apesar de carregarem aspectos de realização pessoal e aspirações de uma vida melhor, estão, em grande parte, ancoradas em necessidades básicas e na urgência por condições dignas de sobrevivência.

A liberdade de migrar, muitas vezes associada ao desejo de explorar novos horizontes, se revela como uma liberdade limitada pelas imposições econômicas e sociais. Nesse cenário, os migrantes de Conceição, assim como muitos em regiões economicamente desfavorecidas, não migram apenas em busca de oportunidades, mas são pressionados por circunstâncias adversas que os forçam a deixar suas terras.

Não obstante, esses movimentos não anulam a presença de sonhos e aspirações nas narrativas dos entrevistados, mostrando que o ato de migrar é ao mesmo tempo um caminho de resistência e de busca por pertencimento e identidade. Essa interseção entre sonho e necessidade demonstra que a migração conceiçãoense, enquanto fenômeno social, é uma resposta à desigualdade estrutural, mas também carrega consigo um desejo de reconstrução e transformação pessoal.

Assim, foi demonstrado que os movimentos migratórios de Conceição para o Sudeste do Brasil foram profundamente moldados pelas redes de apoio familiar e comunitárias. Esses laços, especialmente com parentes já estabelecidos, desempenharam um papel central no processo de migração, facilitando a adaptação inicial e minimizando desafios como moradia, emprego e integração social.

Vale ressaltar que, as migrações, embora movidas por aspirações de uma vida melhor, foi igualmente impulsionada pelas adversidades enfrentadas no semiárido nordestino, evidenciando uma busca por sobrevivência tanto quanto por melhores condições econômicas. Nesse sentido, os migrantes conceiçãoenses, embora distantes, mantiveram fortes vínculos afetivos e culturais com sua terra natal, preservando memórias e identidades ao longo do tempo.

Para mais, foi possível constatar que a migração conceiçãoense reflete uma complexa

dualidade entre sonho e necessidade. Enquanto o desejo de explorar novos horizontes e buscar realização pessoal esteve presente nas narrativas dos entrevistados, essas aspirações foram limitadas pelas pressões econômicas e sociais que forçaram muitos a deixar sua terra. A liberdade de migrar, frequentemente associada à busca por novas oportunidades, se revelou condicionada por imposições estruturais que colocaram a migração como uma necessidade, e não apenas uma escolha.

Sendo assim, no tocante ao título, "Conceição Maculada" reflete a dualidade presente no fenômeno migratório do município, caracterizado tanto pela busca por sonhos quanto pela imposição de pressões estruturais. A escolha do termo "maculada" destaca o impacto negativo das migrações forçadas pela precariedade de Conceição, especialmente no que diz respeito à ausência de condições básicas de vida que levaram muitos a partir.

Essa “mancha” simboliza não apenas o sofrimento e a perda enfrentados pelos migrantes ao deixarem suas raízes, mas também a falha estrutural do município em oferecer oportunidades que pudessem conter o êxodo. Dessa maneira, o título evoca a complexidade do fenômeno: enquanto a migração é uma estratégia de superação e reconstrução, ela também evidencia uma realidade marcada por carências que transformaram o afastamento em uma necessidade mais do que uma escolha.

Por conseguinte, tratando de limitações e dificuldades da pesquisa, podemos pontuar a dependência das memórias dos migrantes entrevistados, na maioria dos casos quando foi tratado especificamente das migrações e do contexto de Conceição, o que pode ter introduzido vieses nas narrativas individuais devido ao tempo transcorrido. Desse modo, o foco em um grupo restrito de migrantes pode limitar a generalização das conclusões para outros grupos do município.

A falta de acessos a dados quantitativos mais recentes também restringiu a análise a uma perspectiva qualitativa, que, embora enriquecedora, poderia ter sido complementada por estatísticas mais precisas e documentos oficiais municipais. Assim, a título de ilustração, pesquisas futuras podem expandir a análise quantitativa e explorar o impacto das migrações no desenvolvimento local, investigando o retorno de migrantes e as consequências da ausência prolongada em Conceição.

REFERÊNCIAS

- ALVES, F. **Migração de trabalhadores rurais do Maranhão e Piauí para o corte de cana em São Paulo: Será esse um fenômeno casual ou recorrente da estratégia empresarial do Complexo Agroindustrial Canavieiro?** In: NOVAES, R. & ALVES, F. (Orgs.). *Migrantes: Trabalho e Trabalhadores no Complexo Agroindustrial Canavieiro (os heróis do agronegócio brasileiro)*, São Carlos: EDUFSCar, 2007. p. 21-54.
- ALVES, J. E. D. **Mobilidade populacional no Brasil: tendências recentes e perspectivas futuras.** In: *Emigração e imigração no Brasil: caracterização e tendências*, FGV, 2006.
- Alves, M. **Migrações Internas no Brasil: Uma Análise dos Desafios da Migração e o Desenvolvimento do Capitalismo**, 2006.
- BARBIERI, A. F. (2007). **Mobilidade populacional, meio ambiente e uso da terra em áreas de fronteira: uma abordagem multiescalar.** *Revista Brasileira de Estudos da População*. v. 24, n. 2, jul/dez 2007.
- BARROS, José D.'assunção. **Memória e História: uma discussão conceitual.** *Tempos históricos*, v. 15, n. 1, p. 317-343, 2011.
- BIAGIONI, Daniel. **Mobilidade social e migração interna no Brasil.** Instituto Universitário de Pesquisas do Estado do Rio de Janeiro. Realizado pelo Centro de Estudos das Metrópoles (CEM/CEBRAP). Acedido em, v. 20, n. 10, 2012.
- BRETTEL, C. B.; HOLLIFIELD, J. F. (2000). **Introduction. In: Migration Theory: Talking Across Disciplines.** BRETTEL, C. B.; HOLLIFIELD, J. F. (editores). New York, Routledge, p.1-26, 239p.
- CAMPOS, Jarvis; DOS REIS, Cristiano Sathler; REIS, Douglas Sathler. **Caracterização espacial da migração de retorno ao Nordeste: uma análise dos fluxos migratórios intermunicipais nos quinquênios 1995-2000 e 2005-2010.** *Revista Geografias*, v. 14, n. 1, p. 08-26, 2018.
- CAMPOS, R. S.; MARINHO, C. G.; SILVA, M. F. A.; SANTOS, D. M. de C. **Análise dos Fluxos Migratórios no Brasil: 1980-2010.** *Revista Brasileira de Geografia*, v. 2, n. 1, p. 45-67, 2012.
- CARDOSO, Ciro Flamarion et al. **Domínios da história: testes teóricos e metodológicos.** Rio de Janeiro: Campus, v. 1, n. 997. 1997.
- CARDOSO, Fernando Henrique. **Autoritarismo e democratização.** Paz e Terra, 1977.
- CARDOSO, Messias Alessandro. **Do Sonho De Liberdade À Migração Para O Capital Nos Canaviais De Gastão Vidigal-Sp.** Monografia de Bacharelado) Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2011.
- CORREIA, J. P. A. **História, economia e cultura de Conceição-PB.** João Pessoa: Ed. Universitária, 2014.

CORREIA, Vanessa Ferreira de Lima. **A problemática das práticas agrícolas desenvolvidas no sítio Maria Soares, município de Conceição-PB**. Monografia. Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Cajazeiras, 2014.

CUNHA, J. M. P.; BAENINGER, R. (2005). **Migrações e reestruturação produtiva no Brasil**. *Revista Brasileira de Estudos de População*, v. 22, n. 1, p. 67-88, 2005.

DA SILVA, Patrícia Rodrigues. **Fronteira: a degradação do Outro nos confins do humano**. Revista do Direito Público, v. 15, n. 2, p. 219-221, 2020.

DE CARVALHO, Márcio Douglas. **“Quando pensamos em ir embora da nossa cidade, não é porque realmente queremos ir”**. Ponta de Lança: Revista Eletrônica de História, Memória & Cultura, v. 15, n. 28, p. 203-220.

DE LUCENA, Nathaly Xavier. **Espaço de História e Memória: a cidade de Conceição-PB**. Campina Grande, 2010.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **História oral-memória, tempo, identidades**. autêntica, 2017.

DURHAM, Eunice Ribeiro. **A dinâmica da cultura: ensaios de antropologia**. Pelotas, 2007.

DURHAM, Eunice Ribeiro. **A caminho da cidade: a vida e a migração para São Paulo**. 1978.

FERNANDES, Florestan. **A Revolução Burguesa no Brasil**. Zahar Editores, 1987.
Ferreira, J. **A Marginalização dos Migrantes**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011.

FERREIRA, J. **O mito da grande classe média: capitalismo e estrutura social no Brasil**. Boitempo Editorial, 2011.

FERREIRA, Marcia Milena Galdez. **Memória dividida: historiografia da migração de nordestinos e narrativas orais de migrantes nordestinos para o Médio Mearim-Maranhão**. 2010. Tese de Doutorado. Tese (Doutorado em História Social). Rio de Janeiro: UFF.
-FUSCO, W.; DUARTE, A. D. (2010). **Migrações e dinâmicas populacionais: uma análise da década de 1990**. Estudos Avançados, v. 24, n. 68, p. 165-182, 2010.

FUSCO, Wilson; DUARTE, Renato. **Regiões Metropolitanas do Nordeste: origens, destinos e retornos de migrantes**. In: Anais ABEP. XVII Encontro Nacional de Estudos Populacionais, 2010, Caxambu, 2010.

FUSCO, Wilson; OJIMA, Ricardo. **Migrações e nordestinos pelo Brasil: uma breve contextualização**. **Migrações nordestinas no Século 21**, p. 11-26, 2015.

GERMANI, G. **Sociologia da modernização: estudos teóricos, metodológicos e aplicados a América Latina**. São Paulo, Mestre Jou, 1974.

GERMANI, Gino. **Política y Sociedad en una Época de Transición**. Paidós, 1974.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. 2ª ed. São Paulo: Centauro, 2013.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico 2010**. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 20 set. 2024.

LACERDA, Cícera Camila Bezerra. **O masculino e o judicial: uma análise sobre as noções de honra e masculinidades presentes nos inquéritos por crimes de sedução em Conceição PB (1950-1970)**. Monografia. Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Cajazeiras, 2022.

LEFF, Enrique. **Ecologia e Capital: Racionalidade Ambiental, Democracia Participativa e Desenvolvimento Sustentável**. Cortez Editora, 1982.

LUCENA, M. F. P. **A fundação de Conceição: Memórias e tradição**. Campina Grande: Editora da UEPB, 2010.

Maricato, E. **Urbanização e Políticas Públicas**. São Paulo: Editora Hucitec, 2000.

MARICATO, Ermínia. **Brasil, cidades: alternativas para a crise urbana**. Vozes, 2000.

MARINUCCI, Roberto; MILESI, Rosita. Migrações Internacionais: em busca da cidadania universal. **Sociedade em debate**, v. 11, n. 1-2, p. 13-37, 2005.

MARTINE, G. **População e Desenvolvimento: Análises e Propostas**. São Paulo: Editora UNESP, 1994.

MARTINE, George. **Migração Interna e Urbanização nos Países em Desenvolvimento**. FGV, 1994.

MARTINE, George; NEIVA, Ivany Câmara; MACEDO, Marle. **Migração, crise e outras agruras**. Anais, v. 1, n. 4, p. 1449-1476, 2016.

MARTINS, José de Souza. **Fronteira: a degradação do outro nos confins do humano**. São Paulo: Hucitec, 1997.

MASSEY, D. S. (1990). **Social Structure, Household Strategies, and the Cumulative Causation of Migration**. Population Index, v. 56, n. 1, spring/1996, p. 3-26.

MENESES, Jaldes. Florestan Fernandes e a teoria da revolução burguesa no Brasil. **Serviço Social & Sociedade**, p. 224-243, 2021.

NASSER, Sérgio Daniel. **Eu vou entrar no mundo: experiências de trabalhadores migrantes na região de Ribeirão Preto-1980-2007**. 2008.

OJIMA, R.; NASCIMENTO, J. P. **Migrações internas no Brasil: tendências e perspectivas**. Revista Brasileira de Demografia, v. 6, n. 2, p. 189-205, 2012.

OLIVEIRA, F. **A Economia Brasileira: Crítica à Razão Dualista**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

OLIVEIRA, Francisco de. **Economia brasileira: crítica à razão dualista**. Vozes, 1981.
PATARRA, Neide Lopes. **Migrações internas e urbanização no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2005.

PINTO, Rodrigo Sampaio et al. **Memória e identidade dos migrantes nordestinos no município de Duque de Caxias: a Feira de Caxias como parâmetro de resistência cultural e social**. 2018.

PRADO Jr., C. **Formação do Brasil Contemporâneo**. São Paulo: Brasiliense, 1891.

RELPH, Edward. **Reflexões sobre a emergência, aspectos e essência de lugar**. In: MARRANDOLA JR, Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Livia. (orgs). Qual o espaço do lugar? geografia, epistemologia, fenomenologia. São Paulo: Perspectiva. 2012.

RESENDE, Renata Carolina. **Os trabalhadores da cana sob múltiplos olhares: instituições, narrativas e interpretações. Centralina e Araporã-MG (1980-2009)**. 2011.
Rezende, S. D. **Migrações e Políticas Públicas: A Seca e o Êxodo Rural no Nordeste Brasileiro**. Recife: Editora UFPE, 2007.

Santos, M. **O Espaço do Cidadão**. São Paulo: Editora Nobel, 2002.

SANTOS, Milton. **O Espaço do Cidadão**. Nobel, 2002.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. Edusp, 2002.

SAWAIA, Bader. **As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social**. Editora Vozes Limitada, 2017.

SILVA, Carla Aparecida Lopes. **Trabalho, cidade e vida: cortadores de cana da Usina Al-vorada S/A (Itumbiara/GO, 1970-2000)**. 2015.

SINGER, P. **Economia Política da Urbanização**. São Paulo: Brasiliense, 1976.

APÊNDICE

APÊNDICE I - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO – TCLE

Você está sendo convidado a participar como voluntário(a) no estudo “*Conceição Maculada: História, Memória E Identidade Em Trânsito Nas Experiências Migratórias (1980-2010)*”, Coordenado pela professora Dr. Osmar Luiz Da Silva Filho e vinculado ao curso de Licenciatura Plena em História da Unidade Acadêmica de Ciências Sociais (UACS), do Centro de Formação de Professores(CFP), da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG).

Sua participação é voluntária e você poderá desistir a qualquer momento, retirando seu consentimento, sem que isso lhe traga nenhum prejuízo ou penalidade. Este estudo tem por objetivo analisar a efetivação da migração definitiva de conceiçoenses para o Sudeste do Brasil, tomando como espaço temporal de reflexão de 1995 a 2010. Contextualizando os principais fluxos e trajetórias migratórias a partir do século XIX, que partiram da região Nordeste do Brasil. Para chegar ao fluxo e trajetória conceiçoense, em que, inicialmente, será refletido sobre a construção de um grupo social que complexifica na escolha da direção, recepção na região destinatária e como os migrados interpretam e associações o movimento. Para chegar a compreensão do desenvolvimento da migração e o contexto do município.

Após uma investigação preliminar, foi percebido a falta de trabalhos acadêmicos da área de História e demais, que tratem do município de Conceição como espacialidade de pesquisa. Quando trata da temática das migrações, o município não tem nenhuma reflexão a respeito. Temática que se desenvolve e desenvolveu em todas as temporalidades e localidades do planeta. Tornando uma questão social central e que possibilita reflexões nas mais diversas áreas e perspectivas.

Caso decida aceitar o convite, você será submetido(a) aos seguintes procedimentos metodológicos: elaboraremos um questionário com algumas perguntas, em seguida enviaremos o questionário para o(s) entrevistado(s), para poderem ter o conhecimento prévio do que tratará a entrevista e de como ela será conduzida. Logo em seguida, faremos algumas seções de entrevistas com perguntas dirigidas ao(s) entrevistado(s). Estimamos 1 hora por seção de entrevistas. O número de seções será conforme o aparato de informações do entrevistado(s). Todas as seções de entrevistas serão conduzidas com o auxílio de um gravador.

Dos riscos da pesquisa: informamos que caso aceite participar do estudo, os riscos são

mínimos, sem qualquer risco a integridade do(s) participante(s). a) Em nenhum momento o participante será exposto a situações vexatórias ou que coloque em risco a sua segurança.

De todo modo, salientamos que caso o(s) entrevistado(s) se sinta constrangido com alguma pergunta, poderá informar ao entrevistador que imediatamente tratará de parar a seção, efetuando as devidas correções no questionário de perguntas. b) Asseguramos que tomaremos todos os devidos cuidados no manuseio dos dados colhidos, proporcionando a privacidade e confiabilidade dos participantes envolvidos. c) Em nenhum momento os dados serão usados finalidade em causar em causar danos tanto ao(s) voluntário(s) da pesquisa, quanto a terceiros. d) Todos os dados colhidos têm por única e exclusiva finalidade o uso acadêmico.

Dos benefícios da pesquisa procedentes ao(s) voluntário(s): contribuir com um estudo histórico cujo objetivo é conceder reflexão e visibilidade a um fluxo migratório acontecido no município de Conceição, Paraíba. Objetivando o raciocínio dos fatores estruturais que levaram ao evento.

Destacamos que todos os dados obtidos no estudo ficaram sobre sigilo e seu nome não será identificando em nenhum momento. Os dados colhidos, serão armazenados com segurança, tomaremos todos os cuidados necessários para que no momento da divulgação, nenhum participante seja identificado.

Se você voluntário(a) tiver algum gasto decorrente da sua participação na pesquisa, você será ressarcido, caso solicite. Em qualquer momento, se você sofre algum da comprovadamente deste estudo, poderá recorrer aos responsáveis legais pelo estudo, buscando, buscando o direito de ser indenizado.

Informamos que, caso solicitado, a qualquer momento, em um período de 5 (cinco) anos, pós término da pesquisa, apresentaremos um relatório explicitando os trabalhos que estão ou que foram desenvolvidos ao longo da investigação.

Afirmamos ser direto do(s) participante(s) voluntário(s) do estudo, mesmo já tendo aceitado participar da pesquisa, retirar seu consentimento. Tal ato não acarretará nenhum prejuízo ou constrangimento. Salientamos ainda que, será mantida o total anonimato do(s) entrevistado(s) durante todas as etapas da pesquisa. Ao término do estudo, afirmamos que os resultados obtidos serão utilizados com fins acadêmicos, tomando todos os cuidados com o seu manuseio e a divulgação dos mesmos.

Atestado de interesse pelo conhecimento dos resultados da pesquisa:

() Deseja conhecer os resultados da pesquisa () Não desejo conhecer os resultados da pesquisa.

Você(s) participante(s) voluntário(s) ficaram com uma via rubricada em todas as páginas assinada pelo responsável legal do estudo. Salientamos que em caso de dúvidas a respeito das etapas desenvolvidas na investigação, poderá ser requisitado ao pesquisador responsável pelo estudo, as explicações devidas.

Caso se sinta prejudicado(a) por participar da pesquisa, poderá recorrer ao Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Educação e Saúde da Universidade Federal de Campina Grande.

Você(s) voluntário(s) ficará com uma via rubricada e assinada deste documento e qualquer dúvida que surja a respeito, poderá ser requisitado a Dr. Osmar Luiz da Silva Filho, ou ao Comitê de Ética em Pesquisas com seres Humanos – CEP/CFP/UFCG cujos dados estão postos abaixo.

Dados para o contato com o responsável pela pesquisa

Nome: Osmar Luiz Da Silva Filho.

Instituição: UFCG

Endereço: Celso Matos Rolim, 360, apartamento 303, Jardim Oasis, Cajazerias-PB

Telefone: 83993729043

Email: osmar.luiz@professor.ufcg.edu.br

Dados do CEP

Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande – CEP/CFP/UFCG, situado a rua Sergio Moreira de Figueredo, s/n, Bairro: Casas Populares, Cajazeiras – PB; CEP: 58.900-000.

E-mail: cepcfpucgcz@gmail.com

Tel: (83) 3532-2075

Declaro que estou ciente dos objetivos e da importância desta pesquisa, bem como a forma como esta será conduzida, incluindo os riscos e benefícios relacionados com a minha participação, e concordo em participar voluntariamente deste estudo.

LOCAL E DATA

Assinatura ou impressão datiloscópica do
voluntário ou responsável legal

Nome e assinatura do responsável pelo es-
tudo

APÊNDICE II – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM A PARTICIPANTE “1”

Entrevistada “1”

Gênero:*feminino.*

Ano da migração: 1980.

Você residia na zona rural ou zona urbana antes de sua saída do município de Conceição?

Na zona rural, então. Na cidade de Conceição mesmo, eu nunca, pra falar a verdade, eu nunca morei. Quem morou aí foi a minha irmã, meu pai e minha mãe, aí em Conceição. Porque ela é mais nova do que eu. Eles moraram. Então, eu sempre morei, saí daí com 20 anos de idade, aí lá do Mameluco, aí que fica perto do Chico vaqueiro e das Cabaças, né? Você já ouviu falar no Mameluco, então... Eu morava aí, nesse sítio mameluco, né?

Como foi organizado sua viagem? A partir de parentes, amigos ou conhecidos participaram?

Vamos lá. Como foi que eu vim pra São Paulo? Olha, eu saí de Conceição dia 3 de outubro de 1980. Vim pra São Paulo desde os meus 15 anos, que eu tinha um sonho de vir pra São Paulo. Sempre eu tive um sonho, assim de vir, que eu queria vir, queria muito conhecer, queria vir para trabalhar. Como o Senhor Deus me realizou esse sonho, né? Quando eu fiz 21 anos de idade, né? Aí eu saí aí de Conceição, através da minha madrinha, ela foi casada com... Um tio meu, que é irmão do meu pai, né? Então, eu saí de lá, de Conceição, pra casa dela, pra casa da madrinha aqui em São Paulo. Através da minha. Madrinha, eu vim pra São Paulo. E também com a minha avó.

Como foi decidido o destino da migração? Como o grupo influenciou e determinou a questão?

A minha avó também me deu o dinheiro da passagem, né? Ela me ajudou também, a minha avó. Que o senhor tem ela... Um bom lugarzinho pra ela lá, que eu tô através dela porque... Meus pais deixavam, né? Meu pai e minha mãe deixavam, né? Que era eu deixo, mas quando foi na hora, eles não queriam mais deixar. Não deixou, aí a minha avó falou assim, não, deixa ela ir trabalhar, deixa ela realizar os sonhos dela lá em São Paulo. Deixa ela ir trabalhar.

Então, eu vim pra São Paulo, né? Através da minha avó, né? Que me deu o dinheiro da passagem e organizou a viagem, né?

Como foi feita a recepção e integração na região ou cidades? Como o grupo ou pessoas ajudaram no processo?

Vim, trabalhei aqui em São Paulo muito tempo, né? Quando cheguei, foi difícil. Pra acostumar em São Paulo foi muito difícil, porque você sai de uma cidade pequena como Conceição. Pra vir pra uma cidade grande que nem São Paulo, só não tinha nem noção, mas acho que eu nunca nem... não tinha nem medo, acho que eu nunca... quando a gente é jovem, você não tem medo do perigo e das coisas que você possa enfrentar, atravessar, né? Eu nem pensei nisso, hoje em dia eu falei, meu Deus do céu, eu fui corajosa, eu acho que eu fui corajosa, né? Muito.

Não sabia de nada, Você sai? Não, sabia. Mas eu sabia fazer meu nome aí. Acho que eu fiz... Eu fiz a 4ª série aí. Aí no Chico Vaqueiro... No Chico Vaqueiro, não. Aí no Raimundo. É história bem longa, né? Aí, quando eu cheguei aqui, eu comecei tudo de novo. A estudar, né? A trabalhar. Trabalhei, estudei. Né? Depois casei, depois arrumei. É um filho, tem meu filho hoje de 29 anos, fez sábado, dia 7 de setembro, né? Aí ele já é casado, né? Tem um filho de 10 anos. Então, minha vida, minha A minha vida em São Paulo foi essa, a vida em São Paulo foi essa, mas eu nunca nem imaginei, né? Que eu pudesse, assim, eu fosse casar, fosse ter filho, fosse ter neto, né? A gente não pensa. Quando é jovem é uma história diferente, é bem longa, né? Né, Saniel?

Mas, assim mesmo, eu agradeço muito a Deus, né? Porque cheguei na cidade grande, não... não sabia... não sabia nada, né? E através da minha prima, que é filha da minha madrinha, que eu fui pra casa dela morar, que é aqui na... é um bairro chamado São João Clímaco, não. Vila Arapué e Ipiranga, São Paulo. Aqui, fica perto, moramos perto aqui do Museu do Ipiranga. Você já... Já ouviu falar, não sei se você conhece São Paulo, não sei, né? Mas a gente fica, a gente moramos aqui no bairro Ipiranga. Então, foi bem difícil. Cheguei, daí eu só trouxe meu, minha carteira de trabalho, né? Cheguei aqui, comecei a tirar meus documentos, o RG, CPF, né? Eleitor. O título de eleitor até que eu vim com ele, mas aí é passado o tempo, eu vim sair daí em 1980, quando em 86 eu já transferi pra São Paulo o meu tipo de eleitor, né? Aí trabalhei em várias empresas, né? Trabalhei em sete empresas aqui em São Paulo, pra poder aposentar, né? Trabalhei quase 30 anos, né? Com 60 anos eu aposentei, né? Então, não foi muito fácil não, né? Porque tá aí numa cidade pequena. Pra mim, uma cidade grande dessa daqui, que essa daqui é a maior, né? É a segunda maior do mundo. Eu creio que é São Paulo, né? A

segunda maior. Então, hoje... Assim, gosto muito daqui, eu gosto daqui. Jamais, né? Eu devo tudo que eu aprendi, tudo que eu... que eu tenho, eu devo a meus pais, primeiramente. Primeiramente a Deus, né? E segundo meus pais, a minha avó, que me deu essa grande força pra mim vir pra São Paulo. Trabalhar e realizar esse sonho que eu tinha desde os 15 anos, que eu falava que quando eu tivesse 18, 20 anos eu vinha pra São Paulo morar e trabalhar. E Deus ouviu o meu pedido, né?

Sim, outra coisa também, quando eu cheguei daí da Paraíba, né, de Conceição, a gente não sabe nem andar em São Paulo, nem sabia. Eu chorava muito pra ir embora, eu queria vir, mas aí, eu com o tempo, assim, eu demorei a me adaptar aqui em São Paulo, né? Demorei assim um pouco. Demorei porque eu deixei meus pais pra trás, né? Meu pai, minha mãe e minha irmã, porque eu só tenho ela, Então, foi muito difícil para me acostumar aqui em São Paulo. Eu demorei assim mais ou menos um ano, dois anos. Aí, no primeiro serviço meu, foi a minha prima que me arrumou para mim, né?

Eu cheguei dia 3 de outubro de 1980, De outubro, quando foi dia 3 de novembro de 1980, eu comecei a trabalhar. E ela arrumou, era indicação. Até hoje, a gente ainda fala, quando a pessoa arruma um serviço pra gente, aí as pessoas falam que tá indicando a gente, né? Então, é uma referência, porque naquela época lá, A carteira é branca, como falavam naquela época. A carteira é branca, sem um registro na carteira. Pra pegar era... Mas até que eles pegavam. Eu gostava de ir admitir as pessoas, né? Porque sabia que vinha do Nordeste, né? Sabia que pessoas nordestinas são trabalhadoras. Então, eu, graças a Deus, nunca... Aqui em São Paulo eu nunca sofri, assim, preconceito de nada. Que eu saiba, não. Nem porque fui nordestina, que sou nordestina, nem porque também não tenho uma faculdade, não tenho estudo. Mas nunca, graças a meu Deus, até hoje aqui nunca sofri preconceito da minha pessoa, não.

Graças a Deus, eu não. Até hoje eu agradeço a meu Deus por tudo que Ele fez na minha vida naquela época e faz todos os dias da nossa vida. Que Deus é muito bom, é muito bom nas nossas vidas, né? Então eu agradeço muito, porque foi bem difícil, mas eu me acostumei, trabalhei, saí de férias, viajei e lá pra Pará é muita história, viu? Acho que aí na Paraíba, quando eu em 82, 83, aí eu já comecei a viajar, porque eu tava na empresa, saía de férias quando... Mesmo no ano que eu saí, que eu cheguei, assim, dois anos. Aí eu já comecei a passear, já comecei a viajar daqui pra Paraíba, né? Viajava em meu pai e minha mãe, porque eu chorava direto. Aí depois fui indo, passou o ano, dois, três, cinco, dez, E foi passando o tempo. Então, me acostumei em São Paulo. Aqui eu devo muito tudo que eu aprendi foi aqui em São Paulo.

Aí fui e fiquei nem menos de um mês, mas quando eu for da próxima vez, eu vou ficar muito tempo. Eu também não... Eu gosto mais é do sítio, né? Eu gosto de ir lá para o Ceará também. Sempre vou pra lá também, mas... eu gosto de ficar no sítio. Gosto de ficar bem no sítio mesmo, porque na cidade, eu já saio daqui, é uma cidade bem corrida, bem... Bem... Muita gente. Aqui a gente, você pega metrô, você pega ônibus, você pega trem, é lotado de gente. É gente, gente demais. Você já... Eu não sei se você já veio aqui em São Paulo. Aqui em São Paulo é tipo assim, é o Brás, que é muita gente, é a 25 de março.

E todo lugar que de São Paulo você vai, é muita gente. Então, a gente se acostuma naquela correria, de trabalhar, de ver gente toda hora. Então, quando eu vou pra aí, eu me sinto parada, assim, eu fico assim, parada, e não consigo ficar parada. E não consigo, eu gosto de andar, eu gosto de ver gente, eu gosto de trabalhar assim, eu gosto assim, né? Eu falei assim, se quando eu fosse, quando eu cheguei aqui, se eu tivesse estudado, feito uma faculdade pra ser, para lidar com gente, era o meu sonho também, mas eu não realizei, não. Mas aí tem meu sobrinho agora, que eu acho que ele vai fazer faculdade para jornalismo, né? Porque eu falei assim, ah, eu que falo demais e você que vai fazer essa faculdade. Ele disse, é tia, que eu pretendo ir lá para o outro lado do mundo, né? Pretendo ir lá para os Estados Unidos.

Quais elementos você considera que levaram ao êxito da migração?

Não respondida especificamente.

Qual era o contexto político, econômico e social do município no período?

E sobre os políticos, né, quando eu vim na minha época, os políticos nunca ajudou, nunca ajudou ninguém aí na Paraíba não, que eu saiba. Nem os meus tios, nem o meu pai, nem a mim mesmo, eu mesma nunca recebi uma ajuda de político aí da Paraíba. Nenhum, nem nada, quase a gente nem... Só via esse pessoal no dia da eleição, o partido era o PMDB, não sei se ainda existe, os maiores partidos aí agora, né? Então, político aí nunca ajudaram meus pais, nem minha família, nem pelo menos da parte do meu pai, eu nunca sei.

E o que eu saiba, político aí nunca ajudou, assim, minha família da parte do meu pai não. E eu creio que da parte da minha mãe, eu creio que político nunca ajudou não. Aí pra mim mesmo, eu nunca vi. Eles ajudando nem com nada. Não era nem cruzeiro, nem nada, naquele tempo que eu saí, acho que em 1980. Eu não sei nem como era o dinheiro, parece que era cruzado, era cruzado, era alguma coisa assim, não era real não, porque esse real é novo, né? Era cru-

zeiro, acho que era cruzeiro e cruzado, o nome do dinheiro antes, viu? Se eu não estou enganada, aqui é muito tempo e a gente também não vai esquecendo, né?

E políticos, eles não ajudam a gente, não. Jamais. Nem aí no Nordeste, nem na Paraíba, nem aqui em São Paulo. Eu tô trabalhando aqui, vou trabalhar nessa campanha, né? Entregando os panfletos aqui, aqui onde eu moro, né? Trabalhar porque eu não gosto de ficar parada, não. Eu sou uma pessoa que eu gosto de me movimentar, né? Eu não gosto de estar parada. Então, eles aqui nunca ajudou. Político nenhum aqui, eles não ajudam ninguém, não.

São Paulo também não. A gente não vai... Tô trabalhando pra poder receber um dinheiro, né? Uns trocados aí, né? Porque eu não gosto de ficar parada. Mas pra político ajudar a gente, não. Nunca me ajudou, nem na Paraíba, nem aqui em São Paulo também. Ajuda de político, nenhuma. O vereador daqui, aqui tem um vereador que ele é daí da Paraíba aqui. Ele é daí, acho que é dessa região de Cajazeiras. Ele tá sendo, tá se candidatando a vereador aqui em São Paulo. Então, pra me ter ajuda de política, eu não tenho não. Nunca tive, né? Então, é isso aí. A minha vinda pra São Paulo foi isso aí que eu já te falei tudo, né?

Você considera que esse contexto foi determinante para a migração? Saíram muitas pessoas no período?

Não respondida especificamente.

Como você interpreta a migração como única forma para sua elevação social?

Não respondida especificamente.

Você interpreta a migração como manifestação de liberdade ou de necessidade?

Vim por eu ter um sonho, queria. Trabalhar. Por necessidade também, né? Eu queria vir. Tudo que eu aprendi, tudo que eu tenho aqui em São Paulo. Mas eu não me esqueço da minha terra natal. Jamais, nunca.

Você tem vontade de retornar de vez a Conceição?

E pra voltar, eu nunca vou falar pra você assim que eu tenho vontade, assim... Eu nunca vou falar assim, não, aqui eu já tenho mais de 30 anos, 30 anos acho que é quase 40. Nunca vou dizer pra você, eu gosto de São Paulo, mas se precisar, se... assim, eu voltarei pra minha terra. Né, sim? Passam os tempos, passam os seis meses, nunca vou dizer assim, não, não vou voltar pra lá, não, jamais.

A minha raiz aí, na Paraíba, eu jamais vou esquecer das minhas raízes, né? Até fui para aí em junho, mas... Mas a gente nem sabia de nada, só o que me falou de você, né? Que você queria fazer essas perguntas para... Acho que é um trabalho seu da escola, né? Ela me falou assim, mas é outra coisa na cabeça. Aqui em São Paulo é um lugar muito corrido. É muito corrido, né? Não é que nem aí, que aí é mais tranquilo, é mais parado. Aqui não, aqui é tudo corrido. Você deita tarde, acorda cedo, né? E é o dia a dia. Mas vamos dar graças a Deus que a gente tem saúde, né? Tem saúde pra levantar, Deus dá saúde, dá força, dá coragem, a gente levanta e vai pra luta, né?

Eu falei, não, meu sonho é daqui. Já realizei meu sonho quando era jovem aqui em São Paulo, daqui, só sou pro Nordeste, né? Nunca vou falar pra você que eu não vou pra morar. Nunca vou falar isso. Pra você nem pra ninguém, né? Porque minha terra natal, nunca, jamais eu vou esquecer da minha terra natal, né? Passo dois meses, três meses aí, aí volto pra São Paulo.

APÊNDICE II – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM A PARTICIPANTE “2”

Entrevistada “2”

Gênero: *feminino.*

Ano da migração: *1998.*

Você residia na zona rural ou na zona urbana antes de sua saída do município de Conceição?

Respondendo à sua primeira pergunta, eu morava na zona rural mesmo, não morava na cidade. Eu acho que raramente ia na cidade.

Como foi organizado sua viagem? A partir de parentes, amigos ou conhecidos participaram?

Foi através de uma prima minha que mora aqui em São Paulo, ela teve neném e até que quem veio cuidar do resguardo dela foi uma tia de família, né? Aí, quando ela chegou, depois de se passar, acho que, quase uns três anos, acho que foi, dela ter chegado aí, aí a minha prima precisava trabalhar e aí não ter com quem deixar o neném, que já tinha, no caso, quando eu cheguei aqui ele já tinha três anos. Aí ela mandou me buscar pra me vir cuidar do filho dela aqui em São Paulo.

Como foi decidido o destino da migração? Como o grupo ou família influenciou e determinou a questão?

Não respondeu especificamente.

Como foi feita a recepção e integração na região ou cidades? Como o grupo ou pessoas ajudaram no processo?

Graças a Deus, eu fui bem recebida quando eu cheguei aqui, bem recebida. De cara, não gostei, era uma tristeza, eu achei muito ruim São Paulo, mas aí tinha sonhos, e aí eu fui ficando e aí a minha prima tinha sido dispensada do emprego que ela tava, e aí recebeu o seguro, fui tentar procurar outro emprego e aí se passou um ano e ela não arrumou mais emprego e aí ela acabou arrumando um emprego pra mim e aí fiquei na casa dela durante acho que mais ou menos uns três anos aí foi aonde eu casei e aí saí da casa dela.

Quais elementos você considera que levaram ao êxito da migração?

Sim, sim, isso mesmo. Por isso que até hoje eu tô aqui em São Paulo, arrumei esse emprego e daí, graças a Deus, nunca mais parei de trabalhar. Até hoje eu tô aqui em São Paulo. E é isso mesmo, ainda hoje a mulher é limitada na questão ainda de tudo, de salário, ainda de emprego, de tudo. Mas que bom que aos poucos, graças a Deus, tá mudando.

Qual era o contexto político, econômico e social do município no período?

Nossa, sobre da política, eu acho que tipo assim, eu lembro pouco. Eu acho que quando eu tirei, que eu completei a idade, que eu tirei meu título de eleitor, eu acho que eu só votei uma vez. Mas o que eu lembro de política no sítio era pouca, porque eu ainda era criança. Você sabe que criança não se metia nas conversas de adulto.

Eu acho que devia dar dinheiro, uma coisa assim. Mas eu acho que não era muito depois de logo quando eu saí daí que teve energia, essas coisas, que acho que o povo foram ficando mais esperto, assim, sobre isso aí. Mas na minha infância, assim, eu não lembro muito bem assim não, que acho que de ir, de dar dinheiro, mas...

Acho que essa da política, eu acho que ela ficar devendo, viu? Porque... Realmente, assim, na minha mente de político, assim, eu não lembro mesmo, assim, de dinheiro. Eu lembro que eles davam aqueles carros pra buscar o povo, pra ir pros comércios, depois pra eleição. Mas era como eu te falava, como eu ainda não votava, era bem criança, quando eu votei aí, que eu fiz meu título de eleitor, e eu acho que eu só votei uma eleição, que, pra te falar a verdade, eu nem lembro muito bem, e aí eu já vim aqui pra São Paulo. Eu acho que dava dinheiro sim, né?

Você considera que esse contexto foi determinante para a migração? Saíram muitas pessoas no período?

Era isso mesmo. Eu acho que, tipo, você na zona rural, e ainda eu saí daí, não tinha energia. Era luz de candinheiro, por chamava. Lampião, candinheiro, lamparina, né, por chamava. E eu acho que a política assim era esquecida. Acho que era um sobrevivente, enfim, um sobrevivente da vida, né? Porque tinha noite que não tinha nem querosene pra pôr nas lamparinas, tinha que dormir, já dorme cedo, tinha que dormir bem mais cedo porque não tinha querosene pra clarear. Era difícil aí, era difícil.

Você interpreta a migração como única forma para sua elevação social?

Eu acredito que sim, graças a Deus, apesar que tem muito tempo que eu vim aqui pra São Paulo, só agora há dois anos eu consegui minha moradia aqui, graças a Deus, mas eu acredito que sim, porque eu vejo as pessoas aí, tá na mesma mesmice, Tipo, com muitas, muitas dificuldades de tudo, né? De emprego, de tudo, mas não é tão difícil do que na época do ano que eu saí daí, né? As coisas não tão fáceis, que não tá fáceis ainda, mas também não tá tão difícil que nem na época que eu saí daí não, né? Relação de emprego aí, não tem emprego pra todo mundo, né? Por isso que hoje ainda continuo aqui, porque vai viver do que aí? Que emprego aí é escasso, não tem mesmo, né? Que não tem empresas, não tem nada, então não tem como, né? Voltar a ir pra água, ainda pra ir.

Você interpreta a migração como manifestação de liberdade ou de necessidade?

Eu acho que não foi nem de liberdade, foi por necessidade mesmo. Necessidade, sonho de vir pra cidade grande, trabalhar e ajudar a família. Foi tudo isso que levou a saída daí.

Você tem vontade de retornar de vez a Conceição?

Sim, eu acho que eu falo quase todo dia, só que vai demorar um pouquinho. Porque se fosse fácil de um emprego aí, e eu conseguisse um emprego aí, eu acho que eu iria hoje. No frio que tá aqui, eu iria hoje embora pra aí. Mas como não é possível, como não tem emprego aí, eu falo sempre, quase todo dia eu falo, quando eu me aposentar, São Paulo, Olha, eu venho aqui só passear, só passear, mas morar não. Penso sim, de ir embora sim, pra ir. Mas é só no se aposentar mesmo, que aí aposentou, já foi pra ir, aí já tem o seu dinheirinho pra sobreviver aí e pronto, né? Que agora no momento não dá não.

APÊNDICE III – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM O PARTICIPANTE “3”

Entrevistado “3”

Gênero: *masculino.*

Ano da migração: *2008.*

Você residia na zona rural ou na zona urbana antes de sua saída do município de Conceição?

Então, eu saí do... vim embora pra cá em 2008 e trabalhava na Zona Rural, que é lá no sítio Fabrício.

Como foi organizado sua viagem? Parentes, Amigos, conhecidos participaram?

Então, eu vim pra cá através de meu irmão, né? Ele já estava com uns três anos que estava aqui, morando aqui, trabalhando, aí arrumou uma vaga de emprego e me ligou perguntando se eu queria vir. Aí eu falei que vinha e vim, né? Em 2008.

Como foi decidido o destino da migração? Como o grupo influenciou e determinou a questão?

Então, sobre essa pergunta aí que você fez, na verdade eu vim pra cá através de meu irmão, mas só que eu vim pensando de ficar só um ano, né? Aí quando foi com os nove meses, dez meses que eu tava na empresa, que eu trabalhava, aí meu patrão perguntou pra mim se eu não queria mandar buscar a família aí, né? Aí eu liguei pra minha esposa, ela falou que vinha, aí eu mandei o dinheiro e elas vieram. Ela comprou as passagens e vieram.

Como foi feita a recepção e integração na região ou cidades? Como o grupo ou pessoas ajudaram no processo?

Então, sobre essa questão aí de adaptação, eu... Quando eu vim daí, você sabe que as coisas aí não é que nem a gente estando empregado, né? A gente passa uns tempos melhor, outros tempos com mais dificuldade, mas, graças a Deus, depois que eu cheguei aqui, assim que minha esposa chegou, Joelma chegou com as meninas, aí ela também já começou a trabalhar, E eu trabalhava também, nós dois. Nós moremos dez anos na casa de meus patrões, eles não me cobravam aluguel.

Aí minha adaptação foi muito simples, foi muito normal. E aí as meninas começaram a gostar, no começo acharam ruim a vinda, né? E graças a Deus deu tudo certo e a gente se adaptou tranquilamente. Foi de boa.

Quais elementos você considera que levaram ao êxito da migração?

Então, sobre essa pergunta sua aí, com esse patrão que eu, quando eu vim, que eu comecei a

trabalhar com ele, eu fiquei com ele oito anos na empresa dele. Depois dos oito anos, eu saí, aí entrei em outra empresa de reciclagem, aí fiquei um ano e quatro meses nessa outra empresa. Aí saí também, Aí tem... Aí entrei em outra, que é a que minha esposa trabalha. Fiquei três anos. Aí com três anos eu saí de novo. Aí fiquei um ano e quatro meses sem trabalhar. Aí depois voltei já... Vai fazer um ano que eu voltei para a mesma empresa, que eu fiquei os três anos, tá?

Qual era o contexto político, econômico e social do município no período?

Então, pra ser sincero a você, naquelas épocas, naquela época, ninguém vinha nem falar que alguém arrumasse um emprego aí na cidade, né? Todo mundo era só na zona rural, no sítio. E aí, quando a pessoa tirava, quando a gente tirava legumes, feijão, milho, que se por acaso tinham uns anos que dava menos, tinham uns anos que dava mais, né? Aqueles anos que dava mais legumes a gente... Era uma dificuldade doida pra levar pra cidade. Mas tinha que levar e vender na cidade. Era muito, muito... Muita dificuldade mesmo naquele tempo. Pra essas coisas era.

E sobre a questão de ajuda político, ficava praticamente o tempo inteiro sem ver ninguém de político. Quando faltava um mês, dois meses para as eleições, eles começavam a aparecer nos sítios, oferecendo uma coisa e outra para um, por um voto. E era isso. Praticamente não tinha ajuda dessas pessoas, não.

Você considera que esse contexto foi determinante para a migração? Saíram muitas pessoas no período?

Sim.

Como você interpreta a migração como única forma para sua elevação social?

Sim, sem dúvida, sem dúvida. Se hoje eu não tenho saído de lá pra cá, não tenho vindo embora, eu realmente acredito que estaria a mesma coisa, né? Igual os outros por aí. Tentando na roça, com certeza estava a mesma coisa. Mas graças a Deus eu... Vim pra cá e as coisas foram acontecendo, foi fluindo e, graças a Deus, deu certo.

Você interpreta a migração como manifestação de liberdade ou de necessidade?

Sim, Saniel. E sobre essa pergunta sua aí... Na verdade, eu não vim, não fui nem por liberdade. Era por causa da necessidade mesmo, né? Como a gente era pobre, não tinha oportunidade de trabalho aí, de emprego, principalmente na época, que não tinha mesmo. Aí vim por causa de necessidade mesmo.

Você tem vontade de retornar de vez a Conceição?

Pronto, é uma boa pergunta. Todo mundo que me faz essa pergunta, eu respondo. Então, meus planos são assim. Como eu já estou bem estabilizado aqui, já comprei minha casa, já construí

a casa da minha filha. Aí, meus planos são assim. Não tem mais como eu me aposentar por empresa aqui. Aí, com certeza, eu vou tentar me aposentar quando chegar a idade aí. como rural, aposentar como rural. Mas meus planos, a certeza eu não tenho ainda, mas eu penso assim, depois que eu me aposentar eu posso ficar uns tempos aí, uns tempos aqui, isso aí tá em meus planos, né? Se Deus quiser vai dar certo.

APÊNDICE IV – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM O PARTICIPANTE “4”

Entrevistado “4”

Gênero: *feminino*.

Ano da migração: 2009.

Você residia na zona rural ou na zona urbana antes de sua saída do município de Conceição?

Bom dia! Então, essa primeira pergunta é, a gente morava na zona rural mesmo, no sítio, né?

Como foi organizado sua viagem? Parentes, Amigos, conhecidos participaram?

Sim. Essa segunda pergunta foi organizada pelo meu cunhado. Ele veio antes e depois surgiu uma vaga de emprego na empresa e ele perguntou para meu marido se ele queria vir. Então, ele veio, veio na frente, com 10 meses e mandou buscar a gente. Foi isso, foi organizada pelo irmão dele.

Como foi decidido o destino da migração? Como o grupo influenciou e determinou a questão?

Não respondida.

Como foi feita a recepção e integração na região ou cidades? Como o grupo ou pessoas ajudaram no processo?

Sim, e logo depois de 10 meses que eu vim com as meninas, que ele já estava aqui, foi muito bem, foi muito bem recebida pelas pessoas que já era patrão deles, e o pessoal da casa que a gente veio pra morar, já tinha a casa certa pra gente vir morar, e a gente se adaptou muito bem, graças a Deus, tanto eu quanto as meninas se adaptaram muito bem. Foi muito bom. Sim, eu interpretei bem assim porque logo quando eu cheguei já tinha trabalho pra mim. Não fora de casa. Ele levava o serviço da empresa dele pra casa porque era bem na frente. A empresa que ele trabalhava era na frente de casa. E ele levava pra mim trabalhar em casa.

Então, graças a Deus, nunca faltou trabalho pra mim. Durante três anos eu trabalhei em casa, mas trazendo o serviço da empresa pra casa. Aí a gente se adaptou muito bem, as meninas teve escola logo quando chegou, e elas se adaptaram muito bem, graças a Deus. E a gente veio pra tentar uma vida melhor, né? E a gente se acostumou.

Quais elementos você considera que levaram ao êxito da migração?

Não respondida.

Qual era o contexto político, econômico e social do município no período?

Nesse período que eu vim pra cá, que foi em 2009, era muito difícil, né? Tanto na cidade quanto

no sítio, era muito difícil. Não tinha emprego nem para os homens, imagina para as mulheres. Não tinha, como você mesmo sabe, né?

E eu também nem conhecia muito político, que na verdade a gente só via tempo de política mesmo. Nunca via outro tempo. Eu não me recordo de outras vezes, mas que era difícil, era muito difícil. E a gente saiu em busca de uma vida melhor, mais tranquila, que pudesse viver melhor. Eu sei que aqui a gente pensa que é, nossa, que vida maravilhosa, mas aqui a gente tem que trabalhar todo dia, tem o trabalho pra gente trabalhar todo dia, graças a Deus.

Você considera que esse contexto foi determinante para a migração? Saíram muitas pessoas no período?

Sim. No período que eu vim pra cá, que foi em 2009, era muito difícil as coisa aí.

Como você interpreta a migração como única forma para sua elevação social?

Sim. Com certeza.

Você interpreta a migração como manifestação de liberdade ou de necessidade?

Eu não vou falar assim como forma de liberdade, porque na verdade aí a gente também era livre, né? Na verdade, era mais por necessidade mesmo, porque a gente precisava, a gente tinha vontade de ter uma vida mais tranquila, mas eu sei que aí geralmente todo mundo vive tranquilo. Graças a Deus hoje é bem mais diferente do que antes, né? Era muito difícil, há 15 anos atrás, e era mais para ter uma vida mais estabilizada, como posso falar, isso mesmo, mais estabilizada. Hoje minhas meninas já são tudo maior, de 20 anos, trabalha também, e foi isso. Não foi por liberdade, foi por necessidade mesmo, porque a gente precisava, a gente tinha vontade de ter uma vida melhor, né? Graças a Deus deu tudo certo. Hoje tem 15 anos que a gente tá aqui. Graças a Deus estamos tudo bem, né?

Você tem vontade de retornar de vez a Conceição?

Então, a gente sente muita saudade daí, né? Até porque nesses 15 anos que eu tô aqui, eu já fui aí cinco vezes. E... porque, na verdade, aí é o nosso lugar, né? É o lugar, a nossa terra. Mas, no momento mesmo, eu... a gente não pensa, não, em morar aí. Pra morar não, agora não. É porque aqui a gente tá... tá bem, né? Mas a gente nunca sabe, né? Mas... Nunca vou esquecer a nossa terrinha aí, né? Na verdade, é nossa terra, nosso lugar, nossas raízes. Mas no momento a gente não tá pensando em ir morar aí, não. Tá? Essas são as minhas respostas, acho que eu respondi todas.

APÊNDICE V – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM O PARTICIPANTE “5”

Entrevistado “5”

Gênero: *masculino.*

Ano da migração: 1994.

Você residia na zona rural ou na zona urbana antes de sua saída do município de Conceição?

Já vou responder essa pra deixar gravado aí, tá? Bom dia. Morava na zona rural, no município chamado Sítio Roçado. Nasci na zona rural, no Sítio Roçado. Nasci de parteira, né? Não nasci em hospital, nasci lá. E... vivi lá até os 10 anos, 9 pra 10 anos, quando minha mãe faleceu. Daí, quando minhas tias vieram, visitar meu pai. Aí veio uma tia de Recife, aí levou eu e uma irmã minha pra morar lá com ela. Aí eu passei lá uns seis meses. E aí, ficou conto no livro, aí voltei. Foi meu primeiro contato, assim, fora do sítio, né? Mas com seis meses eu voltei, que eu não me adaptei lá. E com 16 eu fui embora. Aí eu vou responder outra pergunta lá.

Como foi organizado sua viagem? Parentes, Amigos, conhecidos participaram?

Então, eu saí em 94, porque meu sonho, assim, a gente trabalhava na agricultura, né? Devido ao tema climático, nunca chovia muito, a gente perdia muito. Desde os 7 anos eu trabalhava na roça, né? E aí, eu via meu pai naquele sofrimento, a gente plantava, tinha ano que não dava nada, aí tinha emergência. Meu pai tinha que ir pra aquela fila lá no batalhão pra pegar um feijãozinho. duro e tal, falava, não quero isso pra minha vida. E eu via pessoas lá do roçado mesmo, que iam pra São Paulo e voltavam, como eu conto no livro, voltavam de, às vezes, de dois em dois anos, e daí chegava com dinheirinho, fazia aquelas festinhas, namorava as menininhas mais bonitas.

Aí, nisso, eu fiquei com aquela coisa na minha cabeça. Fui crescendo e falando pro meu pai, pai, com quantos anos pode ir embora? Com quantos anos pode ir embora pra São Paulo? E ele sempre falando, com 16 já pode, meu filho. E eu fui me preparando, trabalhando, criando porco, comprei uma bicicleta, enfim, já ficando rapazinho, de 14 pra 15 anos. Eu sei que eu fiz 16 anos no dia 13 de novembro, 94. E viajei no dia 15, cheguei em São Paulo dia 18. fazer 30 anos esses anos, né, que eu saí daí. E aí, eu... foi aí que eu fui embora.

Como foi decidido o destino da migração? Como o grupo influenciou e determinou a questão?

Aí, como você foi pra lá? Eu fui pra morar em alojamento, alojamento de obra, de

conterrâneos, que devido já ter vindo aí, eles vinham na Paraíba, né, e era conhecido da gente lá do roçado e tal, do sítio. E aí falaram, ó, tem vaga aqui no alojamento, tem obra. E aí eu fui. Foi assim que eu fui pra São Paulo. Mas o motivo da minha ida mesmo é por eu não querer aquele trabalho, muito trabalho e pouco resultado, por causa da chuva, né? Na época era muita seca.

A gente fazia as roças, plantava, e quando o milho tava perto de dar e parava a chuva, a gente perdia tudo. Esse foi um dos motivos. E outro é que eu almejava uma coisa melhor. Eu via meu pai já velho, trabalhando na roça, e eu não queria aquilo pra mim, não. Eu sempre tive um sonho de trabalhar em outra área, pra ter uma aposentadoria, enfim, pra ter uma coisa mais garantida. Basicamente isso.

Como foi feita a recepção e integração na região ou cidades? Como o grupo ou pessoas ajudaram no processo?

Então, não fui com a certeza, eu fui só com a cara e a coragem mesmo e sabendo que eles moravam lá. O alojamento não era na obra, era dentro do depósito de material de construção. Aí trabalhei, trabalhei até fazer os 18 anos de ajudante de pedreiro. Aí quando eu fiz 18 anos, falei, era serviço informal, sem registro. Aí como eu te falei, eu queria estabilidade. Falei, não, eu quero arrumar um serviço registrado, né? E aí eu conto até no livro, né? Que eu tava, fui pintar, primeiro fui ser pintor, né? Daí eu tava no trem e daí foi, tava falando lá de uma fachada e daí foi onde Falei lá de uma fachada de prédio, tinha um cara do lado me ouvindo, e ele tava precisando de alguém pra fazer esse tipo de trabalho.

E aí se conhecemos dentro do trem. E aí foi onde eu trabalhei 12 anos pra esse cara, que é o Antônio Carlos, aí que eu cito no livro. Conhecido como Toninho, né? Então eu trabalhei 12 anos pra ele. E eu virei encarregado na empresa dele. E depois de 12 anos eu abri a minha, saí, falei com ele, abri a minha, conto no livro. E hoje a minha tem 16 anos. E aí foi só crescimento, graças a Deus. Então esse ano tá fazendo 30 anos que eu saí de casa. Dia 15 de novembro. Agora vai fazer 30 anos.

Quais elementos você considera que levaram ao êxito da migração?

Aí também tem um detalhe, a vontade de vencer é muito grande. Como eu digo no livro, falei para o meu pai que se Deus quisesse, desse tudo certo, daqui a 10 anos eu não voltaria. E se eu não conseguisse conquistar nada, eu não voltaria mais nunca. Saí determinado e com uma promessa para o meu pai. Então trabalhei 12 anos, trabalhei dois anos informal. E mais 12 para esse meu ex-patrão. E eu trabalhei 12 anos sem férias. Quer dizer, 14, né? Os primeiros dois anos sem informal. E mais 12 para esse cara que eu conheci aí. Então eu trabalhei 14 anos direto. Sem tirar férias, sem ver meus parentes, sem falar com ninguém. Naquela época

não tinha telefone. Era... quem tinha telefone era muito rico, né? Então a gente não tinha acesso a isso. O orelhão, né? Então aí em Conceição não tinha orelhão, só tinha um lugar que fazia ligação, que era uma... Uma centralzinha que tinha aí que... Enfim, era bem complicado a comunicação. Então fiquei esses 14 anos sem comunicação com a minha família.

Qual era o contexto político, econômico e social do município no período?

Então, ó, que eu me lembro nessa época não tinha esse auxílio que tem hoje, auxílio Bolsa Família, Vale Gás, não tinha nada disso. A única coisa que tinha nos anos secos era a emergência.

Você considera que esse contexto foi determinante para a migração? Saíram muitas pessoas no período?

Sim, a gente não conseguia trabalho, porque ali eles trabalhavam, era o dono do mercadinho, aí botava o filho, sobrinha, sobrinho, então a gente não tinha oportunidade. Na época era assim, era os armazéns chamados de bodega, né? Eram os depósitos maiores. Posto de gasolina só tinha um, que era aquele ali perto da ponte, quando vai pro bairro Nossa Senhora de Fátima.

E, cara, evoluiu um pouco em questão de lojinha de roupa, essas coisas, não tinha. A feirinha era dentro do mercado antigo, né, e o mercado só abria dia de sábado, né. Então era bem escasso mesmo, era pior que hoje assim, mas era basicamente a mesma pessoa. E aí não tinha emprego. Quem trabalhava pra prefeitura, igual hoje, tinha alguma coisa, e quem trabalhava pro estado. Os empregos era esse, era estado e prefeitura. Mas auxílio que nem hoje, que tem Bolsa Família, Vale Gás, não sei o que, como é, pescador. A agricultura, que hoje tem a agricultura familiar, não tinha nada desses direitos naquela época, nada.

Como você interpreta a migração como única forma para sua elevação social?

É, exatamente, porque assim, eu não via, eu não via porque assim, meu espelho era meu pai, então meu pai já tinha na época acho que uns 50, 60 anos, acho que tava já com uns 60 anos quando eu saí daí, exatamente, acho que 60 anos ele tinha, quando eu saí em 94. E meu pai sempre trabalhou, foi um cara trabalhador e não conseguia nada, sabe, trabalhava, morava na terra dos outros, né, pagava aquelas... A meia, né? Que fala, né? O cara dava a terra e a gente plantava, cuidava, fazia tudo e dava a metade no final pro dono da terra, né?

Então, eu vendo aquilo ali, como eu também não tive a oportunidade de estudar muito, né? Porque já comecei a trabalhar adorno de novo. Então, a questão do estudo, eu tinha estudado só até a quarta série, né? Então eu falei, não, eu preciso, a minha vontade de sair daqui, eu não via possibilidade de crescer nesse local, devido às condições que eu tinha, né? De um garoto, filho de agricultor que morava na roça, né?

Então eu vi uma chance que era, eu vi as pessoas que iam e conseguiam alguma coisa, por mais que voltava de dois em dois anos, mas voltava com dinheirinho, né? E eu consegui, acredito, porque eu perseverei, né? Fiquei muito tempo longe de tudo, acreditei e me tornei profissional na área que eu sou, né? Que é por isso que eu abri a minha empresa e deu certo, né?

E basicamente é isso, o meio que eu vi de crescer era se eu fosse embora, porque aí mesmo, tanto é que eu te falo mais, quando eu juntei o dinheiro tudo pra ir embora, o meu cunhado, ele queria que eu abrisse uma, fosse pra Juazeiro pra comprar calçado pra vender. Só que eu vi aí, já tinha um monte de pessoas que vendiam calçado aí dentro do mercado central, inclusive meu padrinho. E aí eu falei, não, não quero, meu sonho é ir para São Paulo. Então eu fui, ele até insistiu para eu fazer isso, mas eu não, meu sonho era ir para São Paulo. Eu sabia que lá eu ia conseguir alguma coisa.

Você interpreta a migração como manifestação de liberdade ou de necessidade?

A minha foi mais de necessidade. Eu queria muito chegar no final do ano, ter um dinheirinho para comprar uma roupa nova, para ir para aquelas festas de final de ano que sempre teve em Conceição. Então a gente nunca tinha dinheiro, nunca tinha dinheiro. Trabalhava o ano inteiro e nunca tinha dinheiro, porque no ano que o inverno era mais ou menos, aí dava alguma coisa, mas aí a gente guardava para poder comer e plantar no outro ano.

Então a gente trabalhava meio que não tinha dinheiro, então eu achava isso muito ruim, sabe? Aí você trabalhar o ano inteiro e no final do ano não ter dinheiro pra comprar roupa, pra ir pra cidade, pras festas, sabe? Então no meu caso foi necessidade mesmo, eu queria algo melhor pra minha vida e poder ajudar meu pai, né? Foi necessidade.

Você tem vontade de retornar de vez a Conceição?

Sim, pretendo... eu adoro minha cidade, retorno depois dos 14 anos, eu retorno todos os anos, é que eu retornei depois de 14 anos, mas hoje todos os anos e agora tem ano que eu vou 5 vezes aí. E assim, não, minha aposentadoria eu pretendo, mas hoje eu tenho seis irmãos que migrou aqui pra Fortaleza. Então hoje eu tenho um apartamento aqui, né, na beira-mar, graças a Deus. Então, eu tô aqui, inclusive, né?

Então, assim, eu pretendo ir aí, estar sempre visitando mais... morar, voltar pra aposentadoria aí não, porque eu acho que ainda é muito atrasado, sabe? Acostumei com a vida urbana, mais agitada, com as coisas da cidade. Também tenho filhos, né? E também não se adaptaria a isso. Tenho uma menina nova de seis anos. Eu pretendo me aposentar daqui a quatro anos, se Deus quiser. Com 50 anos, quero parar minhas atividades.

Mas vou deixar a minha empresa... funcionando, né, com meus engenheiros e responsáveis,

mas eu quero ficar comandando de longe, né? Mas a minha aposentadoria, pra te falar a verdade, eu quero viver em três lugares. Quero viver um pouco em São Paulo, um pouco em Fortaleza, aqui no Nordeste, aí em Conceição, visitando, e em Portugal. Tô pretendendo comprar um imóvel em Portugal pra passar a época do verão lá também. Então esse é o meu projeto de vida, se Deus quiser.